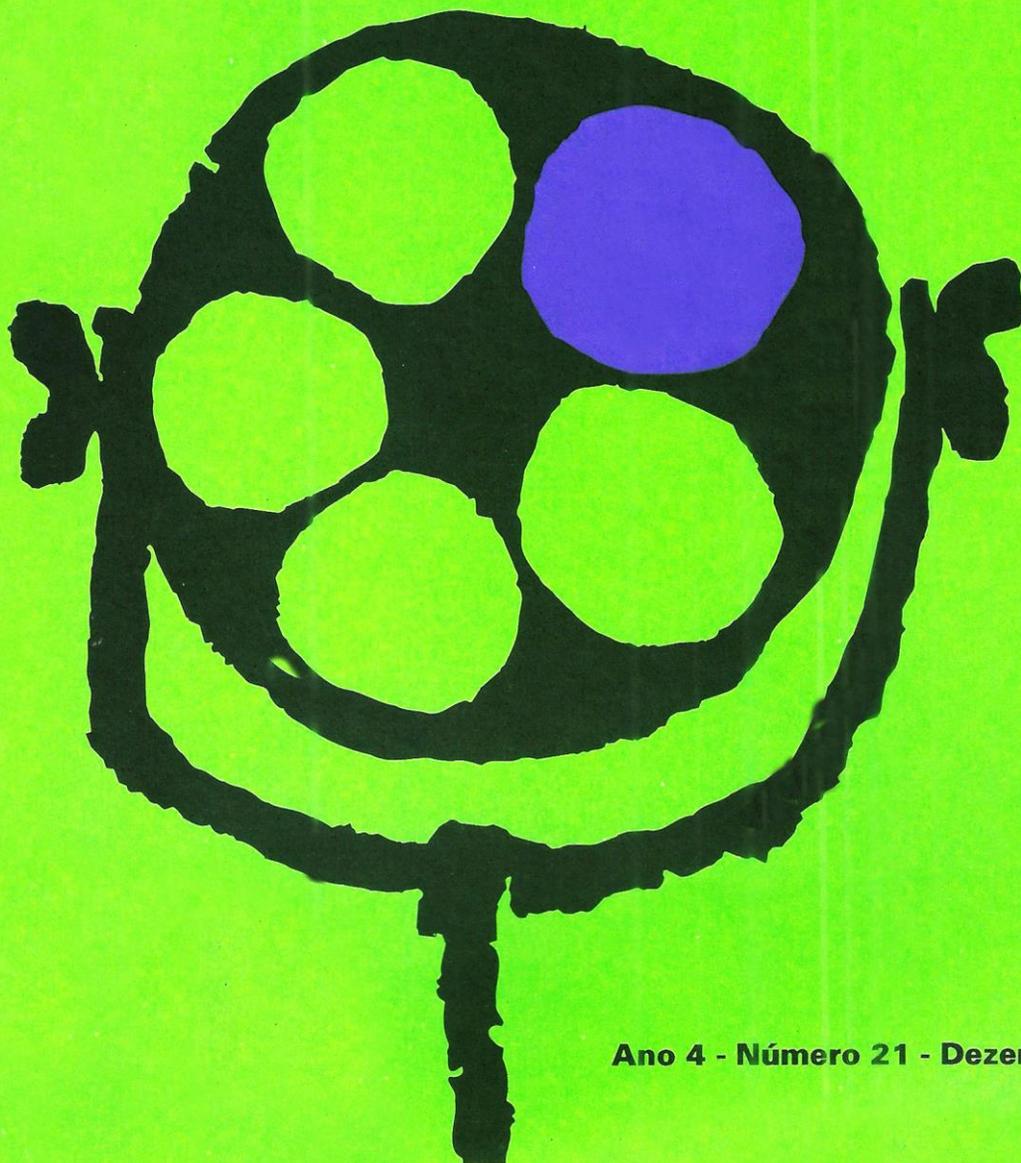


# teatro da juventude



**Governo do Estado de São Paulo**  
**Secretaria da Cultura**



Ano 4 - Número 21 - Dezembro de 1998



# Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo  
Secretaria da Cultura



# Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

**Mário Covas**

**Secretário de Estado da Cultura:** Marcos Mendonça

**Assessoria de Artes Cênicas:** Analy Alvarez

Esta revista foi recriada em agosto de 1995, por iniciativa de **Carlos Mecen** e apoio dos demais membros da **Comissão de Teatro do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas**, composta na época por:

Afonso Gentil  
Analy Alvarez  
Efrén Colombani  
Luiz Amorim  
Vera Nunes  
Zecarlos de Andrade

---

## Teatro da Juventude

Ano 2 - número 21 - Dezembro de 1998

**Supervisão geral:** Tatiana Belinky

**Editora:** Erné Vaz Fregni

**Revisão:** Jônatas Junqueira de Mello

**Produção:** Glória Inês Barbosa dos Santos

**Editoração eletrônica:** Peter Kompier

**Impressão:** Imprensa Oficial do Estado S. A. - Imesp

**Tiragem:** 10 mil exemplares

**Distribuição:** gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

**Capa:** Flávio Império (in memoriam)

**Comissão de Teatro**

Rua Mauá, 51, 3º andar

Praça Júlio Prestes São Paulo - SP

CEP 01028-907

# EDITORIAL

# 1999

vem aí. Estamos no final do ano - tempo de planejar e festejar com muito otimismo o novo ano que se aproxima.

Considerando que é o último do milênio, este ano tem que ser muito bem planejado. Para ajudá-lo na parte que nos toca - o teatro - preparamos para você uma edição especial. Desta vez apenas com textos para adolescente / adulto, considerando os inúmeros pedidos de textos provenientes de grupos das mais variadas cidades.

Nesta edição, portanto, você encontrará textos de alguns dos mais importantes autores brasileiros e que marcaram época. "A Lira dos Vinte Anos", de Paulo Cesar Coutinho, situa-se em 1968, um período difícil de repressão vivido no país que ceifou muitas vidas, principalmente de jovens estudantes. "O Crime da Cabra", de Renata Pallottini é uma divertida estória estreada em 1965 que deu a autora os prêmios *Molière* e *Governador do Estado* daquele ano e, em 1967, encenada no Porto, em Portugal, para o Concurso de Arte Dramática do SNI, recebeu o primeiro prêmio de Comédia. "A Receita", de Jorge Andrade, foi apresentada na 1ª Feira Paulista de Opinião realizada na capital paulista em 1968. Com sua habilidade peculiar, Jorge Andrade consegue, numa deliciosa peça de 20 minutos, escancarar aspectos de problemas sociais, agrários e de saúde que são vitais para o país.

Agora, a grande surpresa é a seção Depoimento, desta vez com ninguém menos que **Eva Wilma** revelando "O que é ser ator". A atriz que há 45 anos vem atuando no teatro, cinema e televisão, conta algumas de suas façanhas, fala sobre técnicas de atuação e muitas outras coisas mais. Confira. Devido ao espaço ocupado por esta matéria, deixamos de publicar a seção "Livros" que retornará na próxima edição. Esperamos que você aproveite a TEATRO DA JUVENTUDE e tenha um bom 1999!

**Erné Vaz Fregni**

## TEATRO, A PORTA DO UNIVERSO



Tenho 65 anos de idade e faço teatro desde 1950, iniciando nas artes cênicas no Salão principal da Igreja de Santa Maria Madalena, em São Paulo, como Congregado Mariano. Trinta anos depois, à partir de 1980, já casado, com 5 filhos e 10 netos, ousei dirigir jovens de ambos os sexos, aqui em Amparo. Ousei mais, ao escrever textos teatrais. Possuo oito comédias, um drama sobre a escravidão no Brasil e um épico sobre a Independência, todos representados em praça pública, escolas, entidades de benemerência. Sou paulistano do Bixiga, tendo sido agraciado, graças ao teatro e a bondade dos senhores vereadores da época (1992), com o título de cidadão amparense. Sou ainda membro da União Brasileira de Escritores e Presidente da Academia Amparense de Letras. Devo tudo isso ao teatro. Mas o motivo pelo qual escrevo é a satisfação de ver na *TEATRO DA JUVENTUDE* tantas pessoas, professores, grupos de teatro, solicitando textos, o que indica que a arte de representar está crescendo a cada dia em quantidade e qualidade, confirmando o que sempre disse aos jovens dos grupos de teatro de Amparo. "O Teatro é a Porta do Universo. A primeira profissão do mundo não é a prostituição. É o teatro, pois um bebê, ao ver negado um desejo seu, faz 'beicinho'. Ele está representando".

*Aqui em Amparo temos 5 grupos amadores, e eu... Estou feliz e me sinto realizado. Rogando a Deus pela vossa saúde e pela dos que vos são caros.*

**Roberto C.G. Madureira**  
Assessor de Cultura da Prefeitura  
Municipal de Amparo  
Amparo - SP

## QUEREMOS A TEATRO DA JUVENTUDE



Parabéns a equipe responsável pela revista *TEATRO DA JUVENTUDE*. Conheci apenas um de seus exemplares e fiquei encantado. As peças são perfeitas para trabalharmos em sala de aula. Possuem textos de fácil compreensão e bom número de personagens. Achei sensacional para os trabalhos que desenvolvo. Gostaria de receber a coleção completa da revista. Afirmando que será de grande utilidade, pois o teatro está presente em todas minhas aulas. Leciono para alunos do maternal, pré escola, ensino fundamental, 1º colegial, grupo de crianças carentes e grupos de canto coral cênico.

**Célio Colella**  
Colégio Brasília; Externato Rio Branco,  
Studio Piano e Violão; Centro  
Comunitário Nossa Senhora de  
Guadalupe  
São Bernardo do Campo - SP

 *A coordenação pedagógica do Colégio Objetivo, Unidade Rio Claro, solicita à Comissão de Teatro o envio para a nossa Escola da edição bimestral da revista TEATRO DA JUVENTUDE, a qual será de grande valor pedagógico pois estará oferecendo subsídios para os professores que atuam nessa área, além de fortalecer no nosso grupo de teatro em atividade e enriquecer o nosso acervo da biblioteca. Aguardamos para o mais breve possível a referida solicitação e, antecipadamente agradecemos.*

*Elsó Sidinei Masson  
Colégio Objetivo  
Rio Claro - SP*

 *Através desta, solicitamos de V. Sas. os exemplares do nº 01 ao atual da revista TEATRO DA JUVENTUDE e, se possível, manter em vosso cadastro nosso colégio, para que possamos receber regularmente suas publicações, o que facilitaria muito o nosso trabalho. Agradecemos antecipadamente.*

*Paulo Siderlus Borragine - Diretor  
Colégio Morumbi Sul  
São Paulo - SP*

 *Sou professora de português do 2º Grau do Colégio Morumbi Sul Unid. I, e somente agora tomei conhecimento da revista TEATRO DA JUVENTUDE e gostaria de recebê-la normalmente, pois achei muito interessante e de suma importância para os meus estudos e pesquisas. Atualmente faço parte do grupo teatral do colégio e melhoraria muito nosso trabalho com adolescentes. Diante do exposto, venho solicitar, se possível, todos os exemplares da revista, inclusive os atrasados, pois tenho*

*proposta de teatro também em outros colégios. Na medida do possível, pedimos a sua colaboração que será de grande ajuda.*

*Rosilene Vieira de Souza - professora  
Colégio Morumbi Sul Unid. I  
São Paulo - SP*

 *Sou diretora da Escola da Chapada, uma Estação Experimental de Educação Ambiental, no interior do sul do Ceará. Além de oferecer cursos de Educação Ambiental, a escola mantém mais uma atividade educacional, uma Oficina de Teatro para ampliar o conhecimento e a cultura de uma comunidade carente, mas participativa. Passar a receber continuamente a revista TEATRO DA JUVENTUDE seria para nós um grande privilégio, pois com certeza superaríamos a enorme dificuldade que é conseguir textos e poder trabalhar orientados por pessoas especializadas. Isso garantiria a existência da nossa oficina. Espero que vocês entendam o quanto é importante e valiosa essa contribuição.*

*Luceni de Alencar Cysne  
Escola da Chapada - Serra da Guritiba  
Município de Santana do Cariri-CE*

 *A Associação Cultural, denominada TEM - Teatro Experimental Mogiano vem solicitar, mui respeitosamente, as edições da revista TEATRO DA JUVENTUDE de agosto de 1995 a setembro do corrente ano, com o objetivo de suprir as escolas da região de peças e artigos teatrais, estimulando a produção artística entre elas. Informamos que a TEM é a Associação Cultural mais antiga da região, fundada em 1966 e atuante desde 1965, que conta com*

*mais de 50 integrantes e atende cerca de 800 pessoas mensalmente, em cursos e oficinas, além de apresentações, esquetes e performances teatrais.*

*Atualmente, oferece assistência técnica em teatro para escolas de quatro cidades da região, bem como promove oficinas e workshop de capacitação pedagógica em artes (dança, canto, artes plásticas, literatura, etc.), para as instituições de ensino abrangidas pela Delegacia de Ensino de Mogi das Cruzes, em torno de 89 escolas.*

*Desta forma, estamos certos de que o material solicitado irá contribuir para a difusão do teatro em nossa região, com o auxílio da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Com os maiores votos de paz e fraternidade.*

**Robson dos Santos**  
**Teatro Experimental Mogiano**  
**Mogi das Cruzes - SP**

 *Tomamos conhecimento da revista TEATRO DA JUVENTUDE através da Fundação de Cultura de MS. Gostamos muito e queremos nos cadastrar para também recebê-la. Somos um Grupo de Teatro em atividade desde 1984. Somos reconhecidos como de "Utilidade Pública", pelos serviços prestados à comunidade. Somos, pela formação, um grupo de pesquisadores de linguagens teatrais. Neste momento, estamos ligados ao Fórum de Cultura de nova Friburgo, um movimento de artistas pela promoção e discussão das artes e de políticas culturais em nosso município.*

**Raquel Nadel - diretora**  
**GATDE**  
**Nova Friburgo - RJ**



*Conhecemos a revista TEATRO DA JUVENTUDE através da Secretaria de Ação Cultural do nosso município que nos enviou os treze primeiros números. Vocês estão de parabéns pelo excelente trabalho que nos deixou maravilhados, professores e alunos. Gostaríamos de continuar recebendo a revista a partir do nº 14 (inclusive), bem como outros materiais relacionados as artes em geral. Agradecemos a atenção, cumprimentando-os novamente pela riqueza da publicações.*

**Pedro Luís de Bastiani**  
**Centro Estadual de Educação Supletiva**  
**(CEES) "Prof. Antônio José Falcone"**  
**Piracicaba - SP**



*Vimos através desta parabenizar os envolvidos com este belíssimo trabalho chamado Teatro da Juventude, que tende a incentivar o espírito lúdico e crítico de todos os interessados nessa séria brincadeira de se fazer teatro. Gostaríamos de aproveitar o ensejo para solicitar a graciosidade de nos enviarem exemplares atuais da revista TEATRO DA JUVENTUDE (e ainda, se possível, os números 3, 4, 8, 9, 10, 11, 12 e 13), pois nosso grupo teatral possui apenas um ano de existência e precisa de muitos textos e depoimentos. Um muito obrigado e um grande abraço a todos.*

**Luciano H. Durante**  
**Grupo Já de Jaguariúna**  
**Jaguariúna - SP**



*Gostaria de receber, se possível, toda a coleção da revista TEATRO DA JUVENTUDE. Essa revista seria de grande colaboração para o trabalho que*

*desenvolvo com aspirantes à arte dramática na agência de atores Arte & Bsmbini e também para uma programação de integração e desenvolvimento social que realizo junto à população carente do conjunto José Bonifácio, em Itaquera, cujo programa baseia-se em jogos dramáticos, através dos quais busco maior entrosamento e consciência de equipe entre os participantes, além de desenvolvimento da coordenação motora e aprimoramento da percepção e sensibilidade.  
Agradeço o interesse e a colaboração.*

*Aírton Dupin Garcia-professor  
São Paulo - SP*



*Vimos por meio desta solicitar a revista TEATRO DA JUVENTUDE. Seria uma grande gentileza e nos ajudaria*

*muito porque estamos entrando na profissão. Acabamos de realizar a peça "Soltando o Verbo", publicada na revista em fevereiro de 96. As revistas nos ajudarão a dar continuidade ao trabalho.*

*Henrique Dias Mesquita - diretor  
Cia de Teatro Di-Arte  
Franco da Rocha - SP*

*Resp.: Lamentamos informar que os primeiros números da revista TEATRO DA JUVENTUDE estão esgotados. Quanto aos mais recentes, do 14 em diante, podem ser retirados na própria Secretaria do Estado da Cultura, no depto. de Artes Cênicas com Glória Inês (rua Mauá, 51, 3º andar - Praça Júlio Prestes), e nas Oficinas Culturais das cidades do Estado de São Paulo. Às solicitações de revistas para outros estados, estamos providenciando o envio.*

## ESCREVA PARA **CARTAS**

A seção **Cartas** é um canal direto entre você e a **Teatro da Juventude**.  
Comunique-se - por carta ou fax - enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.

MUDOU O ENDEREÇO, AGORA É:  
**Secretaria do Estado da Cultura**  
Revista Teatro da Juventude  
RUA MAUÁ, 51, 3º andar  
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP  
**CEP 01028-907**



# SUMÁRIO

## Depoimento

<b>O que é ser ator</b> .....	12
Eva Wilma*	

## Textos

### **Adolescente/Adulto**

<b>A lira dos vinte anos</b> .....	21
Paulo César Coutinho	

<b>O crime da cabra</b> .....	55
Renata Pallottini	

<b>A receita</b> .....	101
Jorge Andrade	

## O QUE É SER ATOR

Eva Wilma \*

**M**inha trajetória no palco começou com a dança. Eu estava prestes a me tornar uma bailarina clássica quando fiz uma das escolhas mais difíceis em minha vida - lembro como se fosse hoje -, deixar meu projeto de ser uma bailarina clássica, porque eu sabia que, para concretizá-lo, teria que sair do país. Optei por ficar e ir à luta pela sobrevivência, aos dezoito anos de idade. Optei por continuar com o *ballet* dentro e fora de mim, falando, representando. Escolhi o ofício de atriz. Tinha recebido três convites simultâneos: pertencer ao Teatro de Arena, o primeiro grupo da América Latina, do José Renato. Ficamos dois anos fazendo teatro em fábricas, em casas particulares, em clubes, até construirmos a nossa sala de espetáculo, o atual *Teatro de Arena Eugênio Kusnet*. O segundo foi um contrato de cinema de dois anos e, por último, um contrato de televisão de um ano para um programa chamado "Namorados de São Paulo" que depois se transformou em "Alô Doçura" e durou dez anos no ar.

De lá para cá foram mais de 45 anos fazendo teatro, cinema e televisão. Saí do palco para o picadeiro (a Arena), portanto tenho uma noção muito clara do ofício do ator.

Até me angustia o fato de receber muitas cartas, do Brasil inteiro, com cerca de 80% delas dizendo: "quero trabalhar na televisão, me arranja um caminho". A televisão, como dizia Stanislav Ponte Preta, nosso saudoso Sérgio Porto, "esta máquina de fazer doido" veio para ficar. Ela é uma força de comunicação de massa muito grande e ilude as pessoas. E isto me angustia muito porque é preciso que as pessoas saibam o que é realmente o exercício do ofício de ator.

### O ofício de ser ator

O ator se comunica de corpo e alma inteiros no espaço cênico livre. Eu digo livre porque pode ser no palco, pode ser no picadeiro, pode ser no teatro de rua, pode ser até mesmo numa sala. Mas será sempre um ser humano que se comunica diretamente com outros seres humanos.

O teatro para mim é uma coisa

sagrada. Ele pertence ao ator. Embora você passe pelo texto que é a partitura, pelo diretor, que é o maestro, na hora da execução da obra, o ator é pleno em cena aberta. Ele é absoluto. Por isso, dizemos que no teatro, você pode ser um rei, uma princesa, uma mendiga, pode ser tudo. E você reina, no espaço da imaginação e da criatividade. Esta realização é indescritível. Então, a gente diz que o teatro é do ator. No cinema, quem realiza mais é o diretor, porque se filma por cenários. Às vezes, o trabalho começa na cena do final do filme, depois passa para a cena do meio. Na televisão também é assim e de uma forma absurdamente rápida. Costumamos dizer brincando que o teatro pertence ao ator, o cinema ao

diretor e a televisão, em última análise, pelo menos a TV aberta, ao patrocinador.

A carreira do ator, se colocar em termos porcentuais, é constituída de 10% de talento, vocação, intuição; 85% de trabalho, perseverança, esforço, disciplina e muito estudo; e 5% de sorte. O ator tem que aprender seu ofício na escola. Poderá até escolher um bom curso profissionalizante mas o ideal, após a conclusão do Ensino Médio, é prestar o vestibular e entrar para a Escola de Arte Dramática - EAD, aqui em São Paulo, que fica na ECA - Escola de Comunicação e Artes, na USP. Tem que começar por aí, e saber que é uma carreira difícilíssima, até porque

não existe mercado de trabalho. Tem que ter muito idealismo e muito pé no chão. Ao mesmo tempo que faz a faculdade, tem que tentar praticar. Como? Pesquisando os grupos de teatro profissional e alternativos e formando seu próprio grupo de teatro, seja na escola, no clube, em casa... E exercer seu ofício. Tem que praticar. Então, as pessoas que escrevem "me arranja um papel" e vivem naquela ilusão de que entrar na televisão é muito fácil, primeiro, têm que estudar mesmo e têm que se formar ator, e isto

é um sacrifício muito grande em nosso país. E precisam ter consciência de que em nosso mercado há uma guerra de faca e de foice. Viver do ofício de ator em nosso país é muito difícil, é muito complicado. Aqueles que sobrevivem disto

são heróis. E eu me coloco entre eles e tenho muito orgulho disso.

De ter conseguido sobreviver, muitas vezes até como arrimo de família, exclusivamente do meu ofício de atriz. Mas a custa do quê? De muitas vezes ter feito teatro e televisão simultaneamente. De encarar a dupla, a tripla e a quádrupla jornada de trabalho e mantendo a seriedade. Em 1976, às vésperas da *TV Tupi* falir, eu me propus a produzir uma peça, pela primeira vez, de minha iniciativa. Porque até então eu tinha coproduzido circunstancialmente. Eu queria estreiar com um texto que me falasse à alma. Não consegui texto brasileiro porque nós ainda estávamos

---

"Quem vive na ilusão de que entrar na televisão é fácil, primeiro tem que estudar muito."

---

em plena censura e a maioria dos bons autores brasileiros censurados. Em minhas mãos caiu o *Esperando Godot*, de Beckett, na tradução de Flávio Rangel. Imediatamente me apaixonei. O texto tem a poética do circo, tem a essência do teatro do absurdo, que fala sobre o nada, mas que mantém acesa a utopia.

Porque é um texto que fala que o Godot não veio hoje, mas vem amanhã sem falta. A palavra Godot vem de Deus, God, e é unida também com Charlô, de Charles Chaplin. É por aí que Beckett inventou este personagem que na peça não aparece e a gente passa o tempo todo esperando. Este God, tão poético como os personagens todos que o Chaplin criou. Durante todo o espetáculo espera-se por ele e vem sempre um emissário que diz:

"O senhor Godot mandou dizer que não pode vir hoje, mas que virá amanhã sem falta".

A idéia de montar o texto inteiramente com mulheres foi a primeira no mundo. Convidei Lilian Lemmertz para minha parceira, e nós convidamos Antunes para dirigir e Marcos Franco para coproduzir conosco. Contratamos duas atrizes geniais, Lélia Abramo e Maria Luma. Sem conseguirmos casa de espetáculo em São Paulo e no Rio, nas datas que desejávamos, resolvemos estreiar em Brasília. Tenho a grata lembrança, em meus recortes de como a imprensa saudou o nosso espetáculo. Uma das manchetes era "As flores e frutos de Eva". Eles estavam se

referindo à ousadia da concepção do nosso espetáculo. O nosso *Esperando o Godot* equivalia ao *Esperando a Democracia*. Até mesmo o texto do Antunes, no programa da peça, se intitulava *Esperando a Democracia*. Isto em maio de 1977, em Brasília, foi um acontecimento! Durante toda a semana, o público lotou o teatro, os estudantes vibraram.

De Brasília voamos direto para Manaus e de lá viemos descendo. Tínhamos o apoio de passagem para a equipe, transporte para cenários e os teatros agendados. E só. Em todas as cidades, eu me dirigia à Secretaria de Cultura

para pedir a estadia. Éramos uma equipe de nove pessoas. Fizemos 17 capitais e mais 13 cidades. Em quase todos os lugares, consegui estadia total. Houve uma só cidade, João Pessoa, na Paraíba do

Norte, em que o secretário pediu em troca três palestras para os grupos de teatro locais. Considerei como um presente a mais, esta grande troca. Hoje, existe lá um grupo famoso no mundo com um espetáculo chamado "Vau da Sarapalha". Foi premiado no exterior. É um grupo idealista formado por atores que, provavelmente, para ganhar a vida, têm que exercer outros ofícios também.

Então, o que é ser ator? Ser ator é isto. É essa batalha toda. É se equilibrar na corda bamba mesmo.

### **A evolução do ator**

Evoluir enquanto ator é não permitir que seu trabalho se cristalize e vire

---

"Evoluir enquanto ator é não permitir que seu trabalho se cristalize e vire uma mesmice."

---

uma mesmice. É você descobrir coisas novas dentro de suas potencialidades de ator. É continuar desenvolvendo seu trabalho, é continuar descobrindo novos gestos, novas possibilidades de interpretar. Mais de mil personagens que surgiram ou que poderão surgir ainda. E é isto que me alimenta - a criatividade. É a possibilidade infinita de novas descobertas, novas maneiras de me doar. Porque o ofício do ator, na essência, é uma doação. A gente está se doando, está dando todo o seu ser, todos os seus nervos, músculos, todo seu pensamento, a sua mente, seu raciocínio. Repetindo o que eu gosto de dizer sempre: o

texto é a partitura, o diretor é o maestro e o ator é o instrumento. Então, eu quero ter a possibilidade de ser muitos instrumentos.

Eu quero, como atriz, em um momento

conseguir vibrar no "pianíssimo", outra hora dar o som cheio, a gravidade do "cello", e outra hora atingir o virtuosismo do primeiro violino, do espala... Eu quero conseguir esta forma de realização. Porque isto me proporciona uma alegria imensa.

### **Processo de trabalho**

O ator tem que ter consciência da necessidade do aprimoramento dos seus instrumentos. Da sua técnica. Ele tem que ter preparo quase de atleta, preparo vocal, que vai desde a emissão da voz, a projeção dela, a dicção, a empostação, até a articulação. Para ser um intérprete, tem que se liberar de sotaques, para poder fazê-los quando necessário. São

técnicas de emissão de voz, técnicas de respiração, técnicas de seus instrumentos todos.

E, acima de tudo, tem que aprender a analisar um texto, a mergulhar nele. Grandes mestres já dissecaram isto. Stanislavski, por exemplo, foi um dos primeiros que racionalizou o método do ator.

No Brasil, Eugênio Kusnet (tive o privilégio de ser sua aluna) traduziu para nós o que é o método. Por exemplo, ele deixa claro o processo da "ação contínua", muito importante na televisão ou cinema, porque temos que ter, com muita clareza, a "ação

contínua" na cabeça. Ou seja, em cada cena, temos que saber em que estado estávamos na cena anterior e como é que estaremos na seguinte.

Isto o ator tem que estudar. Tem que sentar e estudar. Tem que ter isto muito claro, emocional e tecnicamente, até para poder fazer propostas para o diretor, que é o maestro. No trabalho em televisão isto conta muito porque o diretor não tem tempo de acompanhar a "ação contínua" de mais de trinta personagens de uma novela. E isto compete a cada ator, que tem que saber a sua "ação contínua".

Então, "ação contínua", "memória emotiva"... O que é memória emotiva? Se o personagem, ao abrir aquela cena, tem que estar num estado de total desespero, aos prantos, como é que o ator entra neste estado rapidamente? Ele tem que ter um

---

"O texto é a partitura,  
o diretor é o maestro  
e o ator é o  
instrumento."

---

poder enorme de relaxamento e concentração. Tem que se concentrar e mergulhar nas suas vivências. Para ajudar, temos também o esquentamento físico.

Eu, por exemplo, na televisão, como tudo é muito rápido, vou para traz dos cenários e corro de um lado para outro até esquentar. Depois disso, é mais fácil soltar as emoções. São várias as técnicas. Isto se aprende na escola. É necessário conhecer tudo isto para se tornar receptivo e, portanto, apto a transmitir emoções, pensamentos, idéias. Para atingir o estado emocional desejado, o ator pode usar experiências da sua vida, paralelas ao momento da vida daquele personagem. Isto é muito importante na televisão e no cinema.

No teatro, basta que o ator esteja realmente preparado física e emocionalmente.

Antes de entrar em cena, alguns exercícios vocais e físicos ajudarão o relaxamento e a concentração total.

É preciso muito cuidado porque, se entrar em cena para usar a voz em todos os potenciais sem esquentar as cordas vocais, poderá machucá-las. É preciso ter técnica. Quanto mais técnica tivermos, mais poderemos passar emoções. O ator deve desenvolver equilíbrio perfeito entre técnica e emoção. Quanto maior o perfeccionismo técnico, mais alto poderemos voar com as emoções. Uma vez em cena, a "ação contínua" será contínua mesmo e esta é a grande magia do teatro.

Durante o tempo todo do espetáculo, a

ação se desenrolará diretamente diante do público.

### **Entusiasmo - essência da criatividade**

A essência da criatividade está no entusiasmo que você sente bem dentro de si. Essa criatividade que o ator vai usar com muita técnica, com muito estudo, para transmitir algo para os outros. Para fazer os outros refletirem, pensarem, através da emoção, através do entretenimento, através do divertimento sim, mas, acima de tudo, através da reflexão. da vida, para torná-la melhor a todos.

A palavra entusiasmo vem do grego "ente-osmos", que significa "ter um Deus dentro". Então, a essência do ator

é isto - encontrar um deus dentro de si. Que vai se transformar em deuses, reis, rainhas, palhaços, bruxas... Por isso dizemos uns para os outros que "Os deuses do teatro nos

inspirem e nos protejam". Por isso que, para mim, os teatros são templos. Templos para refletirmos a vida através de emoções, através da beleza, através de todas as formas de criatividade que o artista, que os artistas encontram - autores, diretores e atores. Agora, no espaço cênico livre, que é o exercício do teatro, é um ser humano diante de seres humanos diretamente e isto vai sobreviver para sempre. Quanto maior a evolução da tecnologia, dos efeitos especiais, do nosso cinema, dos efeitos especiais do genial Spielberg, quanto mais evolua isto, mais vai permanecer como sagrado, a pessoa, o ator diante de uma pessoa. Na sua essência mais

---

"A essência do ator é encontrar um deus dentro de si."

---

pura que, em última análise, vê-se na poética de um grande palhaço, na poética de um grande Chaplin, quando ele está assim purinho, diante de outras pessoas.

**Obs.:** Vou continuar “esperando Godot” pelo resto da vida. Porque tenho certeza que, se ele não veio hoje, ele virá: no coração de cada um que tiver esperança.

---

\* **Eva Wilma**, uma das atrizes de maior importância no cenário nacional, há 45 anos atua no teatro, cinema e televisão. Fez mais de 30 espetáculos teatrais. Entre seus personagens, destacam-se a primeira *Bianca Dias*, de “O Santo Inquirido”, de Dias Gomes; *Catarina*, da “Megera Domada”, de Shakespeare; *Antígona*, de “Ato sem Perdão”, uma adaptação de Antígona, de Millor Fernandes; *Abigail*, das “Feiticeiras de Salém”, de Arthur Miller; *Blanche de Bois*, que “Um bonde chamado Desejo”, de Tennessee Williams; *ceginha Suzy*, em “Black-out”, de Frederick Knott. Recebeu todos os prêmios mais importantes no Rio de Janeiro e em São Paulo e com sua “Querida Mamãe”, de Maria Adelaide Amaral.

Fez 19 filmes, pelos quais também mereceu inúmeros prêmios. Entre eles, dois “Saci”, muitos “Governador do Estado” e “APCA”. Alguns dos filmes: *São Paulo Sociedade Anônima*; *Cidade Ameaçada*; *Feliz Ano Velho*; *Asa Branca, um Sonho Brasileiro*; *a Ilha*.

Na televisão fez muitos teleteatros ao vivo, os *seriados Alô Doçura*, *A de Amor*, *Confissões de Penélope*, *Mulher* (atualmente no ar, na Globo). Fez 30 telenovelas e muitos especiais. Entre estes, o “Negro Leo”, que, assim como a primeira fase da telenovela “O Rei do Gado”, transformada em minissérie e apresentada nos Estados Unidos e Europa, foi premiado no exterior.



# Adolescente/ Adulto

**A lira dos vinte anos**  
Paulo César Coutinho

**O crime da cabra**  
Renata Pallottini

**A receita**  
Jorge Andrade



# A LIRA DOS VINTE ANOS

Paulo César Coutinho  
(Peça para piano e pedras)

Esta peça é dedicada a uma geração que “tomou o céu de assalto”, pequenas aves que voaram alto antes do tempo.

*“A Lira dos Vinte Anos”, é uma referência ao livro do poeta Álvares de Azevedo, por analogia entre os jovens militantes de 68 e os grandes românticos do século passado. A repressão da ditadura militar, que cortou tantas vidas em seu início, tem por equivalência a tuberculose galopante daquela época, que matou inclusive o poeta da “Lira” aos vinte e um anos de idade. Em 68 minha mãe resistia ao massacre cotidiano tocando no piano da sala. Enquanto isso, nós, estudantes, resistíamos à polícia com pedras nas mãos. O som das teclas e o som das pedras se sobrepõem em minha memória como diferentes acordes de um mesmo concerto. Por isso, esta é uma peça para piano e pedras. Os estudos globalizantes das insurreições urbanas, que quatro anos após o golpe se desencadearam em todo o país, são objetos da História e da Sociologia. Este texto refere-se à vivência de algumas personagens naqueles dias explosivos. Corte localizado, traz sua visão de classe e faixa etária. Houve então militantes políticos mais sérios, profundos, revolucionários etc... Outros, bem menos. Fala-se aqui da história de indivíduos numa situação limite. Românticos, idealistas, adolescentes, se quisermos, com a distância dos anos. Mais sinceros até as últimas consequências, como é impossível esquecer. Os acontecimentos de que participaram foram, para eles, significativos a ponto de transformar ou pôr fim a suas vidas. Daí reverteram-se em figura ou fundo, junto a outras questões do coração.*

*O grupo que o texto aborda tem cerca de 20 anos e origem social de classe média da zona sul do Rio. São alunos do curso de História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, chamada em 68 de “Nanterre Brasileira”. Pertencem a uma ala de esquerda, e alguns deles se tornam adeptos do Foquismo, teoria que propõe a deflagração da luta armada pela instauração imediata de foco de guerrilheiro, a exemplo da Revolução Cubana.*

*O “pessoal dos Travassos”, citado em uma fala de oposição ao Dirceu, reporta-se a visões existentes na época. Recentemente, ambos militavam juntos no PT, quando a morte, mais uma vez contra-revolucionária, colheu Travassos num dia de carnaval. A referência ao Professor Manuel Maurício é uma tênue homenagem à memória de um querido amigo dos alunos. Outras saudades e vozes caladas falam através das personagens.*

Época: 1968

## PERSONAGENS

---

Lucas

Diogo

Regina

Marcos

Ninon

Clara – mãe de Lucas

Cremildo – professor reacionário

Bruno – assistente político-ideológico

Estudante assassinado

Vigia

### 1º ATO

#### Cena 1

#### “O Mar e a Liberdade”

*(Em frente à casa de Lucas.)*

**DIOGO** *(gritando)*: Lucas! Lucas!

**LUCAS** *(aparece num ponto mais alto)*:

Oi, você não vem estudar?

**DIOGO**: Hoje não dá, tá uma lua incrível, desce aqui.

**LUCAS**: Amanhã tem prova no cursinho.

**DIOGO**: Esquece um pouco esse vestibular, quero falar com você.

**LUCAS**: Peraí.

*(Desce.)*

**DIOGO**: Acabei de ler Maiakovski. Os burocratas só podiam mesmo odiar um poeta daqueles, eles mataram o cara. *(Pausa)* Eu entendi tudo...

**LUCAS**: Tudo o quê?

**DIOGO**: Tudo... Vamos até a praia... *(Saem correndo, brincando um com o outro, chegam à praia)* Que lua incrível! Essa é a luz que eu quero pro meu filme. Você ama Godard? Eu amo, é um gênio, revolucionou o cinema.

Você viu “Pierrot, le Fou?” *(Canta.)*

Au clair de la lune, mon ami

Pierrot, prête moi la plume, pour écrire un mot.

*(Diego deita no chão. Lucas senta-se ao lado dele.)*

**LUCAS**: Diogo, posso te falar uma coisa?

**DIOGO**: Claro! Fala!

**LUCAS**: Não! Deixa...

**DIOGO**: Ah! Fala, eu quero saber. O que é?

**LUCAS**: Você não acha que o mar tem a ver com a liberdade?

**DIOGO**: Não era isso que você ia me dizer... *(Pausa.)* Você já resolveu o que vai fazer da vida?

**LUCAS**: Sei lá, andar por aí, conhecer gente, fazer a Revolução...

**DIOGO**: Você não tem medo de morrer?

**LUCAS**: Não... Tenho medo de não viver.

**DIOGO**: Por que você resolveu estudar História?

**LUCAS**: Pra entender as coisas. Você também, não é?

**DIOGO**: É! Mas às vezes eu não sei se é por aí. A História deles é o contrário da vida.

**LUCAS:** Mas pra gente é uma arma.  
Outro dia perguntaram na prova em que ano caiu o Império Romano no Ocidente. Avaliando que nós, os bárbaros, já estamos às portas da universidade, respondi que o Império vai cair agora, em 68.

**DIOGO:** Avaliando que quem corrige as provas é a civilização decadente, você vai é levar pau no vestibular. Cara, você voa durante as aulas, não sei como é que se dá bem. Quando entrei pro curso, te achei muito estranho.

**LUCAS:** Eu também te achei diferente, tão sério com dezessete anos, meio o menino precoce. Às vezes o professor tava lá falando e eu ficava te olhando...

**DIOGO:** É, eu notava que você me olhava. Por que hein?

**LUCAS:** Eu gosto de olhar as pessoas... Mas você também me olhava. Por quê?

**DIOGO:** Também gosto de olhar as pessoas.

*(Silêncio.)*

**LUCAS:** Não era só isso... É que era bonito imaginar Aknaton, Alexandre ou Robespierre com a sua cara.

**DIOGO:** Não gosto de ter a minha cara. Já tive até vontade de me deformar pra ter certeza de que as pessoas procuravam por mim, não pelo meu rosto.

**LUCAS:** E você não consegue perceber quando alguém te vê pelo que você é?

**DIOGO:** Em geral é difícil, tenho o pé atrás. Mas às vezes a gente sente. Acho que a beleza não tá só numa pessoa, é algo que surge

dê um encontro. A beleza é tão outra coisa... É o que eu sinto com você e isso me dá medo.

**LUCAS:** Por que medo?

**DIOGO:** Porque é novo, não sei definir, não sei aonde vai me levar e de todo o jeito eu quero ir.

**LUCAS:** Eu também tinha medo... De que você não sentisse assim, não tivesse coragem.

**DIOGO:** Uma vez, quando eu era garoto, meu pai me pegou abraçado com outro menino. Botou ele pra fora de casa, e me deu uma surra. Nem sabia por que tinha apanhado, e nós nunca mais falamos nisso. Tive namoradas e gostava delas, mas nunca deixei de achar que o amor acontece com qualquer pessoa, assim...

**LUCAS:** É, o amor acontece assim...

**DIOGO:** Eu agora quero correr todos os riscos por você.

**LUCAS:** Me dá um beijo?

*(Diogo beija Lucas na boca.)*

## Cena 2

### “Tou contigo e não abro”

*(Marcos e Regina correm um para o outro numa praça.)*

**MARCOS:** Tou contigo e não abro.

**REGINA:** Meu querido, você está todo machucado!

**MARCOS:** É! Foram seus irmãos...

**REGINA:** Filhos da puta! São uns covardes, machistas!

**MARCOS:** Me defendi, mas eles eram três, levaram a melhor, cheguei a ficar a nocaute no meio da rua.

**REGINA:** Juro que mato esses caras se eles te tocarem de novo! A maluca da minha mãe cismou

que eu tinha que fazer um exame ginecológico, pra ver se ainda era virgem. *(Ri.)* E o pior é que sou, né? Mas me recusei a ir, e aí ela fez um escândalo, e os três machinhos ficaram berrando, me proibindo de te ver. Eu disse que a “honra de uma mulher” não tá numa frágil película entre as pernas, e responderam que vou acabar na zona.

**MARCOS:** Eles ligaram lá pra casa, meu pai veio me dar esporro, que é bem feito que quebraram a cara, que com menina de família a gente não se mete, com tanta programeira por aí. Além de tudo você é goy.

**REGINA:** Sou o quê?

**MARCOS:** Não é judia... Eu disse que te amava, ele cortou minha mesada, e me ameaçou mandar para Israel.

**REGINA:** Entre minha família e a sua, não sei qual é a pior. Não tem mais nada a ver continuar com eles, a gente precisa morar junto.

**MARCOS:** Eu tenho uma surpresa para você.

**REGINA:** Qual é?

**MARCOS:** Arranjei um emprego!

**REGINA:** Marcos! Ô, meu amor! De quê?

**MARCOS:** Meio expediente! Num jornal, uma miséria... Mas dá pra gente alugar um quarto no solar da fossa. Já fui lá combinar tudo! Topas?

**REGINA:** Se quero? Claro que quero! Agora!

**MARCOS:** Só que a grana não dá pra gente comer.

**REGINA:** Amanhã eu parto para procurar trabalho também.

**MARCOS:** E o vestibular?

**REGINA:** A gente larga o cursinho e estuda junto, o que é muito melhor. *(Pausa.)* Hoje vai ser nossa primeira noite de liberdade sem hora de voltar para casa. Já pensou que bom acordar juntos?

**MARCOS:** Regina, minha rainha! Eu sempre fui um cara tão medroso, tão filhinho de papai, você me tirou daquela prisão, me deu tudo!

**REGINA:** Será que você não vê que é porque você também me deu força? Eu nunca tinha sido rainha antes. *(Os dois se abraçam.)* Deixa eu ir pegar as minhas coisas. A gente tem a vida toda pela frente, mas tô com muita pressa, não quero mais perder tempo nenhum!

*(Sai correndo.)*

### Cena 3 “Estou doida pra dar”

*(Ninon e Regina e Bruno mais tarde.)*

**NINON:** Você não imagina o que aconteceu...

**REGINA:** Não me diga! Não acredito!

**NINON:** Quer dizer, mais ou menos.

**REGINA:** Mais ou menos?! Mas foi ou não foi?

**NINON:** Vou te contar! Ontem fui a um bar com o Bruno, nós ficamos horas discutindo.

*(Regina continua sentada assistindo à cena que comenta. A luz mostra Bruno numa mesa de bar. Ninon senta-se com ele.)*

**BRUNO:** Você age como uma burguesa preconceituosa. Os seus problemas são ideológicos, onde já se viu uma militante gastando

uma fortuna com analista porque não consegue ter relações sexuais? Isso são deformações da classe, que só se resolve na prática.

**REGINA** (para o público): Conheço essa cantada ideológica. O cara tá afim de comer e fica questionando a sua vacilação em dar como caráter de classe.

(Ninon e Bruno entram num quarto de hotel. Ninon para diante da cama.)

**NINON:** Ai, que horror!

**BRUNO:** Que foi?

**NINON:** Essa cama tá imunda! Olha só, o lençol tá amarelo de sujo!

**BRUNO** (agarrando Ninon): Ora que bobagem, vai ligar pra isso?

**NINON:** Aqui não! Aqui não! Vamos a outro lugar, eu tenho dinheiro.

**BRUNO:** E você acha que eu vou aceitar o seu dinheiro pra pagar o hotel?

**REGINA** (para o público): Olha que machista, nessa hora não vê que ideologia é essa do "homem aqui é quem paga".

(Bruno joga Ninon na cama e deita-se por cima dela. Ela treme dos pés à cabeça.)

**BRUNO:** Você tá tremendo!

**NINON:** Estou com frio!

(Bruno beija Ninon e tenta abrir-lhe as pernas, ela continua dura e tremendo.)

**BRUNO:** Deixa eu te esquentar... Calma, neguinha, abre as perninhas, abre, eu vou te comer todinha, vou te mostrar como homem é gostoso... (Pausa.) Assim não dá, você tá trancada!

**NINON:** Eu estou relaxada.

(Bruno se levanta furioso, gritando.)

**BRUNO:** Assim não dá! Assim não dá! Sua reacionária!

(Bruno sai, Ninon senta-se na cama.)

**NINON** (para Regina): Aí ele foi embora...

**REGINA:** Ótimo! É bom mesmo que você não veja mais este cafajeste!

**NINON:** Não é cafajeste! É um companheiro...

**REGINA:** Ah, e não tem companheiro cafajeste? São todos perfeitos... Essa deformação burguesa, de que ele vive falando para se afirmar, tá mais nele do que em você. Também, por que você não deixa a coisa acontecer, em vez de ficar desesperada querendo perder essa virgindade? Já não sei com quantos você já foi para a cama e chega lá é um desastre!

**NINON:** Meu analista disse que eu tô melhorando.

**REGINA:** Esse é outro de quem você precisa se livrar! Você não vê que esse cara não saca nada, não tá te ajudando? Há anos que te explora, escarafunchando a sua infância, e não trouxe nenhuma mudança ao seu presente.

**NINON:** Mas você sabe que eu não superei ainda o meu complexo de Electra, é por isso que não consigo ter relações genitais.

**REGINA:** Ora, Ninon, não é nada disso, isso é pura fábula! Você é insegura, não encontrou ainda uma pessoa que te aceite, que te ame. E fica nessa ansiedade, se comparando com as outras. Cada pessoa tem seu tempo. Você fingindo que tem amantes é a mesma coisa que essas meninas de subúrbio que vão para a cama e fingem que são virgens, a

mesma preocupação em não ser diferente. Ninguém tem nada a ver com a sua vida nem com a porra da sua origem de classe. Se a sua família nada em dinheiro, isso não é pecado original seu. Se não fosse assim, seria difícil explicar como é que aqueles príncipes russos passaram para a redenção.

**NINON:** Disso eu sei! Mas eu queria ver é encararem o sexo com naturalidade sendo filhos de Catarina, a Grande!

**REGINA:** Mas o que é que a vida sexual tem a ver com a sua mãe?

**NINON:** Não sei, mas acho que como ela só faz trepar, e sair nas colunas sociais, acabei virando puritana, com medo de ser puta como ela.

**REGINA** (*enternecida*): Você é muito diferente dela pra ter que ficar se provando que é o contrário. Você vai encontrar o amor, você vai ver.

**NINON:** Puxa, Regina, acho que você é uma mulher tão incrível! Tão segura, tudo para você é fácil... Teve até coragem de sair de casa sem dinheiro. É por isso que a sua relação com Marcos é assim revolucionária.

**REGINA:** Não é! (*Sonhadora*.) O homem novo é um ideal. Mas nós não somos assim ainda, talvez não sejamos nunca. Estamos só abrindo caminho...

#### **Cena 4** **“PRECE”**

(*Clara tocando piano. Lucas entra e espera que ela termine.*)

**LUCAS:** Mãe.

**CLARA** (*volta-se sorridente*): Você estava aí?

**LUCAS:** Passei no vestibular.

**CLARA:** Ô Lucas! Que maravilha! (*Levanta-se e o abraça.*) Vamos celebrar.

(*Tira de um balde uma garrafa de champanhe, que entrega a Lucas para abrir.*)

**LUCAS:** Como é que você sabia?

**CLARA:** Li no jornal que saía hoje o resultado, tinha certeza de que você ia passar, deixei o champanhe no gelo. (*Lucas estoura o champanhe. Clara sorri, estende as taças que ele serve.*) A você e à História!

**LUCAS:** A nós e à História! (*Brindam e bebem.*)

**CLARA:** Seu pai vai dizer que é uma loucura. (*Ri.*) “Nós não criamos esse menino para ser um professorzinho, ele vai morrer de fome, o mercado de trabalho está cada vez pior, ele não tem orgulho, não tem ambição?” Não, felizmente não tem ambição nenhuma por dinheiro, status, todas essas coisas mesquinhas. Meu filho é um idealista, eu disse isso a ele – quer estudar História e fazer a Revolução. (*Pausa.*) Vem sentar junto de mim.

(*Sentam-se.*)

**LUCAS:** Que música é essa que você toca sempre?

**CLARA:** “Prece”, um tema antigo, esquecido. Foi composto por meu professor de piano, Alberto Nepomuceno, uma figura linda com sua cabeleira branca. Dizia que um concerto vale por dez aulas. (*Pausa.*) Hoje eu quero te falar de mim, te contar muitas

coisas...

**LUCAS:** Eu sempre quis saber, essa música...

**CLARA** (*após um silêncio*): Tudo era muito quieto. Quando eu era menina não tinha com quem falar, não podia sair, vivia presa. Mesmo no verão a gente só mudava de prisão, subindo a serra. Meu pai me fazia estudar horas a fio no piano. Colocava copos entre meus dedos para ficarem mais largos, batia neles com uma vara se eu errava. Podia ter ficado louca, mas a música me tomava, era uma paixão. (*Sorri.*) Se ele soubesse, teria proibido, só aceitava regras, deveres, nunca a alegria.

**LUCAS:** Que horror! Mas você tocava piano, falava línguas, por que não fugiu de casa, foi trabalhar, ser concertista, sei lá...

**CLARA:** Eu tinha medo. (*Pausa.*) Ele me forçava a tomar banhos gelados de madrugada, dizia que era bom pra saúde. Ficava fora, ouvindo, e se eu me encostava na parede, fugindo da água, levava uma surra quando saía. Tinha mais medo de apanhar do que do frio. Minha vida foi sempre assim, escolhendo aquilo de que tinha menos medo.

**LUCAS:** Mas você não conhecia ninguém que pudesse te ajudar?

**CLARA:** Meu professor me ajudava, nós tocávamos juntos. Eu tinha uma amiga. Quando saímos do colégio de freiras eu pedi a meu pai pra ir estudar com ela na Suíça. Ele me respondeu com um tapa no rosto. (*Pausa.*) Mas eu fiz muita coisa em fantasia. Fui pianista de cinema

mudo, bailarina, atriz, porta-estandarte. Não fui pra Suíça, mas viajava pelo mundo todo no piano.

**LUCAS:** Falando assim, parece que você nunca saiu desse piano, mas você casou, teve filhos...

**CLARA:** Ah, sim, eu larguei o piano por um tempo, quando conheci seu pai. Ele era muito pobre, sabia? Só tinha um terno, morava numa pensão e trabalhava como vendedor. Nós namorávamos escondidos, e passeávamos de bonde, porque ele não tinha dinheiro nem pro cinema. Quando descobriram já era tarde, estava apaixonada. Apesar de toda proibição, fugi de casa, e casei com ele.

**LUCAS:** Até que enfim! Deve ter sido ótimo quebrar a redoma. E aí, como é que foi?

**CLARA:** No começo foi bom! Depois vieram os filhos, fomos perdoados e tivemos tudo de volta, casa, conforto, presentes. Mas ele passava o tempo todo trabalhando, querendo mais e mais. Ah, como eu tinha vontade de ir a teatros, concertos, viajar... Mas ele destestava tudo isso. Nas férias íamos àquelas monótonas estações de água. (*Pausa*) Os gritos dele eram iguais aos do meu pai. Mesmo assim eu fiquei, mais uma vez tive medo.

**LUCAS:** Eu não entendo... Por quê? (*Pausa.*) Como é que você sobreviveu dessa forma?

**CLARA:** Arranjava coisas pra passar o tempo... Costurava para os pobres, lia para os cegos, tinha o piano. (*Pausa.*) Depois veio você,

meu último presente, seus irmãos já crescidos. *(Silêncio. Clara estende sua taça.)* Por favor...

*(Lucas serve.)*

**LUCAS:** Clara, Clara, isso é terrível. A gente não pode deixar a vida passar assim. Você fala como se tudo tivesse acabado, mas você tá viva, ainda há tempo, você tem que lutar, ser livre...

**CLARA:** Não, eu não tenho coragem. Mas quando você resistiu à pressão de seu pai, era como se fosse eu. Por isso eu quis te contar, quero que você seja feliz, que você faça tudo o que quiser. Hoje de manhã eu fui à missa comungar, e me senti em estado de graça, numa alegria intensa...

**LUCAS** *(sorrindo):* Mesmo sem histórias a gente pode se sentir assim, comungando com o mundo, com os outros...

**CLARA:** Ao ateísmo você nunca vai me converter. Minha religião se parece muito com o que você quer. Nós amamos a Deus através do homem, vocês amam o homem por ele mesmo. Deus está do nosso lado. Seu pai, a família toda, têm medo da Revolução. Eu não. Tenho esperanças nesse mundo que vocês vão construir, mesmo que nele não haja lugar para mim... *(Clara vai até a janela e olha para fora.)* Eu adoro a chuva...

**LUCAS:** Clara... Eu gosto muito de você.

**CLARA:** Eu também gosto muito de você. *(Pausa.)* Bom, agora chega de confidências. Adivinha o presente que eu comprei pra você. *(Lucas faz um gesto de dúvida.)* As obras completas de

Marx e Engels.

**LUCAS:** As obras completas? Não é possível!

**CLARA:** Vem ver..

*(Saem abraçados, conversando.)*

## Cena 5 “Duelo de gigantes”

*(Placa: “Instituto de Filosofia e Ciências Sociais” – Sala de aula.)*

**REGINA:** Ei, que legal ver vocês aqui. Eu não disse que a gente ia passar... Da droga daquele curso pra essa merda de Faculdade. Nós temos uma novidade. *(Marcos e Regina se olham sorrindo e mostram alianças.)* Casaram a gente.

**NINON:** E nem me avisaram? É sempre assim, ninguém me chama pra nada.

**REGINA:** Não teve festa, não, Ninon, foi à força. Minha família deu queixa na polícia, fomos parar na delegacia. Mas só nos puderam obrigar a assinar um papel, depois nos deixaram em paz.

**NINON:** Parabéns, querida. *(Beijam-se.)* Ai, estou me sentindo uma velha, minhas amigas casando...

**LUCAS:** Como é? Tá dando pra levar de grana?

**MARCOS:** Eu estou num jornal e Regina está trabalhando à noite de telefonista internacional. É chato que desencontra.

**REGINA:** Morro de sono, mas tô garantindo o rango.

**DIOGO:** Vocês viram o exame? Eu queria ver se esses putos passavam nas provas que eles mesmos fazem...

**NINON:** Ah, eu fiquei neurótica-compulsiva com aquela

decoreba toda.

**LUCAS:** O pior é que só passa quem tem tempo e dinheiro, pra decifrar esses quebra-cabeças de nomes e datas.

**REGINA:** E isso eles chamam de História, faraós do Antigo Império, os Abássidas, a mãe de Gracos, e a mãe deles. Porra, isso não é processo histórico, é processo histórico.

**MARCOS:** Mas eles não vão continuar elitizando a universidade. O boicote ao pagamento foi um sucesso, todo mundo se recusou a pagar.

**NINON:** Aqui no Instituto foi fácil porque todo mundo é politizado. Vai explicar isso pra massa estudantil o que é privatização do ensino. Nossa realidade é diferente, nós somos *la crème de la crème*.

**REGINA:** Pronto! Lá vem a frescura elitista.

**NINON:** Queira ou não, nós somos a vanguarda...

**DIOGO:** Vocês sabem quem vai dar História Antiga?... É o Cremildo. A fera fez um listão dedurando 50 professores. O pessoal diz que o hobby dele é empalar aluno vivo.

**NINON:** Empalar? O que é isso?

**DIOGO:** Um suplício antigo. O condenado era espetado pelo ânus numa estaca aguda, e fica em exposição até morrer.

*(Ninon fica lívida e leva a mão à testa como se fosse desmaiar.)*

**NINON:** Que horror!

**MARCOS:** E o Cremildo agora está putado, porque descobriu que o Lucas, que tirou a melhor nota na prova dele, faz movimento

estudantil.

**NINON:** Como é que você conseguiu?

**LUCAS:** Simples, substituí a visão materialista-dialética pela linha diletante-idealista.

**NINON:** Não entendi nada. Pessoal, lá vem o Cremildo.

*(Cremildo entra preparando ritualisticamente a cena. Arruma livros sobre a mesa, ajeita a gravata, os cabelos e examina a turma em silêncio.)*

**CREMILDO:** Senhores alunos, iniciamos hoje o curso de História Antiga. Creio que todos já me conhecem. Há quem diga que o professor Cremildo faz parte da história desta instituição, é um engano. O professor Cremildo é esta instituição. Inúmeras vezes fui convidado pelo governo para ocupar cargos públicos que, honrado, recusei. Sou um homem de ciência, qual sacerdote do saber, não posso afastar-me deste templo do conhecimento. Não me distingo pela intransigente defesa da lei e da ordem, posto que isto é um dever, não um mérito. Foi dedicando-me aos estudos, que criei um nome de respeito. Exijo o máximo de meus alunos porque antes, exijo tudo de mim mesmo. Gostaria de saber, quem dos senhores conhece minhas especializações? *(Silêncio.)* Há! Saibam que sou egíptólogo, hititólogo e etrusólogo – assim sendo os que desejarem ser aprovados, terão que conhecer a fundo egípcios, hititas e etruscos. Algum dos senhores conhece minha obra, já traduzida em vários idiomas? *(Silêncio.)* Há! É

impressionante o despreparo da juventude atual para a vida universitária. Sou autor de "Tumbas, Múmias e Faraós do Antigo Império", livro adotado neste curso. Bom, agora que nos conhecemos melhor, iniciaremos nossa jornada às antigas civilizações. Lancemos nosso olhar aos grandiosos impérios do passado. O que resta deles? O pó sobre o qual pisamos. Se recuarmos mais, encontramos o mundo sem o Homem, o Universo sem o mundo e... e... o Nada. Eis o mistério: Qual a origem de tudo? Dúvida dilacerante – o que encontramos nós, ínfimos vermes, ao tentar decifrar a História? "Vox faucibus haesit" ... *(Pausa para efeito.)* Como dizia Virgílio, "a voz parou na minha garganta" ... *(Pausa.)* Tal o espanto frente ao prodígio. Encontramos o espírito inciado, num imenso impulso vital, criando toda matéria bruta. São as idéias, senhores, que movem o mundo...

**LUCAS** *(levanta a mão)*: Professor, eu queria discordar.

**CREMILDO** *(dá um risinho)* Ah, queira discordar. *(Sério.)* É um direito que lhe assiste, tenha a bondade.

**LUCAS**: A ciência se faz pela observação da realidade concreta, e no mundo dos fenômenos não existe nenhuma evidência comprovável de espíritos abstratos, gerando ou não a matéria. O que a História nos mostra é que as idéias surgem a partir das condições materiais da vida humana.

**CREMILDO**: Ah! Temos aqui um porta-

voz do materialismo ateu. Infelizmente são sempre muito desinformados de tudo que não diga respeito ao seu dogma. Por acaso o senhor já leu Santo Tomás de Aquino?

**LUCAS**: Pra falar a verdade eu acho Santo Tomás de Aquino um chato. Prefiro mil vezes a angústia de Santo Agostinho ou a poesia de São João de Deus.

*(Comentários animados da turma. Cremildo bate na mesa.)*

**CREMILDO**: A fé é um dom que nem todos podem ter. Isso me deixa triste, que tempo estamos vivendo. Os jovens se voltam para o egoísmo, para a luxúria, e perdem-se no materialismo esquecido da beleza dos ideais.

**LUCAS**: Professor, o materialismo não nos impede de ter ideais, nos ensina a lutar por eles. Afirma apenas que as idéias não caem do céu, surgem das necessidades do homem no tempo e no espaço.

**CREMILDO**: Sei bem onde o senhor quer chegar com a sua impertinente interrupção. Começam negando valores do espírito, para depois atacarem a civilização ocidental e cristã. Vamos deixar bem claro, desde já, que não permito proselitismo político em sala de aula.

**REGINA**: Professor, podemos ver as coisas por outro ângulo. O que o senhor chama de "valores do espírito" pode ser traduzido por "defesa da sociedade capitalista"?

**CREMILDO**: Minha filha, eu sou um liberal. *(Pausa.)* Mas acredito que

a democracia não pode ser um regime suicida. As minorias subversivas (*lança um olhar sobre os dois*) são fanáticas. Ou a democracia acaba com elas, ou elas acabam com a democracia.

**REGINA:** É usando a força contra a maioria que se garante a democracia?

**CREMILDO:** Os senhores não me conhecem, os senhores não me provoquem. Para sua informação, nos idos de 64, quando o governo esquerdizante comandava a baderna, e o meio universitário achava-se infiltrado de lacaios da subversão, como os senhores, peguei em armas contra os inimigos da pátria. Liderei pessoalmente a tomada da "Rádio Ministério da Educação e Cultura", então em mãos comunistas. Vencido o perigo vermelho, voltei ao meu posto de trabalho junto aos alunos. Mas continuo vigilante, e aviso aos agitadores profissionais que não vão divulgar impunes sua ideologia espúria. Não pensem que me fazem de bobo com as suas perguntas. Tudo isso é parte de um complô muito bem planejado. Agora mesmo ao entrar aqui encontrei este cartaz pregado na parede. (*Lê o cartaz.*) "A teoria é uma arma quando se apossa dos homens."

**NINON:** Ih! Ele arrancou o cartaz...

**CREMILDO** (*para Ninon*): A senhora aí.

**NINON** (*olhando para trás*): Eu?

**CREMILDO:** Estou apontando para alguém mais? (*Ninon olha para os outros, desconcertada.*) A senhora

é autora disso?

**NINON:** Não, senhor. O autor é Marx, eu só copieei.

(*Risos da turma.*)

**CREMILDO:** Silêncio! A senhora sabe o que é comunismo?

**NINON:** Sei!

(*Olha triunfante para os lados.*)

**CREMILDO:** O que é?

**NINON:** É o orgasmo da humanidade. (*Exclamações eufóricas da turma.*)

**CREMILDO:** Isso é o que eles prometem, minha filha, mas o que querem na verdade é botar todo o mundo igual, vestido de cinza e comendo banana.

**NINON:** A banana também é uma arma.

**CREMILDO:** A senhora tem cara de teleguiada, quero saber é quem está por trás disso, e já começo a descobrir. Se há professores subversivos, como esse tal de Manuel Maurício, saibam que estou aqui para impedir arruaças. Alguns dos que vieram para cá provocar a anarquia lograram boa colocação no vestibular. Mas de agora em diante serão avaliados com rigor especial.

**REGINA** (*levanta a mão*): Professor, que critérios o senhor vai utilizar para aplicar maior rigor a uns alunos que a outros? Essa medida é arbitrária e inaceitável.

**CREMILDO:** O critério vai ser o de limpar a faculdade de figuras como a senhora.

**REGINA:** Ocorre que sua função é ensinar, não promover faxina ideológica, e não depende da sua vontade a minha permanência na faculdade.

**DIOGO:** É isso mesmo. A gente

também quer lhe avisar que suas ameaças não nos metem medo. O que for feito a um aluno aqui, será feito a todos.

*(Todos concordam.)*

**MARCOS:** Nós estamos cansados de ditadores. Vamos questionar, discutir, aprofundar. Nós somos a maioria, e o senhor terá que contrapor a sua visão à nossa com argumentos, não com imposições autoritárias.

**CREMILDO:** Foi ótimo os senhores terem se revelado logo no primeiro dia de aula, assim não vão ter tempo para contaminar o resto da turma. Estão expulsos da sala de aula. *(Grita.)* Fora! Fora!

*(Vaia geral.)*

**LUCAS** *(de pé):* O senhor foi que se revelou como policial que é. Já conseguiu expulsar muitos professores e alunos, mas agora terá de ver com toda a faculdade. A sua história é a das múmias, e esse tempo já passou. Vamos sair todos da sala, e o senhor pode ensinar para as cadeiras vazias. Vamos reivindicar sua substituição por alguém que estude conosco o passado, para atuar no presente e construir o futuro.

*(Palmas. Todos se levantam e saem. Ninon, a última, vira-se da porta.)*

**NINON:** Professor...

**CREMILDO** *(sorrindo, à espera da adesão):* Pois não, minha filha

**NINON:** Nós estamos fazendo História. *(Sai)*

*(Cremildo tem um ataque histérico gritando.)*

**CREMILDO:** Comunistas! Comunistas Comunistas!

## Cena 6

### “A um passo da eternidade”

*(O grupo na casa de Lucas.)*

**DIOGO** *(para Lucas):* Rapaz, você esteve ótimo, a greve se estendeu a toda a faculdade. O Cremildo tá espumando de ódio.

**LUCAS:** O legal foi que todo mundo falou. A gente está conseguindo se mobilizar, e agora com o grupo de estudos vamos nos organizar melhor.

**MARCOS:** Dizem que o Bruno, esse cara que vai dar assistência político-ideológica pra gente, domina o método dialético.

**NINON:** Ai, chego a sentir a emulação revolucionária.

**REGINA:** Emulação revolucionária? Fica aí fazendo o culto da personalidade que você acaba bem. Eu não vou com a cara desse sujeito.

**DIOGO:** Ora, isso não importa,. Nós precisamos é de embasamento teórico pra nossa prática, se ele é bom nisso vai nos ajudar.

*(Entra Bruno.)*

**BRUNO:** Oi. *(Todos respondem, menos Regina. Ninon tenta fazer-se notar, sem sucesso.)* Chegaram cedo, a pontualidade é uma virtude indispensável. *(Senta.)* Eu já conheço vocês, fui informado do trabalho que vocês estão levando no instituto, e parece que do pessoal de lá, vocês são os que têm a melhor visão. As divergências no movimento estudantil refletem concepções bem diversas da realidade brasileira, e é a partir desse estudo que nosso grupo vai se estruturar.

Nós vamos discutir os clássicos, a formação histórica da nossa sociedade, conduzindo a uma estratégia para sua transformação revolucionária e a atuação de vocês junto ao setor estudantil e as classes médias. Vocês têm pontos prioritários que gostariam de colocar para discussão no grupo?

*(Todos falam rapidamente, com avidez.)*

**MARCOS:** A gente quer discutir a existência ou não de uma burguesia nacional, questionando a possibilidade de uma aliança democrático-burguesa... Eu acho que não tem essa, a burguesia está toda associada ao capital monopolista.

**DIOGO:** Em que momento deverá eclodir a luta armada? As condições subjetivas deverão surgir antes ou depois da instauração do foco guerrilheiro?

**REGINA:** O papel do movimento estudantil é de propaganda e liderança frente aos setores das classes médias, ou deve atuar junto aos operários?

**LUCAS:** Em que medidas devemos estabelecer alianças com as outras posições do movimento estudantil?

**NINON:** Devemos procurar nos resguardar para outras tarefas ou a gente tem mesmo que se queimar fazendo trabalho de massa?

**BRUNO:** Calma minha gente. Não se pode debater o programa inteiro de uma vez. As questões são ótimas, nos vamos discutir isso tudo, mas é preciso

sistematização... Vamos partir para o livro de hoje; todo mundo leu o "Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã?"

*(Ninon traz uma bandeja.)*

**BRUNO** *(para Ninon):* Companheira, a disciplina é vital para os militantes. O lanche não pode ficar para o final?

**NINON** *(afastando-se com a bandeja):*

Eu pensei que podiam ter fome.

*(Ouve-se Clara ao piano. Todos silenciam. Prece.)*

**LUCAS** *(enlevado):* É minha mãe tocando...

**BRUNO:** Então, leram o Feuerbach?

*(Todos concordam.)* Quem gostaria de começar?

**LUCAS:** Houve uma frase que me impressionou muito: "As palavras são o último refúgio do idealismo"

**NINON** *(ainda de pé, empostada):* O amor, como filosofia abstrata do homem universal, é uma arma ideológica terrível!

*(Olha de soslaio para ver o efeito.)*

*(Todos se olham surpresos e para ela, que se senta triunfante.)*

## Cena 7

### "A união faz a força"

*(Lucas e Diogo, no diretório, atrás de um poster do Che Guevara.)*

**LUCAS** *(falando como locutor no microfone):* Companheiros e amigos, aqui fala a Rádio Livre Che Guevara, emissora dos estudantes do instituto. Depois de um dia memorável de exercício democrático, demos mais uma resposta à ditadura, realizando eleições livres e diretas. Enquanto aguardamos a contagem dos

votos, estamos transmitindo notícias da atualidade. *(Diogo entrega a Lucas um copo de água, e afaga seu cabelo enquanto ele bebe.)* No Vietnã continua a ofensiva vietcong causando pesadas perdas aos agressores imperialistas. O presidente Ho Chin Minh dec que a maior potência do mundo não é capaz de vencer a resistência de um povo de camponeses. Todo nosso apoio à heróica luta do povo vietnamita!

*(Entram todos gritando.)*

**TODOS:** Ganhamos! Ganhamos!

**DIOGO:** A chapa da reforma se fudeu!

*(Lucas larga o microfone, abraça Diogo. Todos se abraçam pulando e cantando.)*

**TODOS:** A reforma se fudeu! A reforma se fudeu! A reforma se fudeu! E quem fudeu ela fui eu...

**LUCAS** *(pega o microfone de volta):*

Atenção companheiros, a reforma se fudeu!... Atenção! Atenção!

*(Silenciam. Solenemente coloca a Internacional. Ouve-se os primeiros acordes do disco. Regina dança com bandeira vermelha. Os outros, fixos, observam. Ela parece uma bailarina de caixinha de música.)*

### Cena 8

#### “Nós também somos o Brasil”

*(O grupo carrega uma faixa “Reabram o calabouço, restaurante dos estudantes”. Sirenes. Param. Tiros. Todos correm. No espaço aberto há um corpo caído. Voltam e defendem o corpo caído atirando pedras. O morto é levantado do chão e colocado*

*sobre os ombros. A faixa torna-se negra com as palavras “Luto é luta”.*

*Avançam para o público gritando: “Vida! Vida!”. Escurece. A Iluminação é feita através de velas que acendem e seguram, assobiam baixinho o Hino Nacional.)*

### Cena 9

#### “Sem você, meu amor, eu não sou ninguém!”

*(Regina e Marcos na cama.)*

**MARCOS:** O corpo tava lá na

Assembléia Legislativa, né? Na escadaria em frente, as pessoas iam subindo e falando o que queriam. Intelectual, atriz, popular, povão mesmo, dava de tudo. Você viu o enterro? Foi uma barra conter o espontaneísmo da massa no cemitério. Tinha gente querendo ir pro Palácio do governador, seria um massacre. Como é que foi para você?

**REGINA:** Eu fui pra Central do Brasil. A cidade tava livre, sem polícia. Ficamos fazendo comícios, discutindo com os trabalhadores, depois acompanhei o enterro. Fiquei exausta de carregar faixa, e sem voz de puxar palavra de ordem. Eu tava muito nas coisas, mas quando voltei do cemitério me senti sozinha. Tinham cortado a luz, e não passava ônibus. Me deu medo que a luta separe a gente... Um menino foi assassinado, e eu me senti menos inocente, mais comprometida. O que nós começamos saiu da sala de aula para as ruas. O pau vai comer, você entende, e não tem volta atrás.

**MARCOS:** Então vamos seguir juntos.

**REGINA:** Eu quero que você fique para sempre junto de mim.

**MARCOS:** Eu nunca vou pra longe de você.

**REGINA:** Até a tomada do poder?

**MARCOS (sorri):** Até depois. Ou você acha que eu vou querer construir o socialismo sem você? *(Pausa.)* Vai ser lindo Regina, você vai ver...

## Cena 10

### “Uma eletrizante aventura na praça pública”

*(Teatro de Rua.)*

**APRESENTADOR:** Senhoras e senhores, o teatro Relâmpago Estudantil Vai Pra Puta Que Pariu apresenta a eletrizante aventura “Luta de Classes na Selva”, ou “Zé Proleta com a Breca contra os Gorilas Sacanas”, ou “A Banana Também é uma Arma”. Nesta parte do Universo, onde fica o Paraíso, país tropical de cachaça, trapaça e carnaval, também chamado lixo, Brejo Fundo ou Cú do Mundo, passa-se esta farça com tipos conhecidos: General Gorila, chefe da quadrilha, empresário, latifundiário, ordinário... Marche...!

*(Gorila entra marchando, batendo no peito.)*

**GORILA:** Eu dô porrada, eu dô porrada.

**APRESENTADOR:** Sua capiciosa sócia, figura do *jet-set* que mete e remete, bandoleira viajada, puta velha na jogada, rainha da rapina, a multinacional Gorilona:

*(Gorilona entra dançando Rock.)*

**GORILONA (com sotaque americano):** Oh, eu mandar nesta zona!

**APRESENTADOR:** E por último, esta praga que leva toda carga, mas por desgraça ou pirraça insiste em viver. Aqui está o nosso homem num dia comum de fome. *(Entra Zé, combalido e esmulambado, segurando uma grande banana fállica.)* Zé, meu chapa, como vai a vida, como vai a faina, plantando muita banana?

**ZÉ:** Ai, tô cansado. Inda bem que choveu no roçado e deu uma puta banana. Seu Gorila, quer comprar? Custa só um centavo!

**GORILA:** Nem um centavo seu parvo. O que está pensando, safado? Que é dono do roçado?

**ZÉ:** Mas, seu Gorila, fui eu que plantei!

**GORILA:** Eu mandei? Passa pra cá essa banana.

*(Avança para a banana. Zé foge.)*

**GORILONA:** Ai, que bananona! *(Gesto largo.)* Gorilona quer um pedaço.

**ZÉ:** E como fico madama?

**GORILONA:** Cago pro seu drama. Se não me der banana, como carne humana.

**GORILA:** Calma, *darling*, vai comer esse nego, parece espeto, só serve de palito. Zé, olha o desrespeito. Dê-me a fruta...

*(Chuta Zé.)*

**ZÉ:** Não me chuta!

**GORILA:** Ah, não quer dialogar? Azar o seu, alfinete, vai levar cacete.

*(Dá em Zé.)*

**ZÉ:** Oxente, enchi o saco de apanhar desse macaco. Vou te dar o fruto, mas é no cocuruto.

*(Zé dá no Gorila com a banana.)*

**GORILA:** Ai, que me desanca!

**ZÉ:** Toma, sacana!

**GORILONA:** Oh, Gorila, isso é guerrilha!

Vou intervir à americana!  
(*Dá em Zé, que revida com a banana.*)

**ZÉ:** Toma banana, dona! (*Os gorilas saem espancados. Zé olha surpreso pros lados e sai sozinho.*) Ô bananinha danada, não sabia que você servia também pra dar porrada. De agora em diante, macaco não mete mais a mão na minha cumbuca! Sou eu que te planto e que te como, e ainda uso a cuca, jogo a casca e vejo o tombo desta dupla.

**APRESENTADOR:** Quem diria, o Zé anda com o próprio pé, faz o que quer, é dono do seu chão e não dá colher pra patrão... A bananosa chega ao fim com a moral da história: o patrão tupiniquim é um macaco de papel. A turma agradece e passa o chapéu.

(*Enquanto os estudantes tiram as roupas de cena do teatro de rua e sentam no chão, Bruno entra e fala de um ponto mais alto.*)

### Cena 11

#### “Um por todos e todos por um”

**BRUNO:** Pessoal, o negócio é o seguinte: nós tomamos o campus da Universidade para chamar a atenção da opinião pública para os problemas dos estudantes, dos operários e de todas as camadas exploradas. A Reitoria se compromete a atender nossas reivindicações. Estamos aqui reunidos em Assembléia há oito horas, e achamos que nossos objetivos foram alcançados. A polícia, que está nos cercando, quer invadir a Universidade. O

reitor garante que não seremos atacados se sairmos. Nós propomos uma saída organizada e pacífica. Se eles nos atacarem, reagiremos. Vamos colocar a proposta em votação: quem for a favor da saída, levante o braço... (*Todos levantam.*) Companheiros, nós estamos do lado da Justiça e da História, contra a exploração! Vamos sair juntos e, se preciso, resistir juntos! Abaixo a ditadura!

**TODOS:** Abaixo a ditadura! Abaixo a ditadura!

(*Todos saem de braços dados. Sirene. Correm pelo palco. Atiram pedras. São cercados. Levantam os braços rendendo-se. Seguem em fila, presos, com as mãos na nuca.*)

### Cena 12

#### “Somos ou não somos todos seres humanos?”

(*Ninon fica em cena. Suas mãos libertam-se da rendição em gestos.*)

**NINON:** Eu não entendo muito das coisas, não sei se isso é alienação, mas fico sempre perguntado por que tem que ser assim, se todo mundo é humano. Mesmo um maldito capitalista, um policial, não é uma pessoa? Não tem sentimentos? Não ama? Quando marcaram a manifestação em frente da embaixada achei ótimo, sou anti-imperialista radical, não só por causa do horror que eles fazem, mas também porque nunca fui com a cara desses gringos nojentos. Fui toda feliz, com umas flores no cabelo, assim de “*jeunne Fille aux printemps*”. Todavia tava tão bonito a

bandeira queimando, o céu vermelho de fim de tarde, parecia que também tava pegando fogo. Tinha um cara do meu lado que era uma gracinha, a gente ficou se olhando e rindo, gritando abaixo o imperialismo. Aí, de repente, começaram a atirar lá de dentro. Ouvi os tiros, os gritos, vi a correria, mas fiquei ali parada sem acreditar, sem poder me mexer. Então o menino do meu lado levou uma bala na cabeça. Ele nem gritou, só caiu assim, feito um passarinho. Eu me abaixei e segurei ele entre os braços, meu vestido ficou cheio de sangue. Quando pararam de atirar, tinha seis mortos no chão. Saiu tudo nos jornais, mas sumiram com os corpos para não ter provas... Foi tão absurdo, a gente tava ali namorando, e em questão de segundos eu tava viva e ele tava morto. É isso que eu não consigo entender. Por que eles atiraram? Como é que puderam fazer isso?

### Cena 13 "Linha de frente"

*(Manifestação estudantil. Concentram-se em instantes ao som das palmas. Sai uma passeata. Abre-se uma faixa: "Abaixo a ditadura". Sirenes. Todos correm pelo palco. Batalhas de rua. Jogam bombas de gás lacrimogêneo. Tossem e choram.)*

**MARCOS:** Gás lacrimogêneo?

**LUCAS:** Joguem de volta!

*(Atiram as bombas de volta. Levam lenços ao nariz. Relinchos e tropel de cavalos.)*

**DIOGO:** A cavalaria!

**NINON:** Estão pisando gente!

*(Regina atira uma pedra.)*

**MARCOS:** Você acertou. Derrubou um!

**BRUNO:** Joguem rolhas!

*(Todos jogam rolhas.)*

**LUCAS:** Tão caindo! Tão caindo!

**DIOGO:** Pegaram um cara!

**REGINA:** Larga ele!

**TODOS** *(cadenciados)*: Fascista!  
Fascista!

**NINON:** Olha lá, nas janelas dos edifícios!

**BRUNO:** Estão jogando coisas na polícia!

**MARCOS:** Tá voando cadeira!

**REGINA:** Máquina de escrever!

**NINON** *(eufórica)*: Os operários! Os operários!

**LUCAS:** Tão jogando tijolos da obra!

**DIOGO:** Pedra na polícia, minha gente!

*(Atiram pedras.)*

**BRUNO:** Tão fugindo!

*(Reúnem-se. Abrem a faixa. Sai a passeata. Cai uma chuva de papel picado. De um ponto mais alto agitam a bandeira vermelha. De braços dados gritam cadenciadamente, até atingirem a borda do palco.)*

**TODOS:** Só a luta armada derruba a ditadura!

Só a luta armada derruba a ditadura!

Só a luta armada derrubá a ditadura!

*(Fim do 1º ato.)*

## 2º ATO

### Cena 1

#### "Nós podemos mudar o mundo"

*(Casa de Lucas. Clima de festa. Todos bebem, riem, falam animados.)*

**MARCOS:** Depois da sexta-feira sangrenta, com aquelas trinta

pessoas mortas, pensei que a gente nunca mais ia poder sair às ruas.

**DIOGO:** Cem mil! Cem mil! Cem mil pessoas! Nós conseguimos colocar cem mil pessoas nas ruas!

**REGINA:** Ah, isso não vai continuar assim... Eles não vão permitir que a gente leve uma massa cada vez maior pras ruas, até que numa bela manhã de sol, se tome o poder.

**NINON** (*meio bêbada*): Já pensou, que maravilha, tomar o poder numa bela manhã de sol!

**MARCOS:** Caminho da gente não é insurreição urbana, nem a classe média pode ir muito longe sem os operários.

**DIOGO:** Sem direção tudo pode refluir. Vocês não estão vendo a oportunidade que se perdeu em maio, na França?

**NINON:** Maio na França... Torre Eiffel, Montmartre, *oui mon cherri, je suis une revolutionnaire bresilienne...*

**LUCAS:** Mais parece que um vendaval parece ter se estendido pelo mundo inteiro esse ano. Há mobilização em 40 países, um desejo de transformação em toda a parte! Até os burocratas do leste europeu estão sendo encostados na parede.

**NINON:** Quando eu vi aquela multidão na cidade pensei, esse dia tá inscrito para sempre em nossas vidas.

**MARCOS:** Porra, a gente só faz apanhar e ser preso, já era tempo de uma vitória que desse força para continuar.

**LUCAS:** Foi legal! Sem combinar veio todo mundo pra cá!

**REGINA:** Tinha caído a tarde. Eu vinha com o Marcos pelo aterro. A gente não cabia de emoção. Tinha que partilhar com vocês.

**DIOGO:** No final da passeata tinha négo se achando no poder e distribuindo os ministérios.

**NINON:** Lucas vai pra Cultura, Diogo pras Forças Armadas, Marcos pras Relações Exteriores, Regina pra Saúde, Deus a conserve... E eu vou ser a ministra do Prazer Público.

**REGINA** (*rindo*): Ninon, você tá bêbada...

**MARCOS:** Era incrível, as palavras de ordem iam surgindo na hora, da cabeça da massa...

**LUCAS:** E muita gente que nunca abriu a boca, subiu em poste pra falar, quando a passeata parava e o pessoal sentava no chão.

**NINON:** Eu fui uma das que subiu em poste e botou a boca no mundo.

**REGINA:** Ninon, eu sempre confiei em você. Acho que depois disso a burguesia está mesmo liquidada.

**MARCOS** (*colocando um disco*): A gente precisa comemorar, vamos fazer uma festa.

(*Marcos dança com Regina. Diogo puxa Lucas, que hesita, mas vai.*)

**NINON:** Eu tô sempre sobrando...

**REGINA:** Não tá não, Ninon...

(*Regina abraça Ninon, que puxa Lucas e Diogo. Todos dançam juntos, com as cabeças coladas. A cena se imobiliza como um foto. A música continua ao fundo.*)

## Cena 2 "Que merda!!!"

(*Diogo entra contente. Lucas está*

*cabisbaixo.)*

**DIOGO:** Você já soube? Milhares de operários em greve ocuparam as fábricas em São Paulo. A classe operária começa a se mexer. O Ministro disse que o Tietê não é o Sena; São Paulo não é Paris. *(Silêncio.)* O que houve, meu nego?

**LUCAS:** Minha mãe, Diogo. Ela vai morrer...

**DIOGO:** Não poder ser. Por quê?

**LUCAS:** Ela tá com câncer. A biópsia foi positiva; o médico deu alguns meses de vida.

**DIOGO:** Ela sabe?

**LUCAS:** Não. Não querem contar. Acham que ela vai sofrer mais se souber.

**DIOGO:** O que é que você acha?

**LUCAS:** Não sei, acho que uma pessoa tem o direito de saber que está condenada. Mas ela é tão fraca, tão sem estrutura. Já tive vontade de correr pra ela, contar tudo, dizer que faça o que quiser de seus últimos dias... Mas não há nem mais tempo para viajar. Em breve ela vai perder as forças...

**DIOGO:** É preciso que ela não sofra.

**LUCAS:** A vida pra ela sempre foi um teatro onde representou papéis que odiava. Não consigo aceitar que tudo termine com outra farsa, na qual nós todos vamos tomar parte mentindo... Em que talvez ela minta para si mesma. Depois que soube, me tranquei no quarto e chorei a tarde toda... Não quero que ela vá, entende? Ela é muito importante para mim, tinha que ficar comigo, não pode acabar assim, não é justo...

**DIOGO:** Lucas! Lucas! A gente tem

que enfrentar isso. Eu tô com você. Nós vamos estar junto dela.

**LUCAS:** Eu quero contar a ela sobre a gente. Eu tenho que dizer..

**DIOGO:** Você acha que ela vai compreender?

**LUCAS:** É preciso que ela me conheça, que saiba quem eu amo, antes que não seja possível dizer mais nada.

### Cena 3

#### “Numa primavera qualquer”

*(Clara ao piano. Lucas a abraça por trás. Ela segura suas mãos.)*

**LUCAS:** Mãe, preciso conversar com você.

**CLARA (virando-se para ele):** O que foi? Aconteceu alguma coisa?

**LUCAS:** Não, eu tenho uma coisa importante para lhe falar. É muito difícil, mas quero que você me conheça.

**CLARA:** Não se preocupe, se vai me fazer conhecer mais, eu quero saber.

*(Levanta-se do piano e senta-se com ele.)*

**LUCAS:** Hoje fui eu quem criou coragem

**CLARA (sorrindo):** Que bom, finalmente vou descobrir seus mistérios.

**LUCAS:** Eu acho o amor a melhor coisa que existe na vida...

**CLARA:** Estou gostando do começo.

**LUCAS:** Para mim o amor não tem limites, acontece entre duas pessoas.

**CLARA:** Existem muitas formas de amor, amor de mãe, amor de amigos...

**LUCAS:** E o amor de amantes. É disso que eu quero falar.

**CLARA:** Então é uma boa notícia?

**LUCAS:** Depende do que você entenda por isso.

**CLARA:** Alguém pra cuidar de você, me dar netos...

**LUCAS:** Não é nada disso. *(Pausa.)* Pra mim uma relação é mais do que um casamento.

**CLARA:** Já sei, o casamento é uma instituição burguesa. Mas isso não tem importância, o próprio amor é o sacramento.

**LUCAS:** É, o que liga duas pessoas é algo sagrado, acima de qualquer diferença, de raça, credo, cor, sexo...

**CLARA:** Sim, mas os sexos diferentes de completam.

**LUCAS:** Não! Os seres humanos se integram, independente do sexo.

**CLARA:** Acho que Deus criou os sexos diferentes para que caminhassem juntos.

**LUCAS:** Eu não acredito em Deus. E se Deus existe, ele é o próprio amor...

**CLARA:** Estou cansada, não estou entendendo o que você quer dizer...

**LUCAS:** Você não está ajudando nada.

**CLARA** *(levantando-se):* Estou com vontade de tomar um chá. Talvez ajude, você quer?

**LUCAS:** Não quero chá nenhum. Quero que você me ouça.

**CLARA:** Estou ouvindo.

**LUCAS:** Estou amando um homem. *(Clara senta-se. Silêncio.)*

**CLARA:** Você está confuso... Isso acontece muito nessa idade.. Você está passando por uma crise, isso passa... São coisas da juventude...

**LUCAS:** Não tô confuso, nem tenho nenhuma crise de adolescência. Tô amando uma pessoa e isso é

muito bom.

**CLARA:** Mas isso é uma doença, meu filho, nunca houve disso na nossa família.

**LUCAS:** Doença? Como você pode chamar de doença algo que me torna mais feliz, mais vivo, mais combativo?

**CLARA:** Uma relação condenada à neurose, à esterilidade...

**LUCAS:** Neurótica é essa sociedade, estéril é viver vazio, mentindo, sem amor.

**CLARA:** E os filhos? E os filhos, Lucas?

**LUCAS:** Acontecem ou não na vida de uma pessoa. São uma maravilha quando surgem dentro de uma relação, mas não podem ser a razão da existência de ninguém

**CLARA:** Eu queria que você encontrasse alguém, fosse feliz...

**LUCAS:** Mas eu encontrei alguém... Sou feliz...

**CLARA:** Isso não vai te trazer felicidade!

**LUCAS:** Será que é você quem vai me dizer o que é minha felicidade? Você não vê que isso é uma forma de ditadura?

**CLARA:** Mesmo seus companheiros são contra isso. Estão todos com as suas mulheres, têm suas casas, seus filhos...

**LUCAS:** Os meus companheiros são contra porque não entenderam ainda que a revolução deve se estender a todos os campos. Mas eu quero viver revolucionariamente em todos os sentidos.

**CLARA:** Nem eles vão te aceitar, nem os que lutam pelo mesmo ideal.

**LUCAS:** E por que me aceitariam se você é incapaz de me aceitar? *(Levanta.)* E era você quem dizia

“seja feliz! Faça o que quiser”. Eu tive uma esperança louca que você me compreendesse, mas a gente tem que aprender a viver o que sente apesar do mundo, apesar dos outros, apesar de todos. A vida é curta, a gente não sabe se amanhã tá vivo, e no entanto, um não consegue entender o outro. A gente se ama, mas nessa hora os preconceitos, as fórmulas prontas, falam mais alto que os sentimentos... Você me contou há algum tempo como viveu só, distante de seu pai, de seu marido. Mas não pode ser diferente com a gente, não é?

*(Silêncio. Lucas baixa a cabeça. Clara estende a mão e o toca.)*

**CLARA:** Desculpe, Lucas. Tudo isso é muito estranho pra mim, é o contrário do que sempre acreditei, do que eu sonhava pra você. *(Pausa.)* Acho que o egoísmo não termina com a propriedade, começa aí. A gente fica se achando dono da vida, das idéias dos outros. *(Pausa.)* Você tem razão. A sua felicidade não tem que ser como eu imagino. A liberdade implica sempre o risco do novo, do diferente. Isso assusta, principalmente quando se viveu preso.

**LUCAS:** Ultimamente tem uma poesia que não me sai da cabeça. “Quando eu morrer, e é tão triste a gente ir, alguém escreva para mim numa primavera qualquer a palavra “liberdade”, junto ao meu desespero de acabar.”

**CLARA:** “Numa primavera qualquer...” *(Pausa.)* Você pretende viver com seu amigo?

**LUCAS:** Não sei, a gente tá junto, partilhando tudo, mas nós não temos uma revolução pra fazer, não se sabe o que vai acontecer. Minha vida se transformou muito por causa dele.

**CLARA:** Eu percebi que você mudou.

**LUCAS:** Você sabia por quê?

**CLARA:** Tinha medo de ter certeza.

**LUCAS:** E agora?

**CLARA:** Agora vou olhar essa certeza de frente. Talvez assim perca o medo, só preciso de um pouco de tempo. Você fez bem em ter me falado, conosco vai ser diferente, do meu pai, desde sempre... Mais do que tudo, quero estar junto de você.

**LUCAS:** Nós já estamos mais juntos.

**CLARA:** Diz ao Diogo para vir mais aqui.

**LUCAS:** Como você sabe que é ele?

**CLARA:** Acho que a gente sempre sabe tudo. Pelo seu sorriso quando ele aparece.

#### Cena 4

#### “Vamos ser felizes juntos”

*(Marcos e Regina nus na cama. Marcos beija o colo de Regina, que segura sua cabeça e geme.)*

**MARCOS:** Me bate... Anda, me bate. *(Regina dá um tapa no rosto dele.)* Mais... mais... *(Regina o esbofeteia, Marcos deita sobre ela.)* Assim, meu amor, mais... mais... *(Regina o empurra e senta-se na cama com as mãos no rosto.)* Que foi?

**REGINA:** Chega! Chega! Tá ouvindo? Não agüento mais! *(Marcos senta.)* Acho isso horrível. Tenho vontade de te beijar, te alisar, te

apertar e você me pede para te bater.

**MARCOS:** Mas isso é uma forma de carinho.

**REGINA:** Que carinho? Pancadas, palavrões? Isso é violência.

**MARCOS:** E o que é que tem? Sexo é uma coisa selvagem. Tem que ter paixão, violência...

**REGINA:** Tem que ter é amor, e eu não sei se você me ama, senão não precisava disso...

**MARCOS:** Eu te amo, Regina. Só quero é te dar as minhas fantasias. Por que você não pode vir junto comigo?

**REGINA:** Porque isso me violenta.

**MARCOS:** Você é uma moralista, só quer fazer papai-e-mamãe, essa coisa certinha sem graça.

**REGINA:** Moralista é você. Sexo para você é uma coisa suja, por isso é que precisa apanhar pra gozar.

**MARCOS:** Porra, eu quero é ser livre. Será que até na cama tem que ter repressão?

**REGINA:** Isso não tem nada a ver com liberdade. Eu quero amar, estar com você, e não ficar fazendo papel de polícia.

**MARCOS:** Você não entende nada. Vai discutir ideologia até pra trepar?

**REGINA:** Por que não? Se um tem que bater, e o outro apanhar, então as relações de classe estão até no sexo.

**MARCOS:** Ah, não me enche, você está maluca. Não vem com essa história de bem e mal, certo e errado, eu quero é fazer o que gosto.

**REGINA:** O que "você" gosta, as "suas" fantasias, os "seus" desejos, as "suas" vontades... Você só pensa

em você, "eu" não importa. "Você" gosta! "Eu" não gosto! "Eu" não gosto!

**MARCOS:** Então a gente tá mal! Agora você me disse tudo, só não precisa me dar lição de moral, diga isso, que não gosta.

*(Regina levanta-se e veste-se.)*

**REGINA:** Porra, cara, você é um gênio. É um novo Messias, o novo Lênin, vai salvar o mundo, mas não é capaz de olhar pra quem tá do teu lado.

**MARCOS:** Eu larguei tudo por sua causa, levo uma vida fudida, e você tem coragem de dizer que não te vejo...

**REGINA:** Só faltava essa, vir me jogar isso na cara. Devo ficar muito agradecida de viver contigo? E eu, não larguei tudo por sua causa? *(Saindo.)* Se é uma vida fudida, pode voltar pra casa, que não tem ninguém te prendendo... *(Pausa.)* Quanta culpa, quanta culpa botaram na tua cabeça..

*(Sai.)*

**MARCOS** *(gritando):* Eu só quero ser feliz! *(Baixo.)* Feliz!

*(Deita-se encolhido como um bebê.)*

## Cena 5 "Esperança"

*(Casa de Ninon, que ouve os Beatles puxando fumo. Entra Regina. Ela esconde rápido o charo, tossindo e abanando o ar.)*

**NINON:** Regina! Que bom você aparecer...

**REGINA:** Que cheiro esquisito. O que é isso?

**NINON:** Jura que não conta pra ninguém?

**REGINA:** Juro.

**NINON:** Maconha.

**REGINA** (*assustada*): Ninon, que loucura!

**NINON** (*sorrindo*): É mesmo! Uma loucura...

**REGINA:** E não faz mal?

**NINON:** Que mal, isso é uma propaganda burguesa. Eles querem é vender tabaco que dá câncer. Esse aqui, do bom a beça, proíbem. Depois da revolução a gente tem que legalizar a maconha, pra vender nos bares, nas praias, nas carrocinhas de sorvete... Quer experimentar um pouquinho?

**REGINA:** Agora não.

**NINON:** Você tá com uma cara! O que é que houve?

**REGINA:** Nada.

**NINON:** Hum, nada. (*Pausa.*) Imagine, a doce espera acabou.

**REGINA:** Não! (*Ri.*) Quero ver a cara do seu analista.

**NINON:** Larguei a análise.

**REGINA:** Agora você não precisa mais. Tá feliz?

**NINON:** Não, foi horrível.

**REGINA:** Que pena, quem foi?

**NINON:** Bruno!

**REGINA:** Você é insistente, hein?

**NINON:** Foi uma bebedeira. Ficamos bebendo uísque, conversando e acabamos nos beijando. Ele tava bêbado, caiu por cima de mim, arrancou minha roupa, foi bruto, depressa, sem palavras. Mas não tinha importância se ele ficasse comigo. Passei a noite sem dormir. No dia seguinte ele acordou nu do meu lado, e vestiu de novo aquela máscara. Voltou ao banheiro dizendo que isso não

deve interferir na nossa prática. Na hora de ir embora, nem me beijou e ainda me chamou de companheira.

**REGINA:** Eu disse que isso tem que acontecer. Não se fabrica. Mas não fique assim, você vai ter outras experiências, um encontro verdadeiro.

**NINON:** Já perdi as esperanças. Já passei não sei quanto tempo tomando pílulas, fazendo planos, sonhando com um príncipe revolucionário, e acabo sendo currada por um cosaco.

**REGINA:** O que você não pode é começar a achar que todos os homens são uns bárbaros porque esse cara não foi capaz de te dar amor.

**NINON:** E você? Como vai com o Marcos?

**REGINA:** Mal. Ele gosta de fazer coisas esquisitas na cama.

**NINON:** Ah é? O quê, hein?

**REGINA:** Gosta de apanhar...

**NINON:** Ora, só isso? Que bobagem, lá no clube o pessoal contava cada história... Acho que você não devia complicar, as pessoas devem fazer o que gostam. (*Pausa.*) É tão difícil assim?

**REGINA:** Eu não consigo mais. Tô cansada. Não desisto dele, nem de nada, mas não agüento mais. Ele só é uma criança desesperada, cheia de culpas, e eu tenho medo que ele vá embora. Fecho os punhos, e o som que faz nas costas dele é como um pedido de socorro na selva. Fico dizendo "eu te amo, eu te amo" enquanto nego às minhas mãos o carinho que elas querem

fazer.

**NINON:** E é você quem fala para acreditar nas amplas possibilidades do relacionamento humano...

**REGINA:** É exatamente porque sofro na carne a impossibilidade, que tenho certeza que existe uma outra forma, de que nós estamos mutilados, tentamos nos entender com palavras e gestos que não chegam ao outro, não tocam. O que nós vivemos não é humano, Ninon, por isso é que há sempre essa dor funda de soco no peito.

**NINON:** Eu só queria que a gente ainda tivesse tempo pra amar...

**REGINA:** Nós temos vinte anos, temos a vida pela frente. Nós ainda vamos amar, tenho certeza.

*(Regina e Ninon se olham em silêncio e caem nos braços uma da outra.)*

### Cena 6

#### “Dois oprimidos esfomeados se encontram”

*(Marcos e Diogo no mimeógrafo. Ouve-se o som da máquina.)*

**DIOGO:** Esse mimeógrafo é uma droga, falta muito pra rodar?

**MARCOS:** Quase a metade, e tem que ficar pronto amanhã de manhã.

**DIOGO:** Eu quase fico louco com essas coisas. Uma boa agitação é comigo, mas eu não dou pra ficar trancado num lugar, me dá falta de ar.

**MARCOS:** Pois é! Quando iniciei a minha carreira de revolucionário, botando bomba de São João no banheiro do colégio, nunca pensei que precisasse de tanta ordem para combater a ordem.

Aqui entre nós, você não sente falta de fazer o que te der na cabeça, daquele maravilhoso ócio pequeno-burguês?

**DIOGO:** Muito! Eu era um rato de cinemateca. Ia ser cineasta, como todo mundo. Fazia mil filmes na cabeça, escrevia roteiros sem parar. Meu sonho era fazer um musical.

**MARCOS:** Mas o seu mestre não é Godard?

**DIOGO:** E daí? Um musical socialista, a resposta do Terceiro Mundo à dominação de Hollywood.

**MARCOS:** Taí, gostei!

**DIOGO:** Eu comprava tudo sobre cinema, livros, discos, álbuns. Agora não tenho tempo nem dinheiro. Sabendo que tem militante aí na maior dureza, guardo um pouco pra mim e dou o resto pra organização.

**MARCOS:** É justo, é justo. Mas é uma barra a gente ser criado com tudo nas mãos, depois ter que se virar. Sabe que às vezes eu sonho com a comida da casa de meus pais? Vinha tudo pra mesa fumegando, feito milagre, era só sentar e comer. Ai, que fome...

**DIOGO:** Você não quer ir comprar uns sanduíches?

**MARCOS:** A essa hora tá tudo fechado. Cada suflê de desmanchar na boca, siri recheado, torta de morango...

**DIOGO:** Você tá com fome mesmo, hein?

**MARCOS:** Eu sou faminto por natureza. Acho que foi por isso que virei comunista. Sabe aquela história - “De pé, oh vítimas da fome”. Tenho fome de tudo, gente,

lugares, coisas novas, amor, sexo...

**DIOGO:** Mas você e Regina não estão legal?

**MARCOS:** É bom, é bom demais. Mas ela é tão calma, tão racional. Além disso, está sempre cansada e só quer falar de política. Eu gosto das coisas bem loucas. Assim, na aventura. Outro dia não resisti. Sabe aquela companheira loura, lá da Economia? Pois é, fomos tomar um chope, ficamos discutindo, discutindo e acabamos discutindo na cama.

**DIOGO:** Você contou pra Regina?

**MARCOS:** Porra, bem que eu queria falar, porque me deu a maior culpa. Mas ela me matava. Ela acha que eu não gosto dela... E eu briguei com minha família pra casar com ela.

**DIOGO:** E por que eles não queriam?

**MARCOS:** Eu sou judeu, meu pessoal é sionista. A minha barra é muito pesada, parece carma, além de comunista eu sou judeu.

**DIOGO:** É, eu sei, de opressão eu entendo bem.

**MARCOS:** Sabe, cara? Tem gente que acha que ser judeu é só ter o pinto cortado. Te cortam muito mais. Quando você briga com alguém, é disso que te xingam – “seu judeu!”. Eu já tive uma namorada que disse “Eu odeio judeu. Você não é judeu não, é?”

**DIOGO:** A minha barra também não é fácil. Quando você vive com um cara, você é clandestino duas vezes, na política e no sexo.

**MARCOS:** Ah, mas é diferente!

**DIOGO:** Diferente por quê? Te perseguem do mesmo jeito!

**MARCOS:** Ora, Diogo, que exagero, na guerra mataram seis milhões de judeus.

**DIOGO:** E seiscentos mil homossexuais, nos mesmos campos de concentração. A diferença é que uns usavam uma estrela amarela, e outros um triângulo cor-de-rosa, a morte era igual.

**MARCOS:** Eu não sabia disso...

**DIOGO:** Quem conta a história só escreve o que quer.

*(Batem na porta. Os dois se olham assustados.)*

**MARCOS:** Porra! É a polícia! Vamos cair!

**DIOGO:** Tem algum documento da organização aí?

**MARCOS:** Tá cheio de coisa lá dentro.

**DIOGO:** Vamos queimar!

**MARCOS:** Não dá mais tempo! Pega o revólver!

*(Os dois se armam e se encostam na parede.)*

**NINON (chamando de fora):** Marcos! Marcos!

**MARCOS (baixando o revólver):** É a Ninon!

**DIOGO:** Espera! Pode ser uma cilada!

**MARCOS (empunhando de novo a arma):** É melhor abrir!

*(Abre a porta, puxa Ninon para dentro e aponta o revólver para fora. Ela se assusta, mas percebe rápido a situação.)*

**NINON:** Isso é maneira de receber uma companheira? Puxa, que paranóia! *(Pausa)* Taí, uns sanduíches e uns milkshakes derramados.

*(Os dois avançam para a comida.)*

**NINON (sorrindo):** Também, do jeito que as coisas andam, eu fico achando que a minha sombra é a polícia...

**Cena 7**  
**“E começa a derrota...”**

**REGINA:** Toda liderança estudantil tava no Congresso de Ibiúna. O clima não era bom, com a ditadura cada vez pior, a guerra ali era entre grupos pela direção da UNE. Às quatro da madrugada do terceiro dia, apareceu um companheiro avisando que o exército tava cercando toda a região. Mas a desconfiança era tanta que o pessoal do Travassos achou que era um golpe de Dirceu, nosso candidato à presidência da UNE, pra acabar com o Congresso. Marcaram uma assembléia pras oito, pra decidir o que fazer. Às sete tava todo mundo preso. Também, onde já se viu, reunião clandestina com mil pessoas. Nego achava que para ser democrático tinha que ter muita gente. Milhares de estudantes foram pras ruas no Brasil inteiro, mas foi uma puta derrota. Ficamos pouco tempo em cana, o bastante para enquadrarem toda liderança na Lei de Segurança Nacional. Quando saímos o pessoal dizia: “Não somos mais estudantes, somos a Vanguarda Revolucionária” – Eu tinha dúvidas, muitas dúvidas...

**Cena 8**  
**“Cada um na sua”**

*(Lucas lê um livro na cama. Diogo, sem camisa, aproxima-se fazendo um carinho nele; ao fundo ouve-se Vivaldi.)*

**DIOGO:** Que tal parar de ler esse livro?

**LUCAS:** A organização vai discutir essa tese amanhã, tenho que me preparar. “Sem teoria revolucionária não há prática revolucionária...”

**DIOGO** (*irônico*): Livro das Citações, Lênin, capítulo 1, versículo 4. (*Sério.*) Você tá sempre pensando no futuro. Quando é que sobra tempo pra gente? Depois da revolução? A revolução é agora, depois não existe, a gente pode morrer.

**LUCAS** (*terno*): Nós estamos juntos nisso, estamos juntos em tudo.

**DIOGO:** Estamos mesmo, companheiro? Quando você acabar de ler vai reparar a minha beleza e me chamar pra fazer amor? Você me toca como se eu fosse de cristal, capaz de quebrar a qualquer instante. Eu sou de carne e osso, do mesmo barro que você. Eu quero pique, vida, não agüento mais passar os dias na gráfica, de reunião em reunião e de noite ficar trancado aqui enquanto você lê.

**LUCAS:** Saia, Diogo. Quem é que te proíbe de sair? Você é que se prende.

**DIOGO:** Eu vou sair mesmo! Vou beber, encontrar gente que fale besteiras comigo! Vou deixar a barba crescer e ficar bem feio!

**LUCAS:** Deixe a barba crescer, raspe o cabelo, rasgue as roupas, se isso te ajuda. Agora não jogue em mim a culpa de seu tédio estético.

**DIOGO** (*perplexo*): Tédio estético? (*Furioso.*) É, eu tô cheio de tédio estético! E quer saber? Chega dessa música clássica! (*Muda o*

disco.) (*Ouve-se o som  
"Stones". Diogo grita.*) Rolling  
Stones.. Já ouviu falar?

**LUCAS:** Vai à merda!  
(*Diogo sai batendo a porta.*)

## Cena 9 "Treinamento"

(*Casa de campo, ar livre, fim de  
treinamento. Todos descalços, os  
rapazes sem camisa. Marcos e Regina  
namoram. Ninon está deitada. Diogo lê.  
Lucas de pé, com um revólver na mão,  
recebe instruções de Bruno.*)

**BRUNO:** Firme os pés no chão  
formando um triângulo. Estenda o  
braço. Agora mire bem, e atire.  
(*Pausa.*) Já! (*Lucas atira.*) Ótimo!  
(*Lucas estica braços e pernas e se  
aproxima de Diogo, que pára de  
ler.*) Acho que todo mundo já  
sabe fazer e atirar coquetel  
molotov, não é? Bom, por hoje  
chega, já está escurecendo.

**REGINA:** Ninon, pelo rodízio é a sua vez  
de cozinhar. (*Ninon continua  
impassível.*) Não adianta fingir  
que está dormindo...

**NINON** (*abre os olhos e levanta*): Tá  
bem, tá bem, lá vou eu de novo.  
Agora todo fim de semana  
arranjam essa história de  
treinamento, não sei mais o que é  
uma praia.

**BRUNO:** Olha o nível ideológico,  
companheira!

**NINON:** Nível ideológico? Tô é doída!  
Não sei por que tenho que  
dispensar os empregados pra  
gente vir pro sítio. Eles sabem lá o  
que nós andamos fazendo?

**MARCOS:** Ora, Ninon, você acha  
normal um bando de garotões

passarem o dia dando tiros?

**REGINA:** Deixa! Ela quer ver todo  
mundo preso...

**NINON:** Eu topei ser guerrilheira, não  
cozinheira, assim também já é  
demais!

(*Sai resmungando.*)

**REGINA:** A Ninon não toma jeito!

**MARCOS:** Ela é assim mesmo, vive  
reclamando, mas é quem mais  
trabalha. Ela se mata virando  
noite na gráfica.

**REGINA** (*sorrindo*): Tem razão, vamos  
dar uma mão pra ela.

(*Saem.*)

**LUCAS** (*pra Diogo*): Que é que você tá  
lendo, Chezinho?

**DIOGO:** "A Revolução na Revolução",  
do Régis Debray. É genial, esse  
livro vai mudar a história do  
continente.

(*Lucas e Diogo saem abraçados  
conversando.*)

**BRUNO:** Eu não entendo esses dois. Não  
tentam nem disfarçar, dormem na  
mesma cama. Assim também não  
dá...

**MARCOS:** O que é que tem?

**BRUNO:** O que é que tem,  
companheiro? Imagina se isso cai  
nos ouvidos da ditadura! O que é  
que eles vão dizer de nós? Que  
nós somos pervertidos. Os  
combatentes do povo não  
podem se afastar da moral  
proletária.

**MARCOS:** Só queria saber quem foi  
que inventou essa tal de moral  
proletária...

**BRUNO** (*discursivo*): Invenção não! É  
uma formulação científica! Os  
homossexuais são fracos, não  
resistem a pressões, quebram as  
normas de segurança. Por mim

esses dois seriam expulsos da organização.

**MARCOS:** Eles são bons militantes, cumprem bem as tarefas?

**BRUNO** (*relutante*): Nesse nível, são.

**MARCOS** (*cortando*): Pra mim isso é o que importa. Com licença, que eu vou militar com as mulheres na cozinha.

(*Marcos sai. Bruno fica resmungando.*)

### Cena 10 "Ação"

(*Porta da fábrica. Todos nesta cena aparecem fantasiados de proletários. Lucas finge que lê um jornal. Entra Ninon, com um vestido curto demais. Lenço na cabeça e carregando uma sacola. Aproxima-se dele.*)

**NINON:** Lucas! (*Ele finge que não ouve.*) Lucas, tá surdo?

**LUCAS** (*sussurrando*): Não fale comigo, eu sou a segurança.

**NINON:** Mas é que ainda não chegou ninguém.

**LUCAS:** Tá dentro da hora, volta pro teu lugar!

**NINON:** Mas tem uma coisa que eu preciso saber...

**LUCAS:** A gente já discutiu tudo!

**NINON:** Lucas, eu tô com pinta de proleta?

**LUCAS:** Tá, Ninon, eu nunca reconheceria você! Agora vai embora!

**NINON:** Ih! (*Afasta-se, boceja e olha o relógio.*) Cinco da manhã! Tô caindo de sono... (*Lucas vira-se para o outro lado ostensivamente lendo o jornal.*) Segurança! Era muito mais normal você estar aqui com uma operária, do que aí, no meio da rua de madrugada,

lendo jornal no escuro...

(*Chegam Diogo e Regina, que param afastados. Ninon dá adeusinho para eles, que fingem não ver. Entra Marcos, que faz um sinal para o grupo. Todos avançam para a sacola de Ninon, que se assusta, mas distribui os sprays e junta-se aos outros pixando as paredes. Aparece a cabeça de um vigia, com quepe de guarda, Lucas tosse alto, todos param e se afastam.*)

**VIGIA** (*entrando*): Ei, que é isso aí?

(*Pausa.*) Ah, estão pixando as paredes.

(*O vigia puxa um revólver. Lucas faz o mesmo.*)

**LUCAS** (*para o grupo, sem se voltar*):

Dispersar! Dispersar!

(*O grupo sai. O vigia e Lucas apontam-se os revólveres sem atirar. Lucas dá um passo para trás. O vigia faz o mesmo. Vão recuando até o vigia estar de novo só com a cabeça para fora. Lucas sai andando de frente para o vigia. Vendo-se só, o vigia reaparece gritando*)

**VIGIA:** Medrou, hein? Medrou! Cagões do caralho...

### Cena 11 "Vexame"

(*Regina e Bruno numa mesa de bar.*)

**REGINA:** Olha, eu não sei o que eu tô fazendo aqui com você. Você disse que tinha uma coisa importante para me falar, nós já estamos há horas bebendo e você não me disse nada... Eu vou embora!

**BRUNO:** Fica só um instante!

**REGINA:** Não posso, meu marido tá esperando.

**BRUNO:** Nunca tinha visto você falar

assim, "meu marido"!

**REGINA** (*rindo*): Eu tenho um. Sabia?

**BRUNO**: Eu tenho inveja dele...

**REGINA**: Ah, Bruno, pra cima de mim?

Você teve a cara de pau de me trazer aqui para me dar uma cantada? Realmente... Não podia me deixar de fora dessa sua coisa asquerosa de querer comer todas as mulheres da faculdade?

**BRUNO**: Você é diferente! Você é incrível! É a mulher dos meus sonhos.

**REGINA**: Que mais? Anda, tô esperando (*Pausa.*) Porra, o repertório tá fraco... Olha Bruno, não tenho nada a ver com a mulher dos seus sonhos. Eu não suporto machão, pra você eu sou um pesadelo!

**BRUNO**: Regina! Por favor, me escuta, acredita em mim. Eu nem quero ir pra cama com você, quero só conversar. Eu tô apaixonado por você, juro.

**REGINA**: Se isso é verdade você escolheu a pior pessoa para se apaixonar. (*Regina levanta-se. Bruno cobre o rosto com as mãos e chora.*) Bruno!... Bruno!... Que é isso? Você tá bêbado! Olha o vexame! Tá todo mundo olhando (*Pra si mesma, aflita.*) Ah, meu Deus! (*Senta.*) Bruno... que é que há? Me fala, eu tô aqui.

**BRUNO** (*descobrimdo o rosto*): Não há nada, desculpe... Eu tô sozinho pra caralho... Eu fico me dizendo - "ela é a mulher de um companheiro, não vai com a sua cara"... Mas não sei o que me deu... Eu só penso em você...

**REGINA**: Não dá, Bruno, não dá... Eu amo o Marcos. (*Pausa.*) Mas é tão

bonito ver você gostando de alguém... Eu acho que até precisava ouvir isso, só que não sou eu. Você entende?

**BRUNO**: Entendo.

**REGINA**: Olha, eu vou tomar mais um chope. Depois levanto, vou embora por aquela porta, e não se fala mais nisso. Tá bem?

**BRUNO**: Eu posso segurar na sua mão? (*Pausa.*) Só uma vez?

**REGINA**: Pode.

(*Dão-se as mãos por sobre a mesa.*)

## Cena 12 "O racha"

(*Reunião. Ânimos exaltados.*)

**LUCAS** (*para Bruno*): Quanto à luta interna na organização, já discutimos e tiramos posição. Somos pelo início imediato da luta armada.

(*Bruno se sobressalta.*)

**REGINA**: Com meu voto contra.

**MARCOS** (*para Regina*): Que absurdo! Você não pode fazer isso!

**REGINA**: Posso fazer o que quiser! Eu penso com a minha cabeça!

**MARCOS**: Você vai abandonar a luta?

**REGINA**: Não vou abandonar a luta, vou lutar de outra forma.

**MARCOS**: Não acredito.

**REGINA**: Dane-se.

**LUCAS**: Companheiros, a discussão não é pessoal, é política.

**REGINA**: Eu acho que o momento é de preparação. A gente não pode continuar radicalizando sem a massa. Se a vanguarda vai correndo na frente, se isola, vira prato feito pra repressão. Vocês esquecem que as greves foram massacradas, que os

trabalhadores estão  
desmobilizados?

**DIOGO:** As condições objetivas para a Revolução já existem, as condições subjetivas serão criadas a partir da deflagração da luta armada.

**NINON:** O foco guerrilheiro vai se espalhar, as cidades serão cercadas, os operários irão se levantar.

**BRUNO:** Isso são ilusões agora, o Estado tá forte, e nós somos poucos, despreparados. Nós estamos sós, não se faz Revolução sem o povo.

**MARCOS:** Fala-se em luta armada, todo mundo concorda, mas querem passar anos discutindo em vez de pegar em armas... Não há mais calma possível, não podemos continuar a reboque da burguesia, temos de partir já para a ação.

**REGINA:** A política não é um jogo, não é um brinquedo. É uma ciência, uma forma de intervir na realidade, a partir de interesses definidos de classe. Saber quando recuar é tão importante quanto saber definir quando avançar. Senão, cai-se no aventurismo, que leva ao desgaste, ao aniquilamento e a maiores retrocessos.

**DIOGO:** Então vamos cruzar os braços e esperar que o capitalismo morra de velho.

**BRUNO:** Não! Vamos fazer o trabalho operário, chato, cotidiano, mas imprescindível. Não seremos vanguarda de nada, desligados dos trabalhadores.

**LUCAS:** A repressão tá avançando, o movimento de massa tá em

descenso, continuar em porta de fábrica tentando contagiar fisicamente os operários é suicídio.

**BRUNO:** É claro que há perigo de cair, mas esse trabalho sempre foi feito, mesmo debaixo das piores ditaduras.

**NINON:** Foi com boas desculpas que o partidão freiou a Revolução e traiu a classe operária durante 50 anos.

**REGINA:** Nós não temos nada a ver com o partidão. Você acha que um dia iremos recuperar todo o tempo que eles perderam?

**NINON:** Sim, com surpresa, rapidez, agilidade e coragem.

**BRUNO:** Muitos militantes do partidão morreram com coragem na tortura, plenamente convencidos de seus erros. Coragem não é o bastante, isto é um julgamento moral, não político.

**LUCAS:** Então vocês fiquem eternamente se preparando que nós vamos dar o exemplo das balas. "O dever do Revolucionário é fazer a Revolução". Temos que criar um, dois, três, mil vietnams!

**BRUNO:** Companheiros, temos que respeitar a disciplina, o centralismo democrático. Vocês estão indo contra a maioria, fazendo fração, assim a organização vai rachar.

**MARCOS** (*olhando para Regina*): Vai rachar, sim, e não tem outro jeito. Cada um vai pro seu lado. Nosso compromisso é com a Revolução, não com um programa vacilante.

**REGINA:** Vocês se lembram dos narodniks? Foi um grupo de revolucionários russos, que ficou célebre por mandar nobres pelos ares. Eram muito poucos, mas o

nome de sua organização era "Vontade do Povo". Enfrentaram corajosamente a repressão e foram dizimados. Depois de seu fim, surgiram os bolcheviques, que fizeram revolução. Às vezes me pergunto se somos os primeiros bolcheviques ou os últimos narodniks

*(Silêncio.)*

**NINON:** Xô, que coisa trágica, deixa de derrotismo, menina. Depois dessa, pra elevar a moral, só abrindo uma cervejinha.

**BRUNO:** Companheira, a reunião ainda não terminou, não devemos beber.

**NINON:** Companheiro, a cerveja mata a sede, não a lucidez. Além disso você não é mais a minha liderança, perdeu completamente o carisma. *(Pausa.)* Divergências políticas à parte, quem é que vai de cerveja?

### Cena 13 "PLENITUDE"

*(O grupo com Clara em sua casa.)*

**CLARA:** Fiquei feliz que ao menos dessa vez vocês tenham colocado o coração acima das razões de segurança. Vocês todos saíram de casa, não sei se vamos poder nos reunir assim de novo... Por isso pedi a vocês pra passarmos juntos a entrada de ano.

**REGINA:** Foi um ano louco, esse, não é? Vocês se lembram, há poucos meses Marcos vivia de mesada, e eu aos gritos com minha mãe.

**NINON:** Diogo era uma criança, Lucas não largava os livros, e eu ia às festas da sociedade.

**REGINA (para Clara):** E você, Clara, como simpatizante, corre os mesmos riscos que nós.

**CLARA (sorrindo):** Dizem que para ganhar os reinos dos céus e da terra, como vocês preferem, é preciso ser como as crianças.

**REGINA:** Eu tô com medo. O Congresso fechado, prisões em massa, ainda por cima vamos ter que mudar. Tão demolindo o Solar da Fossa. Parece um prenúncio de ruínas. Algo tá terminando e eu não sei o que vem por aí...

**DIOGO:** Mas é claro que algo tá terminando, uma época tá no fim. Mas foi nesse ano que nós partimos pra pôr abaixo essa prisão, demolir esse hospício todo. São ruínas, Regina, mas em cima delas vamos construir um novo mundo.

**MARCOS:** E você não sabe que o ato quinto deverá ser o último, como nas tragédias gregas.

**REGINA:** As tragédias gregas terminam em sangue.

**MARCOS:** Mas nelas, os homens enfrentam os deuses, o destino, a tirania. Além disso, os heróis não tinham uma rainha descalça como eu.

*(Regina sorri e senta no colo de Marcos.)*

**LUCAS:** Uma vez li um poema do Chê. Imaginei a figura dele montada sobre o Rocinante, subindo uma serra da América Latina no raiar do sol. Dizia – "na retina dos meus olhos, trago a semente de uma nova aurora!"

**CLARA:** Agora nós estamos juntos. Hoje não vamos pensar no sofrimento, mesmo sabendo que virá. Não

vamos nos desesperar. Vamos só ficar aqui cantando, bebendo e olhando estrelas, com essa força que nos dá a presença um do outro.

*(Lucas abraça Diogo, Ninon deita a cabeça no ombro de Clara. Ouve-se o piano ao fundo. Por um momento a cena é fixa, como numa foto.)*

### Cena 14 “Momento eterno”

*(Marcos e Regina de pé no quarto. Há uma mala no chão.)*

**REGINA:** Pega essa mala e vai embora de uma vez! Eu odeio despedidas.

**MARCOS:** Você não entende! É a realidade concreta...

**REGINA:** Não! Eu não entendo! A realidade concreta é pesada demais pra mim. Clara tá morrendo, os companheiros se separando com o racha, e a gente nunca mais vai se ver.

**MARCOS:** Não tem nunca mais.  
*(Sorrindo.)* Um dia as organizações vão formar uma frente, e nós vamos lutar juntos no Exército Popular.

**REGINA:** Não é justo, não é justo! Por que a gente tem que ser infeliz pra que um dia todos sejam felizes?

*(Regina dá as costas a Marcos, que se aproxima e coloca um colar em seu pescoço.)*

**MARCOS:** Prá você, minha rainha.

**REGINA** *(voltando-se):* Que é isso?

**MARCOS:** Um guia, pra fechar seu corpo.

**REGINA:** Esse país é mesmo louco, até os comunistas vão ao candomblé. Desde quando você acredita em magia?

**MARCOS:** Desde que te conheci.

**REGINA** *(enternecida):* O que vem de você só pode dar sorte. Lênin dizia que os amigos são aqueles que concordam politicamente. Eu vou ter que rever essa posição. Você discorde ou não de mim, eu quero que você fique para sempre comigo.

**MARCOS:** Onde quer que eu vá, eu vou estar sempre junto de você.

*(Os dois se abraçam. Marcos pega a mala e sai pelos fundos.)*

### Cena 15 “MÃE”

*(Tocam a campainha. Regina olha pelo olho mágico e abre a porta. Entra Clara, que está pálida, cansada.)*

**REGINA:** Clara! Que surpresa! Entra...  
*(Beijam-se.)* Você não tava de cama?

**CLARA:** Mas dá pra sair, eu precisava tomar ar.

**REGINA:** Senta aqui! Descansa um pouco.

*(Clara senta com Regina na borda da cama.)*

**REGINA:** Aconteceu alguma coisa?

**CLARA:** Fica calma. Me pediram pra vir porque o prédio está cercado. Por sorte esse edifício tem mil apartamentos, eles não sabem qual é o seu, nem como você é.

**REGINA:** Alguém foi preso?

**CLARA:** Não. Uma pessoa procurada por eles foi vista há algum tempo entrando pela portaria.

**REGINA:** Ah, já foi embora. Você não devia ter vindo, vão acabar me achando. Anda, vai embora.

**CLARA:** Vou sim, mas com você.

**REGINA:** Você tá louca? Não devia

nem ter saído de casa doente, quer se arriscar à toa?

**CLARA:** Eu sou a pessoa menos suspeita, Nós vamos sair as duas juntas, de braços dados, conversando. Quem é que vai desconfiar de mãe e filha que vão às compras?

**REGINA:** Não sei... Não acho justo te expor assim. Se eu sair vou levar meu revólver. Não quero cair viva, é muito pior.

**CLARA:** Olha, eu passei a vida feito escrava numa gaiola de ouro. Sempre tive medo de tudo, do meu pai, do meu marido, dos outros. Você vai tirar a minha única chance de ter coragem?

**REGINA:** Tá bem, eu vou.  
*(Regina verifica o revólver e o coloca de novo na bolsa.)*

**CLARA** *(levanta-se e segura o braço dela):* Vamos. Vai dar tudo certo.  
*(Saem.)*

### Cena 16 "SOLIDÃO"

*(Lucas espera impaciente num ponto olhando o relógio. Entra Bruno.)*

**LUCAS:** E então? Teve notícias dos companheiros?

**BRUNO:** Ninon foi presa. A família dela usou toda influência e nada... desaparecida.

**LUCAS:** Meu Deus! E Marcos e Diogo?

**BRUNO:** Estavam num aparelho que caiu...

**LUCAS:** Foram presos?

**BRUNO:** Não.

**LUCAS:** Fugiram? *(Silêncio.)* Fala, Bruno, fugiram?

**BRUNO:** Não, foram mortos. *(Lucas leva a mão ao estômago, como se*

*tivesse sido baleado.)* Eu sei... Eu sinto muito... Eu também sinto muito. *(Lucas deita a cabeça no ombro de Bruno, que hesita um instante e depois o abraça.)* Coragem, coragem... *(Olha para os lados e puxa Lucas com a mão em seu ombro.)* Vamos embora daqui, tem gente olhando

*(Saem.)*

### Cena 17 "MORFINA"

*(Praça. Lucas e Regina no banco se olham e se acariciam.)*

**REGINA:** Eu escapei do cerco com sua mãe, eles nem nos pararam. Depois eu soube da morte dele. Foi como se tivessem me arrancado as entranhas, achei que ia enlouquecer. Clara me consolou muito tempo, sem dizer nada. Aí ela começou a sentir dores. O médico foi lá e aplicou uma injeção de morfina.

**LUCAS:** Morfina...

**REGINA:** Quando eu fui embora ela tava dormindo. *(Pausa.)* O que é que você vai fazer agora?

**LUCAS:** O que é preciso. Vou cair na clandestinidade, morar com companheiros que nem conheço, assaltar bancos...

**REGINA:** Meu querido, como é que você vai resistir, sem a Clara, sem o Diogo?

**LUCAS:** Tá tudo escuro por dentro, por fora... Eu tô me sentindo sozinho, muito sozinho...

*(Os dois se abraçam.)*

**LUCAS:** Você precisa ir embora logo. Bruno foi preso, a gente nunca sabe quanto sofrimento uma

peessoa agüenta pra não falar. Você viaja hoje à noite para a Europa. Os companheiros estão te esperando com documentos prontos.

**REGINA:** Lucas, vem comigo...

**LUCAS:** Não! Quero ficar!

**REGINA:** Você acha que valeu a pena? Transformar o mundo era um sonho tão luminoso, e veio tanta dor, tanta morte, tanta tristeza. Você acha que nós vamos conseguir?

**LUCAS:** A gente tem que conseguir, eles não morreram em vão. A gente tá só começando. Um dia, um dia nós vamos vencer.

**REGINA:** Lucas, eu vou embora porque estou grávida. Eu quero ter esse bebê, você entende? Ele é a promessa que o Marcos fez pra mim.

**LUCAS:** Ele vai nascer. Tem que nascer. Você tem que viver.

*(Beijam-se longamente na boca.*

*Depois abraçam-se chorando baixinho. Lucas a empurra devagar.)*

**LUCAS:** Vai, vai, vai...

*(Regina sai.)*

## Cena 18

### “Os guerrilheiros eternos”

*(A memória é uma cena aberta, onde os atores eternos recriam o tempo, com a rapidez de um momento. Diogo aparece com a emoção da primeira*

*cena.)*

**DIOGO:** Lucas, vamos? A gente tem que acordar cedo. Que lua incrível! É uma luz assim que eu quero pra minha vida! Você ama Godard?

**LUCAS:** Eu amo você.

**DIOGO** *(canta):* Au clair de la lune  
Mon ami Pierrot  
Prete moi la plume  
Pour écrire un mot  
Me chandelle est morte  
Jé n'ai plus du feu  
Ouvrez moi ta porte  
Pour l'amour de Dieu.

Você já resolveu o que vai fazer da vida? Eu vou andar por aí, conhecer gente, fazer a revolução. E quando eu morrer quero que escrevam no meu túmulo: “Diogo, guerrilheiro urbano, amou Lucas e viveu de amor e de lutas.”

*(Lucas dá um passo na direção de Diogo, que desaparece.)*

**LUCAS:** Nós não vamos morrer nunca, Chezinho, nós vamos ser guerrilheiros eternos...

*(Um foco de luz incide sobre Lucas, que empunha o revólver. O prólogo de luz, sonhos e sorrisos. Está findo. No escuro, se adivinha sangue, dor e derrota. As crianças armadas são heróis perplexos, pequenas aves condenadas pela altura de um solitário vôo precoce. Lucas está só no palco.)*

FIM

# O CRIME DA CABRA

Renata Pallottini

## PERSONAGENS

---

Comadre Maria  
Vendedor de sorvete  
Zé Boa Morte  
Dona Leontina  
Cego  
Manuel  
Deolino  
Filinto  
Delegado  
Chico  
Cobrador  
Romilda  
Vizinho  
Coronel Terso

### 1° ATO

#### 1° Quadro

*(No mercado, de manhã – para a metade esquerda do cenário, entram os que vão compor a cena móvel do mercado; Comadre Maria vem empurrando um carrinho de mão, cheio de gaiolas de passarinhos, garrafas de bebida, comestíveis. Vão entrando os Vizinhos que conversam entre si e apontam os passarinhos. Zé Boa Morte entra e se aproxima do carrinho, procurando uma bebida. O Cego vai entrando de mansinho, sem ser muito notado, violão nas costas, placa no peito. Manuel chega depois. Deolino, trazendo a cabra por uma*

*corda, entra seguido de Filinto. Os dois se colocam separadamente dos demais. A cena é barulhenta e alegre. Alguém deve trazer instrumentos musicais rústicos, um cavaquinho, um pandeiro, um reco reco, um chocalho, qualquer coisa assim, despreziosa. Comadre Maria vende pinga.)*

**COMADRE MARIA** *(apregoando):*

Vendo pastel cheio de vento e pinga do sítio do seu Bento!

**SORVETEIRO** *(idem):* Olha o sorvete de amendoim, quem lambe um pouco, lambe até o fim!

**COMADRE MARIA** *(idem):* Vendo passarinho que não bebe água e água que passarinho não bebe!

**ZÉ BOA MORTE** *(apontando um passarinho):* Me vende esse?

**COMADRE MARIA:** Quinhentos mil réis.

**ZÉ BOA MORTE:** Vem com a família?

**COMADRE MARIA:** Qual, a dele?

**ZÉ BOA MORTE:** Não, a sua!

**COMADRE MARIA:** Nasci de asilo, não tenho mãe. Pra tratar com bêbado é o melhor jeito. Vai falando!

**ZÉ BOA MORTE:** Não me ofendo com mulher. Com mulher o bom é fazer as pazes.

**COMADRE MARIA:** Com você, prefiro guerra.

**ZÉ BOA MORTE:** A senhora que sabe. Me dá uma pinga. *(É servido. Derrama um pingo no chão, depois bebe.)* Pras almas.

**COMADRE MARIA:** Só pra aquelas que você providenciou precisava outra dose.

**ZÉ BOA MORTE:** Calúnia, nunca matei ninguém. Eles morrem de medo.

**COMADRE MARIA:** A viúva do Olegário que diga...

**D. LEONTINA** *(chegando)*: Tem aguardente com alecrim?

**COMADRE MARIA:** Com alecrim não senhora. Não quer beber pura?

**D. LEONTINA** *(ofendida)*: Não é pra mim, é pra suadouro de criança!

**COMADRE MARIA:** Sempre as crianças é que pagam o pato!

**D. LEONTINA:** Mas afinal, tem ou não tem pinga com alecrim?!

**COMADRE MARIA:** Tem pinga de um lado e alecrim de outro. A senhora dá pra criança um de cada vez, depois sacode.

**D. LEONTINA** *(saíndo)*: Atrevida!  
*(Risadas. O vizinho sorveteiro canta.)*

Ajoelha, baiana, ajoelha

Ajoelha, baiana, ajoelha

Nos caminhos da cidade ajoelha

Ôi, nos caminhos da cidade ajoelha...  
*(Todos cantam. Filinto e Deolino conversam. O Cego vem chegando para conseguir esmolas, e lasca, com c violão, a quadrinha.)*

**CEGO:** "Ajudaí um pobre cego sem a luz dos seus olhinhos, passarinho pela estrada sem asa de passarinho..."

*(Todos se mexem, apalpam os bolsos, vão se ajuntando. Manuel toma a iniciativa de recolher o dinheiro.)*

**MANUEL:** Vamos ajudar, vamos ajudar! Vai cantando outra, cantador!

**CEGO:** "Sem asa de passarinho pra voar por este mundo, cego sem eira nem beira, cego sem beira nem fundo..."

**MANUEL:** É bom! Toma lá um dinheiro.

**COMADRE MARIA:** Está se coçando, heim, soldado?

**MANUEL:** Se importe com a sua vida e me dê um café. Visto?

**COMADRE MARIA:** Café por quê? Está doente do peito?

**MANUEL:** Não bebo em serviço.

**ZÉ BOA MORTE** *(comicamente, levantando os braços)*: "Estejo" preso. O soldado está de serviço.

**MANUEL** *(zangado)*: Não gosto dessas graças comigo.

**COMADRE MARIA:** Quando está de serviço você não bebe?

**MANUEL:** Não senhora.

**COMADRE MARIA:** Então, pro tanto que trabalha, você devia estar sempre bêbado.

*(Risadas. De repente, do canto em que estavam Deolino e Filinto, explode uma gritaria, protestos etc.)*

**FILINTO:** Socorro! Acudam aqui um homem de bem! Comadre, me ajude aqui!

**DEOLINO:** Auxílio pro meu animal. Não

tenho culpa!  
**COMADRE MARIA:** Que é que foi? Que é que foi?

*(Vozerio. Confusão.)*

**MANUEL:** Que é isso? Calma, calma. Olha a autoridade!

**FILINTO:** Foi a cabra!

**DEOLINO:** Não foi não senhor!

**FILINTO:** Foi a cabra e se não foi ela foi o senhor!

*(Aumenta a gritaria. Estão furiosos. Os passarinhos fazem barulho, o Cego procura adivinhar; Zé Boa Morte se aproxima, ficando à parte apenas um vizinho, quieto e imóvel.)*

**MANUEL:** Vamos tudo pra delegacia!

**DEOLINO:** Vamos é pra igreja!

**MANUEL:** O Delegado é que tem de resolver!

**FILINTO:** Não, é o juiz!

**OS DEMAIS:** É o Delegado! O juiz! O padre!

**MANUEL:** Silêncio!

*(Pregão do sorvete de coco. Enorme confusão. O Cego se aproxima do vizinho, que está à parte.)*

**VIZINHO:** Que foi, heim?

**CEGO:** Não sei, não senhor, sou cego.

**VIZINHO:** Ah, me desculpe...

**CEGO:** O senhor não vai ver porque é cego também?

**VIZINHO:** Eu? Não senhor, mas é que eu tenho uma preguiça...

*(Aumenta a confusão, que tinha tido uma pausa; os dois litigantes se engalfinham, a cabra é sacudida. Escurece essa parte da cena, e se ouve, através de microfones, um formidável berro da cabra. Fim do primeiro quadro.)*

## 2º Quadro

*(Em seguida, na delegacia – lado*

*direito do cenário: a delegacia. Mesa do Delegado, mesinha da máquina de escrever, cadeiras, armas. Ao fundo, porta gradeada que dá para o xadrez. O Delegado está decifrando um problema de palavras cruzadas e Chico está azeitando a máquina de escrever.)*

**CHICO:** Doutor...

**DELEGADO:** Heim...

**CHICO:** Que quer dizer esse "ele" cruzadinho que tem aqui em cima?

**DELEGADO:** É libra.

**CHICO:** O que é isso?

**DELEGADO:** É dinheiro.

**CHICO:** Então, por que não é cifrão?

**DELEGADO:** Porque vale mais.

**CHICO:** Por quê?

**DELEGADO:** Porque sim! Você não vê que a libra está por cima e o cifrão está por baixo?

**CHICO:** É mesmo... *(Pausa.)* Doutor...

**DELEGADO:** Que é...

**CHICO:** É por isso que o dinheiro da gente não rale nada?

**DELEGADO:** Deve ser. *(Decifrando.)* "Defunto"...

**CHICO:** Sei.

*(Pausa, Delegado morde o lápis e olha o teto.)*

**DELEGADO:** Horizontal, seis letras, defunto...

**CHICO:** Doutor...

**DELEGADO:** Heim!

**CHICO:** Que é horizontal?

**DELEGADO:** Deitado.

**CHICO:** Então todo defunto é horizontal, doutor.

**DELEGADO:** Ó santa ignorância! Isto é palavra-cruzada, Chico, quebra-cabeça! O defunto, aqui, é conceito!

**CHICO:** Ah, bom, pensei que fosse

defunto morto.

**DELEGADO:** Morto... Morto...

*(Experimenta.)* Não, não serve.  
Tem cinco. "Ca-dá-ver" ... Também não. "Fa-le-ci-do" ... Ih, esse é comprido.

**CHICO:** Ih, ih... Defunto comprido. Uma vez eu vi um que parecia uma "tauba".

**DELEGADO:** E daí? Não ajuda em nada. Este aqui tem que ter seis letras.

**CHICO:** O que eu vi tinha uma só; mas diz que protestaram, ela, ele se enfezou, provocou o outro pra brigar e levou facada.

**DELEGADO:** "Fi-na-do"!

**CHICO:** Senhor?

**DELEGADO:** Achei! *(Escreve, repetindo alto.)* "Finado".

**CHICO** *(contente):* Acabou?

**DELEGADO:** Que nada. Está só começando.

**CHICO:** Que divertimento! Prefiro azeitar as letrinhas. Chi... Isso está que é só ferrugem... O dabiliú está todo azinhavrado...

**DELEGADO:** Também, nunca se usa... Que é do Manuel?

**CHICO:** Saíu pra dar uma volta.

**DELEGADO:** Vocês estão me saindo uns folgados de marca. Isso é que dá a gente ser humanitário, boa pessoa, amável com os subalternos. Se eu fosse um desses majorengos, que cada duas palavras dizem três palavrões, vocês me respeitavam!

**CHICO:** A gente respeita o senhor, doutor! É que Manuel não pode ficar parado muito tempo, dá uma coisa nele. Ele saí, dá umas voltas, aproveita e faz a ronda. Se tiver algum "causo", ele logo

resolve. Doença, doutor.

**DELEGADO:** Doença é conversa. Só se ele sofre de unha encravada. Nunca vi homem mais forte.

**CHICO:** O que eu sei é que ele lhe quer um bem doido. É Deus no Céu e o senhor na delegacia.

**DELEGADO:** Está bom, é assim que vocês me levam. *(Decifrando.)* Moléstia, três letras. É boa! Moléstia com três letras só pode ser dor. Mas dor lá é moléstia!

**CHICO:** Não sei não, senhor.

**DELEGADO:** Moléstia é doença. Quando você tem dor, diz que está doente?

**CHICO:** Ah, isso é que digo, sim senhor! Pois dor, dói. O que dói, é doença!

**DELEGADO:** Não senhor, doença é um negócio que a gente tem que ir no médico pra curar!

**CHICO:** Chi, doutor, se fosse isso, pobre nunca ficava doente! Se o dinheiro não chega pra ir ao médico, a dor continua doendo e ele não vai. Então não é moléstia?

**DELEGADO:** Pronto, lá vem você com comício. É assim: pobre quando faía um pouco mais, desanda logo na demagogia. Vocês são é comunistas!

**CHICO:** Sim senhor, doutor. Mas dor de barriga é doença, e a gente resolve com erva de Santa Maria!

**DELEGADO** *(decifrando):* Cinco, assassino com oito letra... Oito letras?

**CHICO:** Dioguinho?

**DELEGADO:** Tem muita letra!

**CHICO** *(desanima. Depois, anima-se novamente):* Lampeão!

**DELEGADO:** Pode ser... Não. Não dá. Tem letra de menos. E depois, nem combina com a vertical. A vertical

é "cheiro agradável"...

**CHICO:** Ah, então não combinava mesmo...

**DELEGADO:** Mamífero ruminante, cinco letras...

*(Enquanto os dois prosseguem no diálogo, vai-se aproximando o Cego; traz o violão, preso nas costas, bengala com a qual vai tateando. Segue a parede até encontrar a delegacia. Traz uma placa no peito, onde se lê o número de sua licença e o lugar de onde veio: Pouso Alegre. Ouviu a conversa, tira o chapéu e aproveita.)*

**CEGO:** Uma esmola, pelo amor dos seus...

**DELEGADO** *(distráido):* Deus lhe favoreça...

**CHICO:** ...Favoreça, irmão..

**CEGO:** Amém, a nós todos!

**DELEGADO:** Hei, esse mendigo não é nosso!

*(O Cego vai se afastando rapidamente.)*

**DELEGADO:** Hei, o senhor aí! Seu cego, o senhor!

**CEGO:** Eu?

**DELEGADO:** É, o senhor mesmo, vem cá.

**CEGO** *(com voz piedosa):* Quem chama um pobre ceguinho?

**DELEGADO:** O delegado de polícia.

**CEGO** *(com voz normal):* Pronto. Complicação.

**DELEGADO:** De onde é o senhor?

**CEGO:** Pouso Alegre, doutor. Está aqui a minha licença.

**DELEGADO:** Licença de lá?

**CEGO:** É, sim senhor.

**DELEGADO:** E desde quando licença de lá valeu aqui?

**CEGO:** Vale em todo lugar, doutor. Ando por tudo isso aí, e nunca...

**DELEGADO:** O senhor sabe quem é o delegado de Pouso Alegre?

**CEGO:** Sei, sim senhor, é o doutor Veloso!

**DELEGADO:** E sabe o que esse doutor Veloso fez comigo?

**CEGO:** Não sei não senhor.

**DELEGADO:** Pois eu lhe conto.

Aproveitou-se de uma noite que eu estava dormindo, depois de um dia inteiro de trabalho aqui na delegacia, e mandou um caminhão despejar aqui todos os ladrões de cavalo que ele tinha encalhados lá na cadeia. Ouviu?

**CEGO:** Ouvi, sim senhor... Mas é que eu...

**DELEGADO:** O senhor, o quê?

**CEGO:** Não sou ladrão de cavalos... Sou um pobre ceguinho...

**DELEGADO:** Não tem pobre ceguinho nenhum. Sente aí e espere. Quando chegar o praça vamos resolver o seu caso. Por enquanto, pode esperar.

**CEGO:** Sim senhor.

*(Tateia ostensivamente com a bengala, procurando um lugar.)*

**DELEGADO** *(comovido):* Chico, arranje uma cadeira.

**CHICO:** Sim senhor... Está aqui, companheiro.

**CEGO:** Deus lhe pague.

**DELEGADO** *(fazendo força pra parecer durão):* Pouso Alegre! Veloso! *(Voltando à decifração.)* Assassino... Oito letras...

**CEGO** *(tranqüilo):* Que é, doutor?

**DELEGADO:** Palavras-cruzadas.

**CEGO:** O que é que o senhor está procurando?

**DELEGADO:** Assassino, oito letras.

**CEGO** *(sereno):* "Ho-mi-ci-da".

**DELEGADO:** Como é?

**CEGO:** "Ho-mi-ci-da". Com "H".

**DELEGADO** *(experimenta e dá certo):*

Ué, como é que o senhor sabe?  
**CEGO:** Eu também gosto disso, doutor.  
Só que faço para os outros.  
**DELEGADO:** É? O senhor tem muita  
prática?  
**CEGO:** Chi, doutor, só daquelas  
palavrinhas de três letras que  
servem pra tapar buraco, eu sei  
um montão...  
**DELEGADO (cobiçoso):** Não diga... Veja  
só... Um dicionário ambulante.  
**CEGO:** Pois é pra ver... Estou meio mal  
encadernado, mas estou  
servindo...  
**DELEGADO:** Ótimo! Vá ficando por aí.  
Depois a gente resolve o seu caso.  
Viu? Fique aí. *(Decifrando.)* E  
agora? Onde é que eu ponho o  
"cheiro agradável"?  
**CEGO:** Quantas letras, doutor?  
**DELEGADO:** Quatro.  
**CEGO:** Então, é "Olor".  
**DELEGADO:** Será?  
**CEGO:** Pode ver.  
**DELEGADO:** Mesmo!  
**CHICO:** Homem bom, heim doutor?  
Não é burro que nem eu!  
**DELEGADO:** Homem bom, sim senhor!  
Vá ficando por aí, vá ficando,  
quem sabe eu ainda lhe arranjo  
um lugar de carcereiro, ou então,  
de ronda...  
**CEGO:** Credo, doutor, ronda cego...  
*(Enquanto prossegue o diálogo na  
delegacia, fora se aproximam Deolino,  
Filinto e Manuel, trazendo a cabra  
amarrada por uma corda.)*  
**DEOLINO (fora):** Eu vendi, quero o  
dinheiro.  
**FILINTO (fora):** O dinheiro eu já dei!  
**MANUEL (fora):** Silêncio!  
**DEOLINO (fora):** Me devolve ela!  
**FILINTO (fora):** Me dá o dinheiro!  
**MANUEL (fora):** Silêncio, gente, que seu

delegado vai resolver.  
**DEOLINO (fora):** Ainda acho que devia  
ser o padre!  
**MANUEL (fora):** O padre não quis dizer  
nada!  
**FILINTO (fora):** Então, o juiz!  
**MANUEL (fora):** Vamos acabar com isso,  
de uma vez?  
*(Entram na delegacia, sempre  
batendo boca.)*  
**DELEGADO (batendo na mesa):**  
Ordem! Que baderna é essa?  
**MANUEL:** É que tem um problema aqui,  
não vê o senhor?  
**DELEGADO:** Pronto, acabou meu  
sossego.  
**DEOLINO:** É que a cabra é minha,  
doutor!  
**FILINTO:** Não é não senhor, é minha,  
que comprei!  
**DEOLINO:** Pois se comprou, pague!  
**FILINTO:** Já paguei, e quem disser que  
não, quebro a cara!  
*(Avança para o outro. Intervém Chico  
e Manuel, sem largar a cabra.)*  
**DELEGADO:** Silêncio! Fala você, Manuel,  
e bota pra fora essa cabra, que  
vai me sujar a delegacia.  
**MANUEL:** Não posso botar pra fora não  
senhor, porque ela é a *causa  
mortis*.  
**DELEGADO:** Você quer dizer o corpo de  
delito...  
**MANUEL:** Ou isso. O que eu quero dizer  
é que, com perdão da palavra, a  
cabra é a pessoa mais importante  
do recinto.  
**CEGO:** Salvo seja!  
**MANUEL:** Esse cidadão é o Cego que  
estava no mercado?  
**DELEGADO:** Só sei que é um cego do  
Veloso de Pouso Alegre. Vai  
falando!  
**DEOLINO:** É que essa cabra sempre foi

minha!

**FILINTO:** Ninguém mandou vender!

**DEOLINO:** Vendi pra receber!

**FILINTO:** Não recebeu porque não quis, o pagamento foi feito!

**DEOLINO:** Porque não quis! Pois se a cabra...

**DELEGADO:** Silêncio! Fala um só! Manuel, vai me explicar isso logo?

**MANUEL:** É pra já, doutor. Pois não vê que seu Deolino "tinha" uma cabra.

**DEOLINO:** Tinha não, que ainda tenho.

**DELEGADO:** Cala a boca. E daí?

**MANUEL:** Tinha uma cabra. Vai e anuncia que queria vender a cabra.

**DEOLINO:** Não anunciei. Escrevi um papel e preguei no mercado.

**MANUEL:** Vale por um anúncio. Que diabo!

**DELEGADO:** Está bom, Manuel, continua!

**MANUEL:** É que eu não gosto que fiquem me aperreando assim, doutor!... Anunciou a cabra por cinco mil cruzeiros.

**CHICO:** É barato, por um cabrão desse.

**CEGO:** É boa de leite?

**CHICO** (*examinando a cabra*):  
Homem, parece...

**MANUEL:** ...Cinco mil cruzeiros, e vai seu Filinto e vê a cabra e resolve fechar o negócio.

**FILINTO:** Com dinheiro na mão!

**DEOLINO:** Que é dele?

**FILINTO:** Está com a cabra!

**MANUEL:** ...Pois vai daí, enquanto os dois acertavam o negócio, seu Filinto pegou a nota e pôs em cima do balcão do mercado...

**CHICO:** Já foi imprudência...

**CEGO:** Alguém podia passar a mão!

**CHICO:** Inda mais no mercado!

**DEOLINO:** O pessoal do mercado é de confiança e a barraca é do meu compadre.

**FILINTO:** Bom traste, isso é que é... Meu dinheiro se foi e eu quero a cabra!

**DEOLINO:** Vai ter a cabra mas é no inferno! Tem que passar por cima do meu cadáver!

**FILINTO:** Passa até de mais...  
(*Vão se atracar novamente. Todos intervêm. O delegado puxa o revólver.*)

**DELEGADO:** Chega! O primeiro que interromper agora leva bala!  
(*Silêncio total.*) Vou saber essa história, ou não?

**MANUEL:** Pois, pra encurtar: a cabra comeu o dinheiro!

**DELEGADO:** Comeu...?

**CHICO:** ...O dinheiro? Êta, cabra vivida!

**MANUEL:** Cabra da peste!

**CEGO:** Comeu o dinheiro!

**DELEGADO:** Comeu o dinheiro? Mas como! E ninguém viu?

**FILINTO:** Eu tenho pra mim que o compadre dele viu e não me avisou.

**DEOLINO:** Viu não senhor. Se visse avisava, que é um homem honesto!

**FILINTO:** Honesto como o senhor!

**DEOLINO:** Lhe quebro a cara!

**DELEGADO** (*intervindo*): Mas vocês não viram na boca... Não olharam?

**DEOLINO:** Já tinha ido... Quando a gente olhou já tinha ido...

**FILINTO:** Meti o braço até o cotovelo dentro da bruta... Mas já tinha caminhado.

**DELEGADO:** E depois? Não saiu nada?

**MANUEL:** Nada, doutor. Se fosse moeda... Ainda podia ser...

**FILINTO** (*quase chorando*): Mas era papel, doutor... Uma notinha nova,

vermelhinha que estava  
estalando... Novinha...

**MANUEL:** Não adianta nem pensar...

**CEGO:** É doloroso...

**DEOLINO:** Não tem jeito...

**DELEGADO:** É, não tem mesmo...

**MANUEL:** O remédio é se conformar.

**DELEGADO:** Pois é... Paciência... Não se  
pode fazer nada. Fatalidade!  
(*Procurando encerrar o assunto.*)  
Sinto muito etc... E tal.  
(*Empurrando o pessoal para a  
porta.*) Para outra vez, mais  
prudência.

**FILINTO:** Mas a minha notinha... Eu sou  
um homem pobre, doutor... Tenho  
filhos...

**DEOLINO:** Aí não tem que entrar os  
filhos, tem que entrar a razão!

**DELEGADO:** Quem fala sou eu. Fique  
quieto o senhor!

**FILINTO:** Eu não me conformo, doutor!

**DELEGADO:** A cabra está bem de  
saúde?

**DEOLINO:** Muito bem, doutor, é uma  
cabra que se preza.

**DELEGADO:** Não se podia dar um  
jeitinho... Um purgante...

**DEOLINO:** Não adianta mais...

**FILINTO:** Meu dinheiro se foi e eu quero  
a cabra!

**DEOLINO:** Eu não recebi o dinheiro e  
não vendo a cabra!

**FILINTO:** O senhor já vendeu!

**DEOLINO:** Vendi mas não levei!

**FILINTO:** Quem não levou fui eu, que  
estou sem cabra!

**DEOLINO:** Me pague!

**FILINTO:** Me dê a cabra!

**DEOLINO:** Quero o dinheiro!

**FILINTO:** Já paguei!

**DELEGADO:** Silêncio! Me deixem  
pensar! Senta todo mundo aí!  
(*Todos obedecem.*) Me parece,

pra começar, que não é ilícito  
penal.

**DEOLINO:** Não é o quê?

**DELEGADO:** Não é crime.

**FILINTO:** É crime sim senhor.

**DELEGADO (irônico):** Crime de quem?

**FILINTO:** Crime da cabra.

**DELEGADO:** Ora, não seja burro. Cabra  
não pratica crime.

**FILINTO:** Por que não?

**DELEGADO:** Porque não! Se vocês não  
fossem tão ignorantes, saberiam  
que... Chico, me dá aí o Código  
Penal.

**CHICO:** É pra já, doutor.

**FILINTO:** É agora!

**DELEGADO (lendo):** Está aqui "Artigo  
primeiro: não há crime sem lei  
anterior que o defina. Não há  
pena sem prévia cominação  
legal".

**FILINTO:** E daí?

**DELEGADO:** Daí que está claro! Cabra  
não pratica crime!

**FILINTO:** Por quê? Não vi isso em lugar  
nenhum! Aí não diz nada de  
cabra!

**DELEGADO:** É claro que não! Por isso  
mesmo! Pra ser crime, precisa que  
o código diga!

**FILINTO:** Diga o quê?

**DELEGADO:** Que é crime!

**FILINTO:** E o senhor acha que quem fez  
o código ia pensar numa cabra  
tão desgraçada que fosse comer  
dinheiro?

**DEOLINO:** Desgraçada é sua avó!

**FILINTO:** Não ofende a família! Não  
ofende a família!

**DELEGADO:** Pelo amor de Deus!... Nós  
estamos fugindo do assunto!

**MANUEL:** Meu braço já está doendo.  
Daqui a pouco quem foge é a  
bichinha.

**FILINTO:** O doutor faça o favor de me esclarecer. Não vi nada nesse código que diga que cabra que come dinheiro não faz crime.

**DELEGADO:** Está aqui. Veja com seus olhos.

**DEOLINO:** Não deixa ele fazer maroteira, doutor.

**FILINTO** (*folheando o código*): É... Aqui não fala nada de cabra...

**DELEGADO:** Viu? Pois é, não fala nada. Pronto! Vamos embora e não se fala mais nisso...

**FILINTO** (*insistindo*): É... Mas um livro tão bonito... Tão sério... Vai ver, a gente procurando bem... Quem sabe...

**DELEGADO** (*encaminhando-os para a porta*): Vamos indo, vamos indo... Vão em paz

**CEGO:** Não se esqueçam da caridade a um pobre cego...

**MANUEL:** O que é que eu faço com a bichinha?

**FILINTO** (*parando no meio do caminho, sempre lendo*): Está aqui! Ah, conheceu, papudo!? Está aqui: "Artigo quarto: aplica-se a lei brasileira, sem prejuízo de convenções, tatati, tatatá... Ao crime cometido, no todo ou em parte, que no território nacional..." Pronto. Táí. Vai me dizer que o mercado não é território nacional?

**DELEGADO:** Não é isso, seu Filinto. Não se trata de território nacional. É claro que o mercado é território nacional. (*Enfurecendo-se.*) Mas é que não é crime! Aí fala em crime! O território entrou depois! Primeiro fala em crime! Qual é o crime da cabra?

**FILINTO:** Comer o dinheiro.

**DELEGADO:** Mas não é crime!

**FILINTO:** Não é crime porque o dinheiro não é seu!...

**DELEGADO:** Mais respeito!

**FILINTO** (*continuando a procurar*): Está tudo contra mim. Aqui tem proteção. Eu devia saber que tinha proteção. Sempre os mais ricos é que saem ganhando. Tudo o que eu acho não serve. Está escrito no mesmo livro, mas o que ele acha serve, o que acho não serve! Pobre não tem direito!

**DELEGADO:** Vai começar o comício? Mando todo mundo pro olho da rua!

**FILINTO:** É isso. Vai ver, acho outra, também não serve. Fosse ele... (*Apona Deolino.*) Servia. Está aqui, esta aqui! "Artigo quinto: ficam sujeitos à lei brasileira... Tatatá... Os crimes praticados por brasileiros..." Pronto! Se o mercado é território nacional, vale o outro. E se não é território nacional, vale este aqui. Ou vai me dizer que a cabra não é brasileira?

**DELEGADO** (*quase chorando de desespero*): Não é isso! A cabra é brasileira, o mercado é território nacional, mas cabra não pratica crime! Só quem pratica crime é gente! Gente! Gente!

**DEOLINO:** Me dá aqui esse livro, quem vai resolver a parada sou eu.

**FILINTO:** Lhe digo que a cabra comeu o dinheiro. (*Entrega o livro.*) Se ela comeu, roubou. O dinheiro não era dela, era meu. Comeu meu dinheiro, roubou. Não pense que eu quero que o senhor prenda a cabra, isso não.

**DELEGADO:** Ai, minha mãe...

**FILINTO:** Eu só quero dizer...

**DEOLINO:** Está aqui, está aqui! Achei.

**DELEGADO:** Pronto, mais asneira.

**DEOLINO:** "Artigo 23: Os menores de 18 anos são penalmente irresponsáveis, tatati, tatatá." E agora? A cabra tem 5 anos. Tenho certeza.

**MANUEL:** Agora não tem saída.

**CHICO** (*aproximando-se da cabra*): É... Não tem mais do que isso... Ih...

**CEGO:** Ih... Não quero atrapalhar, mas estou achando essa lei esquisita...

**FILINTO:** Não acho nada esquisito. Acho que agora matou na cabeça. Se ela não tem 18 anos, e acho que não tem mesmo, matou na cabeça. O livro diz isso mesmo? Então matou na cabeça. Não sou eu que vá contra. "Leis", é "leis".

**DELEGADO:** São todos idiotas! Está tudo errado!

**DEOLINO:** Mas o senhor não disse que não era crime?

**DELEGADO:** Disse!

**DEOLINO:** Pois então, agora eu provo que não é crime, e o senhor me insulta? É assim que a autoridade trata o povo?

**DELEGADO:** Não é isso! É que... É que... (*Desistindo.*) Está bom. Chega! Não vamos mais falar nisso. Me dá aqui o livro. Está resolvido o assunto. Vai todo mundo embora.

**FILINTO:** Não senhor. Nem ver. E o meu dinheiro?

**DELEGADO:** Mas o senhor disse...

**FILINTO:** Disse que não era crime. Se o livro disse que não é, não é. Mas eu quero o meu dinheiro, ou então a cabra. O livro diz que quem perde dinheiro tem que ficar quieto? Era uma nota novinha! Quero o meu dinheiro, ou a cabra!

**DEOLINO:** Pode ficar querendo!

**FILINTO:** Safadeza!

**DEOLINO:** Safado é o senhor!

**DELEGADO:** Espera aí! Vamos resolver isso já. Presta atenção todo mundo. Manuel, segura bem a cabra. Atenção: não é crime. Certo?

**TODOS:** Certo.

**DELEGADO:** Eu sou o delegado. Certo?

**TODOS:** Certo!

**DELEGADO** (*exultante*): Então, se delegado cuida de crime, eu sou o delegado e não é crime, eu não tenho nada com isso! Certo?

**TODOS** (*desanimados*): Certo...

**DELEGADO:** Ótimo! Vão embora e me deixem em paz!

(*Encaminha-se para a mesa e se dispõe a continuar o problema.*)

**FILINTO:** É. Mas o meu dinheiro?

**DEOLINO:** E a minha cabra?

**DELEGADO:** Ai, vocês com essa cabra. Já disse que não é comigo!

**DEOLINO:** Bom, mas se não é com o senhor deve ser com alguém...

**MANUEL:** Isso é bem falado, doutor. Não se pode mandar por aí esse povo de Deus sem ajuda...

**DELEGADO:** Vão ao padre.

**DEOLINO:** Já fomos antes de vir aqui. Não adiantou. Ele disse que cuida de almas e não de cabras.

**DELEGADO:** Então vão ao juiz de direito.

**DEOLINO:** O juiz de direito?

**FILINTO:** Mas ele é tão surdo, doutor...

**DEOLINO:** Depois, ele não atende a gente assim sozinho. Ainda mais com uma cabra...

**DELEGADO:** Contratem um advogado...

**DEOLINO:** Só assim precisa pôr outra cabra para pagar os honorários...

**DELEGADO:** Querem saber do que mais? Já estou cheio de vocês, de dinheiro, de notinha e de cabra. Já falei que não é comigo! Vão ao juiz! Vão ao advogado! Vão ao diabo!!!

**FILINTO:** Mas doutor, o meu dinheiro...

**DELEGADO:** Morreu o assunto!

**DEOLINO:** A cabra...

**DELEGADO:** Chega!

**FILINTO** (*aproximando-se do Cego*):

Acho que o senhor não entendeu direito. Foi um prejuízo. Vou lhe mostrar. Imagine só que o senhor tem uma coisa que vale...

(*Pegando a viola do Cego.*) Olhe, um instrumento bom como esse...

**CEGO:** Cuidado com a viola!

**FILINTO:** ...Uma viola em ordem, decente, boa madeira, e vem um desgraçado qualquer...

**DEOLINO:** Tenha jeito com a língua!

**FILINTO:** ...Um nojento qualquer, e só pra lhe dar prejuízo, lhe arrebenta com o violão...

(*Faz menção da bater o violão no lajeado.*)

**CHICO:** Pare, pare aí, olhe o violão do ceguinho!

**MANUEL** (*largando a cabra*): Segure o homem que ele racha tudo!

**DELEGADO:** Ordem! Vamos ter ordem!

**CEGO:** Olhe o meu instrumento, seu delegado!

**MANUEL:** Pára!

(*Deolino, no meio da confusão, se abaixou e agarrou a corda que Manuel largara. Discretamente vai se afastando.*)

**DELEGADO:** Hei, o Sr. aí, seu Deolino.

Onde é que pensa que vai?

**DEOLINO:** Eu? Eu vou tratar do que é meu já que a lei não trata!

(*Saí correndo com a cabra, enquanto*

*os demais lhe saem no encalço aos gritos de "pega", "pega". Fim do 2º quadro.*)

### 3º QUADRO

(*Dia seguinte, à tarde, na rua de Deolino. Mesmo cenário, com destaque para a metade esquerda, que é a rua de Deolino. Da ponta da rua vem vindo uma bandinha desafinada, cantando e tocando o "Me dá um dinheiro aí". Na frente, vestido de roupa berrante com um letreiro de "Cobrador" nas costas, vem o chefe da banda. A banda pára na porta de Deolino.*)

**COBRADOR:** Ô de casa! Vocês aí, podem descansar. (*Os músicos sentam-se e se abanam. O Cobrador bate palmas.*) Não tem ninguém aí?

(*Saem Romilda e alguns vizinhos.*)

**ROMILDA:** Tem eu. O que é que há?

**COBRADOR** (*lendo um papel*): Seu Deolino Silveira. É aqui?

**ROMILDA:** É aqui, mas não está. Eu sou a mulher dele. (*Coquete.*) Não serve?

**COBRADOR** (*galante*): Servir, até que serve. Mas eu preciso é falar com ele mesmo. Assunto de dinheiro.

**ROMILDA:** Vai falando, moço. Aqui vive um casal unido. Dívida dele é dívida minha, dinheiro dele é dinheiro meu. Pode dizer...

**COBRADOR:** Acontece que ele vendeu: uma cabra...

**ROMILDA:** Eu já sabia que era a desgraçada da cabra...

**COBRADOR:** ...Vendeu a cabra, consumiu o dinheiro e ainda trouxe o animal embora...

**ROMILDA:** Pois não havia de trazer? O

bicho era dele!

**COBRADOR:** Pode ser. Meu ofício não é discutir. É cobrar. Aqui no papel diz que ele deve cinco mil cruzeiros, mais juros de mora, custas e honorários e mais o que for julgado devido pela valorização da cabra.

**ROMILDA:** Que é isso? Que história é essa? Que juros de demora, é esses? Se a coisa demorou, a culpa foi de Deolino?

**COBRADOR:** Não sei de nada, estou aqui para cobrar.

**ROMILDA:** É, mas a coisa não é assim como vai, não. Tem que explicar. Que juros de demora é esse?

**COBRADOR:** Demorou pra pagar.

**ROMILDA:** Pagar o quê?

**COBRADOR:** Meu patrão.

**ROMILDA:** Quem é seu patrão?

**COBRADOR:** Pois não está vendo?

Meninos, vamos tocar! (*Os músicos se encorpoam e tocam alguns compassos.*) Chega! (*Faz uma mesura.*) Agência de cobranças "Me dá um dinheiro aí", da capital. Meu patrão é o dono.

(*Os vizinhos gozam.*)

**ROMILDA:** E foi seu patrão quem disse que meu marido tem que pagar cinco mil cruzeiros e mais os juros da demora?

**COBRADOR:** Foi.

**ROMILDA:** Pois diga a seu patrão que cresça e apareça! Já se viu! Vir um tipo da cidade, com uns músicos muito mambembes, pra me dizer o que é que eu tenho que fazer! Já se viu?

**COBRADOR:** Mambembe não senhora. A gente tem dignidade. E além do mais, tem as custas!

**ROMILDA:** Ah, tem mais! E que custas são essas?

**COBRADOR:** Passagem de trem para todos, ida e volta, sanduíche de mortadela, cerveja e café... (*Lendo no papel.*) E despesas de secretaria. Só despesas de secretaria são dois mil cruzeiros.

**ROMILDA:** E o que é que o meu marido tem se vocês comeram sanduíche? Trouxessem merenda de casa! Aproveitadores!

**COBRADOR:** A senhora não precisa ofender, dona. A gente está aqui de educado. (*Lendo.*) E tem também honorários.

**ROMILDA:** Que é isso?

**COBRADOR:** É o que meu patrão cobra pra fazer o serviço. Cinco mil cruzeiros.

**ROMILDA:** Cinco mil cruzeiros! Mas é o preço da cabra!

**COBRADOR:** Era! Porque agora tem valorização. A cabra dobrou de preço.

**ROMILDA:** Só nestes dias?

**COBRADOR:** A senhora bem se vê que não está a par do custo da vida.

**ROMILDA:** Que custo?

**COBRADOR:** Da alta! Está tudo subindo, dia a dia!

**ROMILDA:** Cabra também?

**COBRADOR:** Principalmente cabra! Cabra produz leite, produz cabritinho, produz... Esterco.

**ROMILDA:** Não serve, é muito forte.

**COBRADOR:** A cabra é a rainha dos animais.

**ROMILDA:** Credo, que exagero!

**COBRADOR:** Se não for rainha, é pelo menos Primeira Ministra! A senhora não pode desprezar a cabra!

**ROMILDA:** Eu não desprezo a cabra,

moço. Meu marido pegou ela na delegacia no dia da briga e trouxe com muito cuidado para cá. Está no quintal. Nós tratamos ela muito bem. Brinca com meus filhos.

**COBRADOR:** Se o seu marido não quiser pagar, também pode fazer um acordo.

**ROMILDA:** Que acordo?

**COBRADOR:** Entregar a cabra.

**ROMILDA:** Isso não adianta nem falar, que ele não entrega. Essa cabra ele tem muito amor. Virou bicho de estimação.

**COBRADOR:** Bom, se é assim, deixo aqui o aviso pra senhora. O trem saí às quatro. Temos que ir andando. Pessoal, vamos tocar um pouquinho, pra justificar o preço.

*(Os músicos recomeçam. Os vizinhos se assanham. Vem surgindo o Cego, para assuntar. Do fim da rua surge Deolino, que aperta o passo, quando vê a cena armada.)*

**DEOLINO:** Posso saber que confusão é essa na minha porta? Isto é casa de família! Ó Romilda, vai pra dentro!

**ROMILDA** *(sem arredar o pé):* Aí, Deolino, mostra pra eles!

**DEOLINO:** Vão se explicar? *(Para os músicos.)* Pára com esse barulho!

**COBRADOR:** Pára, gente!

**DEOLINO:** Faça o favor de se explicar. Você, mulher, vai pra dentro.

**ROMILDA:** Já vou indo.  
*(Fica.)*

**COBRADOR:** O senhor é seu Deolino Silveira?

**DEOLINO:** Sou eu mesmo.

**COBRADOR:** Então está aqui. *(Toma o papel das mãos de Romilda e passa a Deolino.)* Cinco mil

cruzeiros de cabra, dois mil de secretaria, cinco mil de honorários. Cinco mil e trezentos e vinte e três de condução, custas, juros, valorização da cabra... Total – Dezessete mil, trezentos e vinte e três... Se quiser dar uma “groja”, também pode...

**DEOLINO:** Eu lhe dou uma “groja” na cara.

*(Confusão. Os músicos procuram salvar os instrumentos, o Cego saí da roda, Romilda atiça, os vizinhos protestam.)*

**ROMILDA:** Quebra a cara dele, Deolino!

**COBRADOR:** O senhor se acalme!

**CEGO:** Cuidado comigo! Sou um pobre ceguinho!

**COBRADOR:** Então saí do meio!

**1º VIZINHO:** Isso não é direito! “Vim” aborrecer um cidadão de bem!

**2º VIZINHO:** Fosse comigo, matava!

**DEOLINO:** O senhor suma daqui! Por causa de uma porcaria de uma cabra, dezessete mil e...

**COBRADOR:** Se é porcaria, entregue ela e não se fala mais nisso!

**DEOLINO:** Não entrego! Essa cabra só saí daqui morta! Morta, entendeu?

**CEGO:** Creio em Deus Padre!

**DEOLINO:** Pode dizer isso pro vagabundo do Filinto!

**COBRADOR:** Não sei quem é. Cumpro ordens do patrão. Não tenho nada com esse.

**DEOLINO:** Mas eu tenho. E ele vai ver comigo!

**COBRADOR:** O senhor é quem sabe. Pessoal, mais uma tocadinha!

**DEOLINO:** Aqui ninguém toca mais nada!

**VIZINHOS:** Tem razão! Não está certo! Esses porcarias desses músicos!

**COBRADOR:** Não precisa ofender!

**VIZINHOS:** Músicos da mixuruca!

**COBRADOR:** Que é que vocês entendem de música, neste fim de mundo?

**VIZINHOS:** Fim de mundo, também não!

**DEOLINO:** Vocês são uns exploradores!

**COBRADOR:** E vocês? Cambada de caipiras!

*(Formam-se duas alas; de um lado, o Cobrador, os músicos. Da outro, os vizinhos, Deolino e Romilda.)*

**DEOLINO:** Passa pra cá, se for homem!

**ROMILDA** *(baixo, para o Cego):* Acho que é melhor chamar o Delegado...

**CEGO:** Vê lá que ele quer entrar nessa embrulhada...

**ROMILDA:** Isso é capaz de acabar mal...

**CEGO:** Não era a senhora que estava atijando?

**ROMILDA:** Estava, sim, mas eu sou desse jeito. Me arrependo logo. Dê um jeitinho...

**CEGO:** Vamos ver...

*(Empunha a viola.)*

**COBRADOR:** O senhor abusa porque eu estou de serviço.

**DEOLINO:** Isso não é serviço de homem...

**COBRADOR:** Pois olhe, ficar olhando a vida dos outros, que nem seus vizinhos, é que é serviço de mulher...

**1º VIZINHO:** Isso não fica assim! Avança pessoal!

*(A ala dos vizinhos avança, os músicos depõem os instrumentos e se preparam para resistir. Nessa momento, o Cego irrompe entre as duas filas, tocando e cantando com voz tremida de medo. Atravessa as duas alas, da frente para os fundos.)*

**CEGO:** "Faz favor de abrir caminho. Para um pobre ceguinho..."

*(Música de pedir esmola.)*

**COBRADOR:** Ué, vocês não iam avançar? Acho que quem vai somos nós! Avança, pessoal!

*(Os músicos ameaçam avançar, mas o Cego vem dos fundos para a frente, tocando e cantando a mesma melodia, atrapalhando e impedindo o choque direto.)*

**DEOLINO:** Raíó de cego!

**COBRADOR:** Vai ver que está estorvando a mandado seu!

**DEOLINO:** Pois não estorva mais!  
*(Entra na casa. Comadre Maria surge em cena, à procura de Romilda.)*

**COBRADOR:** Fugiu, heim? Vamos tocar, minha gente!

*(Deolino reaparece com uma espingarda.)*

**COMADRE MARIA:** Dona Romilda! Ó dona Romilda!

**DEOLINO** *(cego de raíva):* Fora daqui! Todos! Já!

**COBRADOR:** Coragem, turma!

**ROMILDA:** Aí, Deolino, passa fogo neles!  
*(Baixo.)* Que foi, Comadre?

**DEOLINO:** Pára, antes que eu mate um!

**COBRADOR:** Força pessoal!

**COMADRE MARIA:** O Coronel Terso mandou perguntar se pode vir hoje!

*(O Cego, por perto das duas, ouve a conversa, disfarçando.)*

**ROMILDA:** Diz pra ele vim depois da meia-noite. *(Alto.)* Mata, Deolino!

**DEOLINO:** É hoje que eu faço uma desgraça!

*(Dá um tiro pro ar. A banda se desincorpora e desanda a correr, com o Cobrador na retaguarda. Os vizinhos gozam.)*

**ROMILDA:** Conheceram, trastes da

cidade?

**COMADRE MARIA:** Depois da meia-noite?

**ROMILDA:** É. Vai depressa! *(Alto.)* Corre, gente!

**VIZINHOS:** Assim, vocês chegam antes do trem!

**DEOLINO:** Vão tocando no caminho!

**CEGO:** Se precisar, aqui tem violão!

**DEOLINO:** Cambada! *(Larga a espingarda e arregaça as mangas.)* Bom, agora é o Filinto quem vai me pagar.

**ROMILDA:** Vai desarmado, bem?

**DEOLINO:** Com ele eu vou é no braço!

**ROMILDA:** Deolino, você é que é homem! *(Para a Comadre.)* Vai, ou não vai?

**COMADRE MARIA:** Vou indo... *(Sai.)*  
*(Os vizinhos se recolhem, aos poucos, comentando; Deolino partiu para a vingança. Romilda entra em casa, como uma fiel esposa; o Cego, violão em punho, canta a "Moda da mulher traídeira", em surdina, enquanto a luz cai em resistência. Acaba por sair de cena, quando a noite cai completamente.)*

**CEGO:** "A moda da mulher traídeira é a moda mais triste que há; marido tá trabalhando, mulher tá a lhe envergonhar..."  
Mulher tá a lhe envergonhar e o marido não sabe de quê mulher que não tem recato o marido é que vai sofrê..."  
*(Fim do 3º quadro.)*

#### 4º QUADRO

*(Mesmo dia, pouco antes da meia-noite. No mesmo local. Entra Filinto, cautelosamente, com um rolo de corda na mão. A cara está marcada*

*de curativo.)*

**FILINTO** *(olhando para os lados):* Tudo quieto... É hoje, Deolino! Desta vez você me paga pela minha notinha, pela humilhação e pelos sopapos, tudo de uma vez! Que é isso, vem gente? Não é nada... Calma, seu Filinto! Que tremedeira é essa? Até parece que nunca foi de roubar fruta? Verdade que foi em criança... Mas desta vez, a fruta é melhor! Uma cabra que vale sete mil cruzeiros, e mais umas bofetadas... *(Sacode o rolo de corda.)* Desta vez você me paga, Deolino! Desta vez a cabra é minha!

*(Ouve-se o sino da Igreja, que bate meia-noite. Filinto se esconde, amedrontado. Quando resolver pôr a cabeça de fora, é Romilda quem abre a janela, cautelosamente, pra ver se já veio o Coronel Terso. Torna a fechar com cuidado. Filinto se esgueira, procurando melhor posição pra entrar na casa e roubar sem ser visto. Quando está quase alcançando o seu intento, chega o Coronel Terso. Caminha com cuidado, mas como quem tem hábito de mandar. Traz chapéu, botas e cinturão de prata, com cartuchera e revólver. Vem bem arranjado, apurado para o encontro. Filinto ao vê-lo, arruma-se para sumir num canto qualquer, sem, no entanto, perder de vista a cena.)*

**CORONEL** *(baixo, ao pé da janela):*  
Romilda... Dona Romilda...

**ROMILDA** *(abrindo a janela):* Quem está aí...

**CORONEL:** Sou eu...

**ROMILDA:** Eu quem?

**CORONEL:** A senhora está sozinha?

**ROMILDA:** É o senhor, Coronel?

**CORONEL:** Sou eu, Comadre Maria me disse...

**ROMILDA:** Ah, sim senhor... Não quero que o senhor pense mal de mim...

**CORONEL:** Imagine... Faz tanto tempo que eu estou esperando essa oportunidade.

**ROMILDA:** Foi uma coincidência...

**CORONEL (galante):** A coincidência toda minha...

**ROMILDA:** Esta noite o Deolino precisou sair... E eu pensei...

**CORONEL:** Pensou muito bem. Ele foi longe?

**ROMILDA:** Foi levar a cabra pastar.

**FILINTO (à parte):** Pronto! Foi-se a cabra! *(Atira com o rolo de corda.)* Perdi meu latim!

**CORONEL:** Que cabra?

**ROMILDA:** Então o senhor não sabe? O diabo daquela cabra que ele ia vender para seu Filinto...

**CORONEL:** Ah, sei. Mas isso é hora de levar a cabra no pasto?

**ROMILDA:** Assim ninguém vê. E a pobrezinha estava se definhando nesse quintal. É muito pequeno...

**CORONEL:** Abençoada cabra...

**ROMILDA:** Não fale assim, Coronel... É pecado...

**CORONEL:** Então não hei de falar? Faz tanto tempo que eu amo a senhora a distância... Em segredo... Homem, nem minha mulher, que é minha mulher, sabe disso...

**ROMILDA:** Antes assim! Quando a Comadre Maria me falou, outro dia, fiquei que era um medo só...

**CORONEL:** Pra que medo? Bobinha. Vê que algum homem daqui se mete a besta comigo!

**ROMILDA:** O senhor não conhece Deolino! Precisava ver a surra que

deu no seu Filinto!

**CORONEL:** Também, o Filinto é um coitado!

**FILINTO (à parte):** Coitado? Ah, coronel de uma figa!

**CORONEL:** Se fosse um homem de verdade!

*(Passa a mão no cinturão, com empáfia.)*

**ROMILDA:** Bonito, não?

**CORONEL (convencido):** Bonito, o quê?

**ROMILDA:** Seu cinturão. Isso aí é prata?

**CORONEL:** É. Veio do Paraguai. Tem a letras do meu nome. Olha aí: C. T. - Coronel Terso.

**ROMILDA (derretida):** Coronel...

*(Os dois se aproximam o quanto permite a janela. O Coronel pega as mãos dela e beija. Depois beija os braços, e vai por aí afora. Nesse momento, vem chegando o Cego; caminha com cuidado. Os namorados não o vêem. Filinto, escondido, com medo de ser traído, chama, baixinho.)*

**FILINTO:** Pss... Pss...

**CEGO (baixo):** Quem me chama?

**FILINTO (idem):** Cego! Ô Cego! Vem cá!

**CEGO:** Estou indo, estou indo!

*(Encaminha-se para Filinto, que o puxa para o esconderijo e continua a falar baixo.)*

**FILINTO:** Fique quieto, senão entorna o caldo... O Coronel e a mulher do Deolino...

**CEGO:** Ih, eu já sabia...

**FILINTO:** Puxa! E você é que é cego?

**CEGO:** Cego sim, mas não sou surdo. Faz tempo que ele chegou?

**FILINTO:** Pouquinho. Quietos, que eles estão falando...

**CORONEL:** Romildinha, meu bem...

**ROMILDA:** Coronel...

**CORONEL:** Me deixe entrar só um

pouquinho...

**ROMILDA:** Não posso, Coronel. De repente o Deolino chega...

**CORONEL:** Você não disse que ele foi levar a cabra no pasto?

**FILINTO:** Desgraçado...

**ROMILDA:** Disse...

**CORONEL:** Então, bem... O pasto é longe... Depois, tem que esperar a cabra comer. Deixe eu entrar só um pouquinho...

**ROMILDA:** Inda mais armado desse jeito? Deus me livre, Coronel... Pode sair tiro... Tenho um medo de tiroteio...

**CEGO:** Quem não te conhece...

**CORONEL:** Não saí nada. Eu sou ou não sou homem?

**ROMILDA:** Ninguém duvida disso. Mas é que eu tenho...

**CORONEL:** Tiro o cinturão. Quer?

**ROMILDA:** Eu preferia...

**CORONEL** (*tirando o cinturão, e deixando-o ao pé da janela, não muito perto*): Pronto. Estou melhor assim?

**ROMILDA:** Parece mais um namorado...

**CORONEL:** Romilda...

**ROMILDA:** Coronel...

(*Continua um idílio mudo entre os dois.*)

**CEGO:** Que é que o senhor veio fazer aqui?

**FILINTO:** Você não conta, Cego?

**CEGO** (*fazendo cruz na boca*): Juro.

**FILINTO:** Vim ver se roubava a cabra. Você bem sabe da surra que eu levei. Vim me vingar.

**CEGO:** E daí?

**FILINTO:** Não ouviu? O homem levou a cabra a pastar e me tirou o pão da boca. Também, homem que se preza não faz de ama – seca de cabra...

**CEGO:** Que confusão...

**FILINTO:** E o senhor? Isso lá é hora de esmolar?

**CEGO:** Não estou esmolando não. (*Importante.*) Estou em missão oficial.

**FILINTO:** Oficial??

**CEGO:** Sou auxiliar de seu doutor. Vigia.

**FILINTO:** Vigia cego? Esta terra está perdida! Cabra que come dinheiro, vigia cego!...

**CEGO:** Schiu, quieto! Estão falando!...

**FILINTO:** Sem vergonhas! (*Ouvem-se murmúrios apaixonados.*)

**CEGO:** Que é que estão fazendo agora?

**FILINTO:** Se beijando! Ah, Ah! Até que está engraçado ver o papelão que o Deolino está fazendo. Quem diria!

**CEGO:** Quietos! Escuta!

**CORONEL:** Agora você não pode dizer "não"...

**ROMILDA:** Coronel...

**CORONEL:** O tempo está passando, meu bem! Daqui a pouco amanhece!

**ROMILDA:** Mas meu marido...

**CORONEL:** Seu marido é um caipora! Onde já se viu fazer um papelão daqueles por causa de uma cabra! (*Romilda se ofende ligeiramente.*) Se fosse eu, lá ia fazer questão de uma porcaria de uma cabra... Por você, Romilda... Por você eu dou um rebanho inteiro, dou toda a minha criação... É só me dizer que sim... Sim... Diz?

**ROMILDA:** Não!

**CORONEL:** Mas, meu benzinho!

**ROMILDA:** Não e não! O Deolino pode ser lá o que o senhor quiser, mas é um bom marido pra mim!

**CORONEL** (*passeando empertigado e mostrando o físico*): Isso agora é que eu duvido!

**ROMILDA**: Ele pode não ser assim emproado, mas o que vale é o que a gente faz, não o que a gente fala!

**CORONEL**: O que é que você está querendo dizer?

**ROMILDA**: Ora essa, Coronel, não se ofenda!

**CORONEL**: Agora é melhor ir em frente!

**ROMILDA**: Eu sou uma pobre mulher, Coronel! Eu não sei de nada. O Deolino é que me contou...

**CORONEL**: Contou o quê?

**ROMILDA**: Bom, também não foi ele que inventou. Diz que ouviu dizer na farmácia...

**FILINTO**: Essa mulher vai dizer besteira...

**CORONEL**: Fale logo!

**ROMILDA**: Ora, Coronel, tenho vergonha!

**CORONEL**: Diga logo, dona Romilda, antes que eu perca a cabeça!

**ROMILDA**: Disseram pra ele que o senhor... O senhor...

**CORONEL**: Fale!

**ROMILDA**: Que o senhor... Não é de nada...

**CORONEL**: O quê?

**FILINTO**: Não disse? Falou.

**CEGO**: E é verdade?

**FILINTO**: É o que dizem!

**CORONEL**: Repita!

**ROMILDA**: Que o senhor não é de nada!

**CORONEL** (*sufocado de ódio*): Quem é que espalhou... Isso?

**ROMILDA**: Bom... Diz que a primeira pessoa que falou isso... Foi...

**CORONEL**: Quem?

**ROMILDA**: Foi a sua mulher mesmo, Coronel...

**CORONEL**: Caluniadores! Infames! Eu mostro pra vocês quem é o Coronel Terso de Oliveira! Eu mostro! (*Ameaça a janela com os punhos.*) Você me paga, Deolino! Todos vocês me pagam! Isso não fica assim!

**ROMILDA** (*rindo*): Calma, Coronel, senão acorda a vizinhança!

**CORONEL**: Que acorde!

**ROMILDA**: Como é que o senhor vai explicar tudo a sua mulher?

**CORONEL**: Infames! Cascavéis! (*Vai-se afastando.*) Mas eu me vingo! Eu me vingo! (*Sai de cena furioso, ameaçando o céu e proferindo injúrias. Romilda, rindo, fecha a janela.*) Infames!

**ROMILDA**: Adeus, Coronel! Durma bem e descanse bastante... Quem sabe assim o senhor melhora!

(*Entra em casa.*)

**FILINTO** (*saíndo do esconderijo*): Que confusão!

**CEGO** (*gozando*): Cidade boa, esta. Melhor que Pouso Alegre.

**FILINTO**: Você está rindo cedo. O Coronel é de briga.

**CEGO**: Pois olhe, desta saiu-se muito mal. A mulherzinha é pimenta!

**FILINTO**: O que vai me consolar é a cara do Deolino, quando souber que a mulher dele...

**CEGO**: E é você quem vai contar?

**FILINTO**: Por que não?

**CEGO**: Pra meter o Coronel no embrulho e depois agüentar a vingança dele?

**FILINTO**: É, não dá...

**CEGO** (*caminhando debaixo da janela*): É preciso pensar muito, homem. Nada de resolver as coisas com pressa. (*Tropeça no cinturão do Coronel.*) Sapicuá de

lazarento! *(Dá um pontapé, depois se abaixa.)* Que é isso aqui?

**FILINTO:** Chi, é o cinturão do Coronel. Melhor não mexer.

**CEGO** *(apanhando o cinturão):* Por que não?

**FILINTO:** É do Coronel, homem! Tem o nome dele! Vai criar encrenca... Você mesmo acabou de dizer...

**CEGO:** Isso depende do jeito... *(Afiavela o cinturão na cintura.)* Tudo depende do jeito... Tudo tem um jeito certo...

**FILINTO:** Acho melhor largar isso aí...

**CEGO:** Deixa por minha coisa... Deixa comigo... Eu fico com o cinturão, depois...

**FILINTO:** Deus do céu! Olha o homem aí!

**CEGO:** Quem, o Coronel?

**FILINTO:** Não, o Deolino! Corra, venha!

**CEGO:** Vamos voltar onde a gente estava...

**FILINTO:** Vamos fugir!

**CEGO:** Não seja galinha! E era você quem ia roubar a cabra!

**FILINTO:** Isso foi antes do Coronel!

**CEGO:** Se esconda!  
*(Os dois se escondem novamente; está chegando Deolino, que traz a cabra, puxada por uma corda. A cena muda, apenas mimificada. Deolino se espreguiça, cheio de cansaço. Depois, coloca a cabra no quintalzinho lateral da sua casa, que seria visível da rua, mas não do público. Espreguiça-se de novo, depois olha em torno, com cara de poucos amigos, e entra em casa. Filinto sai do esconderijo, apavorado.)*

**FILINTO:** Vamos embora! Depressa, Cego!

**CEGO:** Eu tenho pra mim que ainda vai acontecer mais coisa, esta

noite...

**FILINTO:** Você quer ficar, fica. Eu, já apanhei bastante pra um dia só...

**CEGO:** E vai levar a cara cheia desse jeito, sem dizer nada?

**FILINTO:** Amanhã, Deus pensa...

**CEGO:** Então, vai indo, seu Filinto... Pode ir. Eu fico.

**FILINTO** *(saíndo):* Isso é com você. Credo! Cego mais atrevido que vidente...

*(Pausa. O sino da Igreja bate duas horas. Uma última luz que havia na janela de Romilda se apagou. Ouvem-se passos, muito longe, uma voz que vem cantando, voz engrolada, de bêbado. É Manuel, que está de pileque, e resolveu tentar fazer a corte a Romilda.)*

**MANUEL** *(cantarolando):* Oi, eu dei um beijo no cangote de uma nega tinha gosto de manteiga deu vontade de vomitar... Oi, eu...

*(Pára, meio enjoado, depois bate na boca, com medo de fazer barulho. Começa a chamar Romilda, muito baixinho.)*

**MANUEL:** Dona Romilda... Dona Romilda... Romildinha... *(Silêncio.)* Ninguém responde? Ninguém responde... Acho que está tudo dormindo... Donaaaa... *(Se arrepende.)* Ninguém se importa com Manuel... *(Começa a ficar bêbado triste.)* Manuel pode cair morto, que ninguém se importa... Nem mãe eu tenho... *(Choramanga e funga.)* Homem solteiro que não tem mãe é homem jogado ao Deus dará... Acho que vou beber mais um golinho... *(Pega uma garrafa que*

*tinha no bolso, e vira.)* Só a pinga é que se importa comigo... Se eu não beber ela, ela fica numa tamanha tristeza... *(Bebe mais.)* Eta, caninha boa... *(Senta no chão. Ouve um ruído.)* Quem está aí? Ninguém? Ninguém... Manuel, você é um cachaceiro... Amanhã, quando seu doutor souber vai te chamar de sem-vergonha... E é bem feito... Bem que a minha mãe me dizia... *(Ameaça chorar outra vez.)* Dizia... Manuel, meu filhinho, você não presta... Igual aquele desgraçado do teu paí, que Deus tenha em bom lugar a sua santa alma... Papaí... Papaí! *(Bate na boca outra vez.)* Estou querendo é criar alteração pra mim mesmo. Fica fazendo barulho na porta da casa do homem, fica, desinfeliz! Mas que a mulher dele é boa, isso é que é, mesmo! Pena que fica só no ameaço, no ameaço e não resolve... Ai, aí, dona Romilda... *(Ouve outra vez o barulho.)* Quem está aí? *(Levanta com auxílio das mãos e resolve investigar.)* Aqui não tem ninguém... Aqui também não... Aqui também não... *(Chega ao quintalzinho.)* Aqui também... Cabrinha! É você! Cabrinhazinha! Cabrinhazinhazinha! *(Fica feliz com a companheira.)* Só você quer conversar comigo, não é, bichinha? Coitadinha! Tanta gente brigando por causa da cabrinha branca... Dá o pé, bichinho... Você gosta de mim? O pé não, a mão... Fala, cabrinha, fala bichinho... Conversa com o Manuel... Você é a única mulher desta cidade que quer conversar

com o Manuel, hoje... Não é? *(Inesperadamente, a cabra responde com um béeeee, que corresponde a um é. Manuel fica espantado, depois entra no milagre que ele mesmo criou.)*

**MANUEL:** Ela fala! Não disse que falava? Fala mesmo!

**CEGO:** Manuel! O Manuel!

**MANUEL** *(sem prestar atenção):* A cabra fala!

**CEGO:** Manuel, deixa de falar besteira, que você se dana todo!

**MANUEL:** É você, Cego? A cabrinha que comeu dinheiro fala! Não é, cabrinha?

*(A cabra responde como de costume, depois, excitada pelo barulho e pelo movimento, começa a responder, cada vez mais alto, até que o Deolino vai despertar com o ruído.)*

**CEGO:** Manuel, acabe com isso! O homem acorda!

**MANUEL:** A cabrinha fala! Você quer ver, Cego? Cabrinha, não é verdade que o Coronel é um sem-vergonha? *(Resposta da cabra.)* E que o Delegado é boa gente? *(Idem.)* E que o Chico dormiu com a Comadre Maria? *(Idem.)* E o seu Vigário...

*(Idem.)*

**CEGO:** Manuel, pelo amor de Deus...

**MANUEL:** E que o seu Deolino... *(Resposta da cabra.)*

**CEGO:** Manuel!

*(Abre-se a janela de Deolino. Este sai, inquisitor.)*

**DEOLINO:** Quem está aí?

**MANUEL:** Aqui não tem ninguém! Não é cabrinha?

*(Resposta da cabra.)*

**DEOLINO:** Ah, é? Pois eu vou buscar o pau de fogo e queimo esse

ninguém que está fazendo  
algazarra!

*(Entra.)*

**CEGO:** Foge, Manuel, que você  
estrepal!

**MANUEL:** Hoje pode vir qualquer um,  
que, a gente agüenta!

*(Resposta.)*

**DEOLINO:** Então, agüenta lá!  
*(Faz fogo, repetidas vezes. Manuel se  
espanta, depois fica instantaneamente  
bom da bebedeira.)*

**MANUEL:** É tiro mesmo!

**CEGO:** Sebo nas canelas, Manuel!

**DEOLINO:** Foge, praça sem-vergonha,  
que eu te acabo!

**MANUEL:** Fujo sim, mas a cabra fala! O  
Cego viu!

**DEOLINO:** O Cego vai ver é o teu fim!

**MANUEL** *(fugindo):* A cabra fala! O  
Cego viu! A cabra fala! A cabra  
fala! *(Desaparece.)*

*(O cego depois de toda essa  
barulheira, resolve sentar-se no  
procênio, arrumando o cinturão que  
ainda traz ajustado, e pega o violão  
para tocar mais uma parte da moda.  
Deolino, que estava à janela, resolve  
pregar uma peça no Cego, inspirado  
pelo momento. Enquanto o Cego  
experimenta alguns acordes, dá a  
volta, pega a cabra pela corda, e vem  
chegando perto do Cego. Este  
começa dar sinais de perceber, pelo  
cheiro, que a cabra está se  
aproximando.)*

**CEGO** *(durante o afastamento de  
Deolino):* Cabra que fala... Só essa  
faltava! *(Canta.)*

"A moda da cabra falante  
é uma moda bem moderna..."

Cabra falante... Besteira... *(Começa a  
cheirar.)* Hum... Hum... Que cheiro  
de bode... Bode? Só pode ser a

cabra. *(Deolino vem se  
aproximando com a cabra, até  
chegá-la bem perto do Cego.)*  
Cabra? É você que está aí? *(A  
cabra raspa a barba no Cego. É  
ela mesmo...)* Cabra?

**DEOLINO** *(com voz de Cabra):*

Ceeeeeeeeegô!!

**CEGO:** Socorro!!!

*(Fim do 4º Quadro e do 1º Ato.)*

## 2º ATO 5º Quadro

*(Mesmo cenário na parte direita,  
delegacia. Dia seguinte. Delegado,  
decifrando seu problema, Chico,  
sentado na porta.)*

**DELEGADO:** Defunto... Não, esse eu já fiz.  
Mamífero ruminante...

**CHICO:** Ainda está no mamífero,  
doutor?

**DELEGADO:** Claro! Desde que essa  
maldita cabra comeu dinheiro  
que eu não tenho mais sossego  
pra nada!

**CHICO:** E a última, agora? Diz que a  
cabra fala!

**DELEGADO:** O quê? Cabra que fala?

**CHICO:** Descobriram ontem de noite.  
Todo mundo comenta. Até o  
cego está metido na coisa.

**DELEGADO:** Isso é o cúmulo! Não  
bastava a besteira trivial,  
inventam outra!

**CHICO:** E o pior é que estão dizendo  
que a cabra falou foi com a  
autoridade.

**DELEGADO:** Comigo?

**CHICO:** Não sei, doutor, comigo é que  
não foi. Mas o povo está falando.  
Diz que vai sair até no jornal de  
Pouso Alegre.

**DELEGADO:** Logo de Pouso Alegre?

Mais essa! O Veloso vai morrer de rir a minha custa! Não é possível! Eu vou virar palhaço mesmo! Cabra que come dinheiro, cabra que fala com a autoridade! Está todo mundo ruim da bola!

**CHICO:** Eu não digo nada, doutor, mas uma cabra esperta como aquela é capaz de qualquer coisa! Papagaio fala, não fala? Por que é que cabra não há de falar?

**DELEGADO:** Deixe de burrice, Chico! Papagaio fala, mas é diferente!

**CHICO:** Só tinha que ser diferente! Papagaio "avúá" e cabra não "avúá"!

**DELEGADO:** Ó santa ignorância!

**CHICO:** Mas também nunca se ouviu dizer de papagaio que comesse dinheiro! Eu tenho pra mim que a cabra, aí, está ganhando do papagaio de dois a zero...

**DELEGADO:** Mas quem falou em papagaio... Puxa vida, eu acabo louco, nesta terra...

**CHICO:** Exagero seu, doutor. Quem deve estar louco é seu Deolino, que foi cobrador, na porta de casa. E ainda incomodaram a mulher dele...

**DELEGADO:** A dona Romilda? Bonita moça...

**CHICO:** Olhe, e por falar nisso, aí vem o Manuel.

**DELEGADO:** Por falar em quê?

**CHICO** (*arrepentido*): Nada, não senhor.

**DELEGADO:** Espera aí, Chico, você vai explicar isso direito. Que é que tem Manuel com a Romilda?

**CHICO:** Eu não sei nada não, doutor. (*Entra Manuel, sem jeito e com cara de ressaca.*)

**MANUEL:** Dia, doutor, dia, Chico.

**CHICO:** Dia, Manuel. Doutor, eu vou ali na ladeira grande, buscar um negócio...

**DELEGADO** (*interrompendo*): Você vai ficar aí mesmo, onde está! E o senhor Manuel, como é que vai? Ouvi dizer que o senhor, estava "alegre", ontem...

**MANUEL:** Eu sempre sou alegre doutor...

**DELEGADO:** Mas parece que o senhor estava alegre porque entrou na pinga..

**MANUEL:** Eu bebi umas e outras. Mas não foi muito não, doutor...

**DELEGADO:** Eu estou sabendo mais...

**MANUEL:** Vai dizendo, doutor...

**DELEGADO:** Parece que tem rabo de saía no meio da história. E o pior é que é de mulher casada!

(*Manuel acusa Chico de ter alcaguetado, e Chico nega, por gestos.*)

**DELEGADO:** E tem mais uma história de cabra falante, que eu estou achando que foi sua invenção!

**MANUEL:** Isso o senhor me perdoe, mas não é invenção, não! O bicho me falou!

**DELEGADO:** Falou? Falou?

**MANUEL** (*com a voz de cabra, inocente*): Éeeeeeeeeeeee!

**DELEGADO:** Você quer ir em cana, quer?

**CHICO:** Calma, doutor!

**DELEGADO:** Está me achando com cara de engraçado?

**MANUEL:** Doutor, o senhor está nervoso!

**DELEGADO:** Cabra que fala!

**MANUEL:** O Cego viu!

**DELEGADO:** Cego que vê!!

**MANUEL:** O Cego viu a cabra falar, doutor!

**DELEGADO:** Chega! Virem na delegacia, me dizer uma coisa -

dessas!

**CHICO:** Doutor! "Teje" calma!

**DELEGADO:** Quando aquele povo do mercado souber, não vai ter cristão que agüente!

**CHICO:** Já estão sabendo...

**MANUEL:** O Cego contou...

**DELEGADO:** O Cego! Um homem sério!

**CHICO:** Ele só disse que "seu" Deolino pregou um susto nele!

**MANUEL:** É, mas Comadre Maria já está vendendo cadeira na calçada de "seu" Deolino, pra quem quiser ver a cabra.

**DELEGADO (irônico):** E pra ouvir ela falar, não vende?

**MANUEL (sério):** Não senhor, pra ouvir ela falar, quem vende sou eu.

**DELEGADO:** Chega!

**CHICO:** Doutor, vem vindo o homem aí.

**DELEGADO:** Quem, o Deolino?

**CHICO:** Não, o Filinto.

**DELEGADO (dando murros na cabeça):** Agüenta, desgraçado, agüenta. Não queria ser xerife, que nem no cinema? Agora agüenta!

**FILINTO:** Quero ver! Agora quero ver se tem justiça nesta terra!

**DELEGADO:** Que é que foi, seu Filinto...

**FILINTO:** Quero ver me dizer agora que não é crime! Estou com a cara arreventada. O negócio foi no território nacional, e malvado do Deolino é brasileiro e tem trinta e nove anos. E agora?

**DELEGADO:** Vamos por partes. Que foi que aconteceu?

**FILINTO:** Aconteceu que ele foi na minha casa ontem de tarde, com uma história de custas, honorários, e sanduíches, e me desceu o braço a traição, na frente da minha mulher e meus filhos. Não

sou homem de levar desaforo para casa, por isso vim aqui!

**DELEGADO:** Levou desaforo pra delegacia.

**FILINTO:** Eu podia me vingar sozinho, se quisesse. Podia ir lá de noite e roubar a cabra dele! Mas não sou homem disso!

**DELEGADO:** Então foi a traição?

**FILINTO:** Foi sim senhor.

**DELEGADO:** Acho engraçado, isso de sopapo a traição no nariz.

**FILINTO:** Isso não é com o senhor. Eu digo que foi a traição. Ele não me avisou que ia dar o tranco.

**CHICO (caçoando):** Ele queria aviso "breve".

**DELEGADO:** Aviso prévio!

**FILINTO:** O senhor aí também podia ficar quieto, não?

**DELEGADO:** Conte o resto, seu Filinto.

**FILINTO:** Já contei tudo. Apanhei na cara. Na frente da família. Isso não se faz.

**DELEGADO:** Mas por que foi que seu Deolino lhe bateu? Não teve nenhum motivo?

**FILINTO (disfarçando):** Deve ter tido, ué. Homem de briga, que nem ele, sempre arranja um motivo... Um homem endemoniado... Não vive bem nem com a mulher...

**DELEGADO:** Aí não entra mulher, seu Filinto, o motivo do homem deve ter sido forte! Então, o senhor perde dinheiro, perde a cabra, e ainda apanha? Como?

**FILINTO:** Pra o senhor ver!

**DELEGADO:** Conte logo, seu Filinto...

**FILINTO (desenxabido):** Deve ter sido por causa da cobrança...

**DELEGADO:** Ah...

**FILINTO:** Eu cobre meus direitos...

**DELEGADO:** Quem lhe aconselhou?

**FILINTO:** O advogado.

**DELEGADO:** O senhor cobrou só seus direitos?

**FILINTO:** Eu quero meu 5 contos de reis. O resto não é comigo.

**DELEGADO:** Mas diz que o cobrador andou aumentando um pouco...

**FILINTO:** Isso eu não sei.

**DELEGADO:** Mas precisamos saber!

**MANUEL:** Se o senhor dá licença, doutor, posso explicar. Diz que "seu" Deolino, agora, vai ter de pagar dezessete contos e lá vai pedra.

**DELEGADO:** Dezessete contos?

**MANUEL:** ...E lá vai pedra. Diz que é juros de mora, custas, sanduíches, cerveja e mais numerários.

**DELEGADO:** Honorários...

**MANUEL:** Ou isso: o dinheiro do homem da banda.

**DELEGADO:** Muito bem, seu Filinto. E o senhor se espanta de ter levado as bolachas? Fosse eu, lhe dava de couro!

**CHICO:** Eu batia até criar bicho!

**MANUEL:** Eu matava!

**FILINTO:** O senhor se cale! Já vi que está tudo contra mim! Delegado, praças, tudo! Fosse o Deolino, que tem cabra e mulher bonita, mulher que conversa com qualquer um, nem o senhor nem seus praças me tratavam desse jeito!

**DELEGADO:** O senhor tem alguma coisa a dizer de mim, seu Filinto?

**FILINTO:** Do senhor não, mas tem gente aí que tem rabo de palha...

**DELEGADO:** Manuel, o negócio é com você?

**MANUEL:** Comigo não, doutor, que é isso! *(Baixo a Filinto.)* Cala a boca, senão eu te acerto, capiau!

**FILINTO** *(disfarçando)*: Não é nada não, doutor; a gente está nervoso...

**DELEGADO:** Nervoso, nervoso. Eu devia é ter fechado todo mundo no xadrez no primeiro dia!

**FILINTO:** Pois olhe, pelo menos a minha cara estava ainda inteira!

**DELEGADO:** Ora, francamente, com a sua cara! Quem ouvir há de pensar que não há outra cara mais importante no mundo!

**FILINTO:** Homessa! Pra mim, tirante a da cabra, a mais importante é esta mesmo! Não tenho outra!

**DELEGADO:** Chico, vá buscar seu Deolino na casa dele. Precisamos ouvir o homem

**MANUEL:** Eu vou, doutor!

**DELEGADO:** O senhor fique aí mesmo! Temos que conversar!

**CHICO:** Quero ver é se consigo abrir a casa dele. Deve de estar fechada a sete chaves. Lavou eu. Ô vida!

*(Saí.)*

**DELEGADO:** Agora nós, seu Manuel. Vamos lá.

**MANUEL:** Pronto doutor.

**DELEGADO:** Quando o senhor saí... Pra fazer a sua ronda... Será que não passa por uma rua... Que tem uma casa...

**MANUEL:** Eu passo, sim senhor.

**DELEGADO** *(bravo)*: Por onde?

**MANUEL:** Por rua que tem casa.

**DELEGADO:** Não se faça de besta!

Estou lhe perguntando se o senhor não anda arrastando a asa a dona Romilda!

**MANUEL:** Eu, doutor?

**DELEGADO:** É sim, o senhor mesmo!

**MANUEL** *(gaguejando)*: Pode ser como pode não ser, doutor. É a seu gosto!

**DELEGADO:** A meu gosto não senhor, a seu gosto!

**MANUEL:** Pois é, sim senhor.

**DELEGADO:** Eu quero ver é se seu Deolino vai gostar disso, quando souber!

**MANUEL:** Mas eu não faço nada não, doutor. Só passo por lá e olho... É pra alegrar a vista. A vida da gente é triste, doutor...

**DELEGADO:** E ela: também alegra a vista?

**MANUEL:** Ela é uma mulher direita, doutor. Mas todo mundo precisa variar um pouco, nem que seja só no olhar. É como comida. Carne de sol com farinha todo dia enjoa!

**DELEGADO:** É uma pouca vergonha!

**MANUEL:** Não houve nada não, doutor. Juro por essa luz!

**DELEGADO:** Nas minhas barbas! Na hora da ronda!

**FILINTO:** Acho engraçado... Esses delegados que ficam de Santo Antônio, em vez de prender os delinqüentes!

**DELEGADO:** Cale a boca!

**FILINTO:** O senhor não pode me tratar assim! Eu sou a vítima!

**DELEGADO:** Por enquanto o senhor não é nada. O inquérito não foi aberto! Me aborrece muito, lhe mando embora, e olhe! (*Gestos de mão.*) Acabou-se a vítima!

**FILINTO:** O advogado me disse que o senhor não pode fazer isso!

**DELEGADO:** Posso fazer o que quiser, diga para ele. E se foi ele que inventou a história da banda, inventou mal. É só olhar pra sua cara!

**FILINTO:** A cara é minha e ninguém tem nada com ela!

**DELEGADO:** Pois faça bom proveito! (*Vêm chegando Chico e Deolino, este pisando duro. Manuel se afasta um pouco, com a lembrança da noite anterior.*)

**DEOLINO:** Bati e não nego! Pronto!

**DELEGADO:** Pois fez muito mal! Desde quando se faz justiça com as próprias mãos?

**DEOLINO:** O homem foi me envergonhar na porta de casa! Homem como eu não se envergonha assim, doutor! Inda mais na frente da minha mulher!

**FILINTO:** Ele me bateu na frente da minha!

**DEOLINO:** Isso é diferente.

**FILINTO:** É claro que é diferente. A mulher é minha, não sua.

**DEOLINO:** Nem eu queria.

**FILINTO:** Agora eu mato! Eu mato!

**CHICO:** Aparta! Aparta! Separa!

**DELEGADO:** Calma! Calma! (*Esmurra a mesa.*) Silêncio! (*Pára a confusão.*) Seu Deolino, o senhor está se excedendo. Primeiro leva a cabra, fecha em casa e não se explica com o dinheiro; agora bate no homem só porque ele quer cobrar o que é devido.

**DEOLINO:** Devido? Ele pensa que sou a Caixa Econômica? Um disparate! Sanduíche! Banda! Não pago, isso é que não pago! Pode espernear, que não pago! E a primeira banda que vier na minha porta fazer barulho, eu arrebento!

**FILINTO:** Me admira o Delegado ouvir tudo isso e ficar quieto.

**DELEGADO:** A autoridade sabe o que faz! Não precisa do seu auxílio! Seu Deolino, o senhor errou e não tem razão. Nós vamos ter de abrir inquérito. O senhor ofendeu a

integridade física do seu Filinto.  
Está no livro.

**DEOLINO:** E ele me caluniou! Também está no livro!

**DELEGADO:** Não caluniou, não senhor. O que ele diz é verdade. O senhor levou a cabra e não quer devolver os 5 mil cruzeiros.

**DEOLINO:** Como, devolver! Não fui eu que peguei!

**DELEGADO:** Ai, meu Deus do céu! Começa tudo de novo! É pra isso que um desgraçado estuda toda a vida e vem se afundar neste inferno! *(Pausa. Com calma.)* O senhor é o responsável; foi a sua cabra que comeu o dinheiro!

**DEOLINO:** Não senhor. Se fosse coisa de gente, de gente minha, minha mulher, meus filhos, vá lá. Mas cabra? Quem é que governa boca de cabra?

**DELEGADO:** Bom, mas o homem ficou sem dinheiro, sem cabra e com a cara arreventada!

**DEOLINO:** E eu com isso? O dinheiro não está comigo, a cabra era minha, e a cara eu arreventei porque ele levantou falso contra mim e me envergonhou pode escolher: se tem inquérito porque eu bati, tem que ter também do falso que ele levantou. Está no livro!

**DELEGADO:** Eu queria saber quem é o miserável que está vendendo Código Penal pra esse povo!

**DEOLINO:** ...Se fosse minha mulher, que tivesse pegado o dinheiro pra gastar... Mas a cabra!

**FILINTO** *(depressa)*: Nem dizer não tem diferença.

**DEOLINO:** O quê?

**CHICO:** Não foi nada não, seu Deolino.

**DEOLINO:** Foi, sim, senhor!

**FILINTO:** Porque não pergunta o que foi ao Manuel?

**DEOLINO:** Que história é essa?

**DELEGADO:** Ninguém não falou nada não!

**MANUEL:** Bobagem de seu Filinto!

**DEOLINO:** Bobagem não senhor, que eu escutei coisa séria!

**FILINTO:** Assim escutasse o que andam dizendo por aí!...

**DEOLINO** *(agarrando Filinto)*: Eu me desgraço! Eu me desgraço!

**CHICO:** Segura!

**DELEGADO:** Agarra o homem!

**FILINTO** *(soltando-se do aperto e desafiando)*: Deixa ele vim!

**DEOLINO:** É hoje!

**MANUEL:** Minha Nossa Senhora da Ajuda!

*(Dentro da maior confusão, chega Romilda da rua, ofegante, depois de uma longa corrida.)*

**ROMILDA:** Deolino! O Deolino!

**DEOLINO:** Me deixa que hoje eu acabo com a vida dele!

**ROMILDA:** Deolino, pelo amor de Deus, pare com isso! Aconteceu uma desgraça! Tenho que lhe falar!

**DELEGADO:** Uma desgraça?  
*(Todos se largam e se aproximam. A curiosidade vence.)*

**DEOLINO:** Pois fale logo!

**ROMILDA** *(encabulada)*: Tem que ser no particular.

**DELEGADO:** Que é isso? Não há segredos para a lei. Do que se trata?

**ROMILDA:** Ah, doutor..

**DEOLINO:** Diga, mulher!

**ROMILDA:** É assunto da cabra!

**TODOS:** Da cabra?

**ROMILDA:** É!

**CHICO:** Morreu!

**ROMILDA:** Não senhor, Deus me livre!

**FILINTO:** Fugiu!

**ROMILDA:** Creio em Deus Padre! Não fugiu, não senhor!

**MANUEL:** Perdeu a fala!

**DELEGADO:** Cala a boca, Manuel! Que foi, dona Romilda?

**ROMILDA** (*coqueteando*): Ah, seu Delegado...

**DELEGADO** (*meloso*): Pode falar, dona Romilda... A lei não tem sexo...

**ROMILDA** (*idem*): É que eu...

**DEOLINO:** Deixa disso e venha falar aqui no ouvido! Ande! (*Ouve o que Romilda diz, com crescente expressão da surpresa.*) Não!

**ROMILDA:** Pois é... Agora de manhã...

**DEOLINO:** Quem viu?

**ROMILDA:** Comadre Maria, tem certeza!

**DELEGADO** (*curioso*): O que é que foi, o que é que foi...

**CHICO** (*pra Manuel*): Você está sabendo?

**MANUEL:** Eu não, tudo é comigo?

**CHICO:** Aposto que o Cego sabe.

**DEOLINO:** É que a cabra... Com sua licença...

**DELEGADO:** Vai falando!

**DEOLINO:** É difícil explicar...

**DELEGADO:** Fala logo, diabo!

**DEOLINO:** Ela está esperando nenê!

**DELEGADO:** Nenê?

**DEOLINO:** Quer dizer... Cabrito!

**DELEGADO:** Ah, como é que o senhor sabe?

**DEOLINO:** Eu não sei nada não senhor. Foi a Romilda.

**DELEGADO:** A senhora...

**ROMILDA:** Eu não senhor. Foi a Comadre Maria...

**DELEGADO:** Mas ela... Tem certeza?

**ROMILDA:** Ela viu...

**DELEGADO:** Viu... O quê?

**ROMILDA:** Ora, seu Delegado...

**DELEGADO:** Mas ela... Viu direito?

**ROMILDA:** Ih, ela entende dessas coisas!

**DELEGADO:** E será que a cabra...

**DEOLINO:** Ah, não falha, doutor. A minha cabra não falha. Pode contar que tem cabritinho no Natal.

**DELEGADO** (*esfregando as mãos*): Bom, então, há males que vem para o bem. Não se esqueçam aqui dos funcionários, da autoridade, das pessoas que não medem esforços etc. Um quarto de cabrito até que não faz mal a ninguém. A propósito: de quem é... O marido?

**ROMILDA:** O... Paí? Diz que é o bode... (*Constrangida.*) Do Coronel Terso...

**DELEGADO:** Do Coronel?

**CHICO:** Daquele unha de fome?

**FILINTO:** Que coincidência!

**DELEGADO:** Então, seu Deolino, adeus cabritinho!

**DEOLINO:** Como? A cabra é minha!

**FILINTO:** Mas o bode é dele, e ele é o Coronel!

**DEOLINO:** Que me importa? Coronel lá na barranca dele! Pra mim ele não é nada!

**DELEGADO:** Calma, calma. Vamos acertar isso. Seu Deolino, tenha sossego. Dona Romilda: onde é que estava a cabra?

**ROMILDA:** No cercadinho. O bode dele é que estava solto.

**DEOLINO:** O senhor devia fazer alguma coisa!

**DELEGADO:** O senhor vai querer que eu prenda o bode do Coronel?

**DEOLINO:** Devia prender o bode mais o Coronel, pra ele deixar de se mostrar na cidade, com revólver na cinta e cinturão de paraguáio,

atentando as mulheres!

**FILINTO:** Deu na cabeça...

**DELEGADO:** Prendo quem eu quero! O senhor fique quieto! Se me der na telha de prender o Coronel, prendo mesmo!

**DEOLINO:** Só queria ver...

**DELEGADO** (*mudando aos poucos*):  
Prendo! Prendo e reprendo!  
Prendo a hora que quiser!  
(*Pausa.*) A verdade é que não há nenhum motivo pra se prender o Coronel. Ele não fez nada errado. Assim como não se manda em boca de cabra, também não se manda em... (*Sugestivo.*) Pois não é?

**DEOLINO:** Uaí, acabou a bravesa?

**DELEGADO:** Digo que não há motivo!

**MANUEL:** O dono do genro do "seu"  
Deolino vem vindo aí!

**DEOLINO:** Chega de gozação!

**DELEGADO** (*aparentando autoridade, mas intimidado*): Eu não me curvo!

(*O Coronel vem pela rua, autoritário. Entra na delegacia com seu jeito característico, agora exagerado.*)

**CORONEL:** Muito bom-dia para todos!

**CHICO, MANUEL e FILINTO:** Bom-dia...  
Bom-dia... Bom-dia... Seu Coronel...

**DELEGADO** (*lutando intimamente, acaba por puxar a cadeira*):  
Vamos sentar, seu Coronel.

**CORONEL:** Obrigado, fico de pé, mesmo. Sou um homem forte! Eu vinha a procura de seu Deolino; passei na sua casa, homem, e não lhe achei. Por isso vim cá: seu Deolino a essas horas, deve estar na delegacia... Quem tem coisa a reclamar, vai logo pra delegacia. E o senhor tem muito do que reclamar, não é seu Deolino?

**DEOLINO:** É como Deus é servido,  
Coronel.

**CORONEL:** Pois é. É como eu sempre digo pra Leontina, minha santa mulher. Homem bom é seu Deolino. Boa pessoa, bom marido. Bom até demais. Tomara toda mulher ter um marido como ele. Não é dona Romilda?

**ROMILDA** (*séria*): Meu marido é muito bom homem, seu Coronel! E tem mais. (*Com intenção.*) Ele não diz mentira!

**CORONEL** (*picado*): Ah, é? Pois muito bem. O senhor tem uma boa mulher, seu Deolino.

**DELEGADO:** Desculpe, Coronel, mas o que o senhor veio fazer foi uma visitinha ao distinto casal? Se foi, fique à vontade, que a gente saí...

**CORONEL:** Se fosse, seu Delegado, o senhor ia ter que me aturar, porque, como sabe, quem criou esta delegacia fui eu... Ou não sabia?

**DELEGADO** (*contrafeito*): Sabia, sim senhor.

**CORONEL:** Pois é. Mas não foi isso não. Vim é comunicar a seu Deolino, e também à autoridade, que meu bode Mimoso cobriu esta manhã a cabra dele, com perdão do lugar e da senhora. Cobriu e cobriu bem, pra mostrar que bicho varão da minha fazenda, sem exceção de nenhum, é macho. Eu disse, que sem exceção de nenhum!

**DELEGADO:** Nós entendemos. Mas era bom o senhor ter dito também que "não desfazendo dos presentes"...

**CORONEL:** Como eu vinha dizendo, bicho da minha fazenda é

macho. Quem disser o contrário  
mente! E macho é quem manda.  
Isso, meu avô me ensinou, quando  
eu ainda andava nos cueiros.  
Macho nasceu para mandar.  
Visto isso, vim para lhes dizer que  
a cabra que foi de seu Deolino,  
de hoje em diante é minha.

**DEOLINO:** Como é?

**CORONEL:** É assim. Meu bode cobriu,  
minha ficou. A cabra e mais o  
cabritinho.

**TODOS:** Mas não é direito!

**CORONEL:** Quem é que disse?

**DEOLINO** (para o Delegado): O Senhor  
tem que fazer alguma coisa! Isso  
não pode ficar assim!

**FILINTO:** Se fosse o cabritinho só, ainda  
era pra discutir! Mas a cabra!

**ROMILDA:** Isso é abusar dos pobres!

**CORONEL:** A senhora faça o favor de  
não dizer nada. Isso é assunto de  
homem!

**ROMILDA:** Deus que está lá no alto há  
de enxergar...

**CHICO:** Amém!

**MANUEL:** Sim seja...

**DELEGADO:** Quem sabe a gente não  
arrumava uma solução... O  
senhor, Coronel, é homem  
abastado... Não vai fazer questão  
de uma cabra caipira, sem nada  
de especial... O senhor fica com o  
cabrito, salva seus direitos... Mas  
deixa a cabra aí pra os homens...

**CORONEL:** A questão não é  
necessidade, doutor. Eu não  
preciso de cabra, nem de cabrito.  
Se a Igreja precisasse, eu dava  
cabras, mais seus cabritos. Mas  
essa cabra é minha! É minha!  
Não tem discussão! Vamos ver  
quem pode mais! Se sou eu,  
Coronel Terso de Oliveira ou se é

quem me calunia pela rua!

**DELEGADO:** Coronel, eu apelo pros seus  
sentimentos cristãos.

**CORONEL:** Não tem sentimento  
nenhum. (*Violento.*) Quero a  
cabra, e pra já. Não espero nem  
mais um minuto!

**DELEGADO:** Coronel Terso...

**CORONEL:** Vou contar até três!

**FILINTO:** Mas seu Coronel...

**CORONEL:** Estou contando: Um...  
(*Enquanto inicia a contagem, surge o  
Cego, vem tocando viola, trazendo o  
cinturão de prata do Coronel na  
cintura, bem visível. Canta uma moda  
e vai se aproximando da delegacia,  
onde os personagens se calarão, com  
sua chegada.*)

**CEGO** (*cantando*): A moda da cabra  
viva

Tem história e tem verdade  
Tem encontro à meia-noite  
Numa rua da cidade...

**CORONEL** (*ouvindo*): Dois...

**CEGO:** A moda da cabra viva  
Tem coisa que se descobre  
Tem gente que é poderoso  
e ronda a casa dos pobres  
(*O Cego está à vista de todos. O  
cinturão aparece. O Coronel  
emudeceu de espanto. Romilda ri,  
escondida. Filinto esplende de  
satisfação.*)

**CEGO:** Mas tem ainda a história  
Do Coronel graudão  
Que foi pra enganar um homem  
E esqueceu o cinturão  
Meu cinturão é de prata  
É dessa prata de lei  
Quem dever tome cuidado  
Posso falar, já falei...

**FILINTO:** Como é, seu Coronel,  
esqueceu de contar?

**MANUEL:** Parou no dois, seu Coronel?

**CEGO** (*fingindo espanto*): Seu Coronel Terso de Oliveira está aí?

**CORONEL** (*amedrontado*): Onde é que o senhor vai indo... Com esse cinturão?

**CEGO**: Cinturão? Que cinturão, esse aqui? Eu vou indo pra sua casa mesmo, Coronel. Sua mulher, dona Leontina, que Deus sempre a proteja, me prometeu umas ajudazinhas... Vou indo lá pra buscar...

**CORONEL** (*morto de medo*): Espere aí, Cego, não vá não...

**CEGO**: Por que, o senhor quer me ajudar antes, Coronel?

**CORONEL**: Não... Quer dizer, quero sim... Tome lá duzentos... Quinhentos mil réis...

**TODOS**: Quinhentos mil réis?

**CEGO**: Quem está falando é mesmo seu Coronel Terso de Oliveira?

**CORONEL**: Sou eu, sim. Estou lhe dando esse auxílio...

**CEGO**: Deus lhe pague, Coronel. Deus que lhe acrescente...

**CORONEL**: ...Que é pra o senhor não ter de ir incomodar a minha mulher lá em casa...

**CEGO**: Mas ela me pediu pra ir...

**CORONEL**: Não é preciso não! Fique por aqui mesmo... Vamos prosear um pouquinho.

**CEGO**: De que é que estão conversando aqui?

**FILINTO**: É da minha cabra que o seu Coronel quer pra ele. A cabra que era de seu Deolino...

**CEGO**: O senhor quer mesmo a cabra, Coronel?

**CORONEL**: Não! Tou fazendo questão, não!

**CEGO**: Ah, pensei...

**DELEGADO**: Ué, então o senhor não faz

mais questão?

**CORONEL**: Bobagem, doutor... O que é uma cabra pra quem tem cinco fazendas?

(*Ri sem graça.*)

**CHICO**: Veja só que mudança...

**CORONEL**: Não faço mais questão, não. O senhor é quem resolve, doutor. O senhor é uma autoridade. A propósito: parece que esse Cego tem uma coisa, aí, que não é dele... Seu Cego... Esse cinturão... É seu?

**CEGO**: Não é meu, não senhor, achei ele ali debaixo...

**CORONEL** (*tapando-lhe a boca, depressa*): Ah, o senhor achou, é?

**CEGO** (*lutando*): É, achei ele... (*Não consegue se fazer ouvir.*)

**CHICO**: Credo, seu Coronel, deixe o ceguinho falar...

**FILINTO**: Assim o senhor "afoga" o homem...

**CORONEL** (*ao Cego*): Cale a boca, que leva mais quinhentos...

**CEGO** (*baixo*): Sim senhor. (*Alto.*) Então quer dizer que o senhor desiste mesmo da cabra?

**CORONEL**: Desisto. Todo mundo está aqui de testemunho. Me dê o cinturão.

**CEGO**: Dou sim seu Coronel. Mas antes gostava de ouvir o senhor fazer as pazes aqui com seu Deolino. Sempre ouvi dizer que o senhor gostava muito do seu Deolino. Não é verdade?

(*Enquanto fala, vai desafivelando o cinturão, que manterá na mão, sacudindo bem à vista.*)

**CORONEL**: Gosto, sim senhor. Sempre achei seu Deolino ótima pessoa...

**CEGO**: Honesto, bom marido, homem macho...

**CORONEL** (*contrariado*): Honesto, bom marido, homem macho...

**CEGO**: Homem verdadeiro, que não diz mentira nem conta boato...

**CORONEL**: ... Nem conta boato...

**CEGO**: Homem que quando diz uma coisa, é pra gente escrever. Não é, Coronel?

(*O Coronel demora a repetir. O Cego ameaça com o cinturão, que balança.*)

**CEGO**: Não é Coronel?

**CORONEL** (*bufando*): É sim, Cego.

**CEGO**: É o quê, Coronel?

**CORONEL**: É homem que quando diz uma coisa é para gente escrever.

**CEGO**: Ah, bom. Gosto de ver todo mundo bem, satisfeito, sem nenhuma briga armada. Está aqui seu cinturão, Coronel. E não se esqueça de um pobre homem sem a luz dos seus olhos...

**CORONEL** (*pegando o cinturão*): Tome lá duzentos...

**CEGO**: Quinhentos, Coronel...

**CORONEL**: Está certo, quinhentos...

**CEGO**: Confira aqui, doutor...

**DELEGADO**: Está certo, é quinhentos, mesmo.

**CEGO**: Então, está tudo em paz. Hoje já não preciso mais de andar por aí, pedindo. Se tudo continuar como está, acho que até sou capaz de deixar esta profissão infeliz e arrumar um negócio que me ajude a viver... Voltar para Pouso Alegre, me estabelecer por lá...

**CORONEL**: Por burrice não será que o senhor deixa de fazer isso...

**CEGO**: O que vale são as pessoas como o senhor, Coronel!

**CORONEL** (*afivelando o cinturão*): Bobagem! Estamos aqui neste

mundo de Deus pra "se" ajudar!  
Somos todos irmãos!

**TODOS**: É verdade! Tem razão,  
Coronel! Homem bom está aí!  
Grande alma!

(*Estão todos contentes. Há uma pausa de alívio, com a retirada de um rival. Depois de um pequeno instante de silêncio, o Coronel enfia os polegares no cinturão, e solta a fala, risonho e auto-suficiente.*)

**CORONEL**: Bom! Agora... Só falta... A cabra!

**TODOS**: A cabra?

**CORONEL**: É, a cabra! O doutor vai mandar buscar, ou já está aqui?

**DELEGADO** (*quase sem voz*): O senhor está falando da cabra... Aquela?

**CORONEL**: Estou falando da minha cabra! A que foi coberta pelo meu bode Mimoso!

**DELEGADO**: Mas o senhor tinha desistido dela!

**CORONEL**: Quem foi que disse?

**DELEGADO**: O senhor mesmo, aqui na frente de todo mundo!

**CORONEL**: Engano seu, doutor. Eu não desisti nada...

**CEGO**: Mas coronel, e o cinturão?

**CORONEL** (*rindo e batendo na cinta*): O cinturão está aqui comigo!

**CEGO**: Mas eu vi!

**CORONEL**: Você viu, Cego? Já viu cego ver?

**CEGO**: Mas tinha também seu Filinto...

**FILINTO**: É isso mesmo, eu estava lá!

**CORONEL**: Agora que o Cego contou a mentira, você também quer acompanhar, homem? Agora, não! Nessa vocês não me levam mais! Perdi um dinheiro, mas não perdi a parada! Quem foi que disse que eu desisto? Estou no páreo, doutor!

**DELEGADO:** Não é possível! Agora, que a coisa estava melhorando!

**FILINTO:** Melhorar não melhorou nunca! Taí minha cara que não me deixa mentir!

**DEOLINO:** Pra mim não teve mudança. A cabra sempre foi minha.

**FILINTO:** Sua, não, que eu comprei e paguei!

**CORONEL:** Não discutam... O dono sou eu, que sou dono do bode...

**FILINTO:** Exploração!

**CORONEL:** E que elegi o prefeito também...

**CHICO:** Bem que eu tinha dito que a política ia entrar na história!

**CORONEL:** Vamos, pessoal, vamos fazer a marcha pela família! O cabritinho não pode ficar sem sua mãe, nem a cabra sem seu marido! Eu não quero nada mais, quero proteger uma família!

**MANUEL:** Que conversa mais desavergonhada!

**CORONEL:** O senhor me conhece? Me conhece?

**DEOLINO:** Todo mundo tem boa conversa. Mas só largo a cabra morto!

**CORONEL:** Se a questão é de morte pode deixar que eu providencio! *(Batendo no revólver.)* Têm alguém que queira começar?

**DELEGADO:** Coronel, isto aqui é a delegacia! A autoridade sou eu!

**CORONEL** *(batendo no revólver):* A autoridade é isso aqui!

**DELEGADO** *(armando-se):* Pois então o primeiro que se meter a besta leva bala!

**CORONEL:** O senhor não pode me ameaçar! O senhor não manda em mim!

**DELEGADO:** Mando e remando!

**CORONEL:** Eu não estou disposto a agüentar suas manias, doutor!

**DELEGADO:** Se não posso manter a ordem na cidade, desisto do cargo!

**ROMILDA:** Isso não, doutor, nossa sorte está nas suas mãos!

**DELEGADO:** Manuel, reviste esses homens! Chico, se arme!

**MANUEL** *(a Filinto, evidentemente desarmado):* Deixa ver essas armas aí!

**FILINTO:** Eu? Por que você não começa pelo Coronel, que está que nem arsenal?

**CHICO** *(enquanto aponta a arma, confidencialmente):* Doutor o senhor vai deter todo mundo?

**DELEGADO:** Por quê?

**CHICO:** Porque acho que não vai dar..

**DELEGADO:** O que é que há?

**CHICO:** Só tem uma cela...

**DELEGADO:** Vai tudo junto.

**CORONEL:** Exijo uma cela só pra mim.

**DELEGADO:** E os outros, ficam onde?

**CORONEL:** Problema seu. Eu fico sozinho. Tanto, é por pouco tempo. Daqui a pouco, tem gente minha aqui. Minha mulher vai mover céus e terras, quando souber...

**CEGO:** Pois sim!

**DELEGADO:** Ponha os três juntos, Manuel!

**FILINTO:** Junto não, doutor. Não me ponha junto com esse homem! *(Aponta Deolino.)* Tudo isto é culpa dele. Eu mato ele, doutor! Eu tenho família!

**ROMILDA:** Pelo amor de Deus, doutor, meu marido!

**DEOLINO:** Deixa ele, Romilda. Ele não é homem!

**FILINTO:** Viu só? Ele me provoca! Eu faço uma desgraça, doutor!

**CORONEL:** Não quero barulho perto de mim, doutor. Quero uma cela sozinho!

**DEOLINO:** Cambada de maricas!

**CORONEL e FILINTO:** Desgraçado! Maldito!

*(Avançam. Nova confusão. Novo apartar. O Cego se aproxima do Delegado, em primeiro plano.)*

**CEGO:** Doutor, posso lhe dar uma sugestãozinha?

**DELEGADO:** Fala, Cego.

*(O Cego se aproxima do Delegado e fala-lhe no ouvido. A cara deste se ilumina, enquanto vai largando o revólver de lado. Depois, enquanto o Coronel e Filinto ainda estão agarrados pelos praças, com a satisfação de quem resolveu um problema, larga a ordem para Manuel.)*

**DELEGADO:** Manuel!

**MANUEL:** Senhor!

**DELEGADO:** Relaxe a prisão de toda essa gente...

**MANUEL:** ...Sim senhor...

**DELEGADO:** ...Vá até a casa de seu Deolino e prenda a cabra!  
*(Fim do 5º quadro e do 2º ato.)*

### 3º ATO 6º Quadro

*(Novamente no mercado. Em cena o carrinho, Comadre Maria, Zé Boa Morte, os vizinhos, o Cego e Manuel. D. Leontina passa, espiando. Comadre Maria, na sua barraca, faz negócio; o sorveteiro apregoa.)*

**SORVETEIRO:** Olha o sorvete de milho; Se não quiser tomar; Leve pro seu filho!

**COMADRE MARIA:** Vamos jogar no jogo

do bicho, vamos ganhar do primeiro ao quinto!

**MANUEL:** A senhora bote aí também cem mil réis no grupo da cabra.

**COMADRE MARIA:** Só no grupo?

**MANUEL:** Tem de dar o grupo. Sorte é sorte. Bote aí.

**COMADRE MARIA:** Tá botado. Mais ninguém?

**MANUEL:** Credo, todo mundo já jogou! Quando é que chega o resultado?

**COMADRE MARIA:** Pelo telefone ou pela jardineira da noite.

**ZÉ BOA MORTE** *(voltando de uma conversa que tinha com os vizinhos):* Vosmecê me devolva o dinheiro que lhe dei pela cadeira de ver cabra.

**COMADRE MARIA:** Isso é que não devolvo não. Se a cabra foi removida, não foi por minha culpa. Ô praça, quem é que mandou prender a cabra falante?

**MANUEL:** Seu Delegado.

**COMADRE MARIA:** E ela não protestou?

**MANUEL:** Protestou, sim senhora, mas não adiantou nada. Seu Delegado não acredita que ela fale, nem quando escuta com as orelhas dele. Eu bem que perguntei: "cabrinha", não é verdade que você fala? E ela bem que respondeu: "ÉÉÉÉ". Disse que era, mas seu Delegado não houve jeito de acreditar.

**CEGO:** Ó história mais descarada! Depois do susto que eu levei, não agüento mais conversa de cabra falante!

**COMADRE MARIA:** O senhor não dê palpite. Cego não enxerga!

**CEGO:** E cabra não fala!

**COMADRE MARIA:** Se meta com a sua vida!

**ZÉ BOA MORTE:** Só o que eu sei é que a cabra está detida, eu não vou poder ver ela; me devolva o dinheiro da cadeira de ver cabra, já lhe disse, Comadre.

**COMADRE MARIA:** Não devolvo não. O dinheiro não é mais seu.

**ZÉ BOA MORTE:** Por que não?

**COMADRE MARIA:** Porque sim! Agora tudo mudou. Depois que a cabra comeu dinheiro, o sistema é diferente. Andam dizendo que o dinheiro não é mais de quem tem ele na mão. Diz que tem de inventar outro jeito.

**ZÉ BOA MORTE:** Por que isso? Não entendo desse jeito. Então o dinheiro do Coronel meu patrão, não é mais dele?

**CEGO:** É, mas não devia ser. Ele é um mentiroso!

**ZÉ BOA MORTE:** O senhor está é implicado com meu patrão! Não fosse o senhor um cego...

**CEGO:** Não estou implicado com ninguém! Seu patrão é que falhou com a palavra na frente de todo mundo! Eu não fiz nada de mais! Além disso, não fui eu quem vendeu cadeira de ver cabra! Acho isso tudo uma besteira!

**ZÉ BOA MORTE:** Besteira ou não besteira, a senhora vai me devolver o dinheiro, comadre!

**COMADRE MARIA:** Não devolvo não, e tomo esse povo por testemunha de que não devolvo o dinheiro porque não tenho mais ele. Comprei tudo em pinga, senão não podia abrir o balcão hoje.

**ZÉ BOA MORTE:** Então, se não tem o dinheiro, pague em pinga!

**MANUEL:** E ajunte uma rodada pra todo mundo, pelo trabalho que a gente teve de ficar aqui, olhando!

**TODOS:** Muito bem.

*(Comadre Maria serve pinga pra todos, de má-vontade. Os vizinhos se rejubilam.)*

**MANUEL (a Zé):** Então, o senhor vai ficar sem ver a cabra?

**ZÉ BOA MORTE:** Não vou não. Vou ver ela de graça.

**MANUEL:** Como?

**ZÉ BOA MORTE:** Isso é cá comigo. *(Para a Comadre.)* Mais uma.

**COMADRE MARIA:** O dinheiro da cadeira já inteirou.

**ZÉ BOA MORTE:** Pois ponha mais uma pelos juros, mulher! *(Bebe.)* Bom, pessoal, vou indo!

**COMADRE MARIA:** Lembranças ao Coronel, seu patrão!

**ZÉ BOA MORTE:** É a senhora quem diz. Vou saindo. *(Sai.)*

*(Entra a música, a mesma da cena inicial, algum instrumento portado por um dos vizinhos. Cantam a "Moda da Cabra Falante".)*

**MANUEL:** Quem quer cadeira de ouvir cabra falar!

**CEGO:** Isso da cabra falar, inda não vi e duvido. Mas tenho uma moda boa, pra saber de quem é a cabra.

**TODOS:** Canta, cego, canta!

**CEGO:** Lá vai. *(Canta a moda de quem é a cabra.)*

"Um dia teve uma cabra que todos queriam ter. Quem era o dono ficava quem não era queria ser. Veio rico e abastado querendo a cabra reter

veio gente remediada  
que só tinha pra viver.  
Nem Juiz nem delegado  
pode o caso resolver  
mas eu tenho um jeito fácil  
pra tudo se esclarecer.  
Dos exageros do rico  
devem de se precaver.  
Dê mais a quem necessita  
isto é o que deve fazer!  
Quem tem riqueza demais  
pode bem se convencer:  
A cabra é de quem precisa,  
assim é que deve ser.

**CORO DOS VIZINHOS** (*cantando*): A  
cabra é de quem precisa assim é  
que deve ser!

**1ª VOZ:** O Coronel não precisa!

**2ª VOZ:** O Coronel tem demais!

**3ª VOZ:** O Coronel bem podia repartir  
com os demais!

**CORO DOS VIZINHOS:** O Coronel bem  
podia repartir com os demais!

**CEGO:** Calma pessoal, eu só cantei  
uma moda!

**COMADRE MARIA:** A moda é que está  
certa, o Coronel tem demais!

**MANUEL:** Cego, você armou uma  
confusão!

**CEGO:** Manuel, avisa o Delegado pra  
guardar bem a cabra, que ela  
está ameaçada! Eu vou correndo  
na fazenda do Coronel!

**MANUEL:** Agora?

**CEGO:** Agora! É o jeito de saber...  
Corre, Manuel! (*O Cego sai.*)

(*O povo do mercado se reúne  
agitado; Manuel indo para sair, olha-os,  
depois levanta os braços espantado  
com o vulto assumido pelos  
acontecimentos.*)

**MANUEL:** Só faltava agora dar mesmo  
o grupo da cabra!  
(*Fim do 6º quadro.*)

## 7º QUADRO

(*Na delegacia, à noite. Em cena o  
Delegado, Chico, Manuel e o Cego.  
Este está fazendo um relatório ao  
Delegado.*)

**CEGO:** Quando vi aquilo, lá no  
mercado, corri na fazenda do  
Coronel, Dona Leontina é uma  
santa mulher, e não podia me  
faltar nessa hora.

**DELEGADO:** Ela se assustou?

**CEGO:** Não senhor, parecia até que  
estava de acordo!

**DELEGADO:** O Coronel viu você?

**CEGO:** Não viu não senhor, dona  
Leontina me escondeu.

**DELEGADO:** Isso pode ser traição  
daquela gente!

**CEGO:** Pode confiar, doutor. Ela está até  
aqui do marido. Me disse que eu  
podia ficar sossegado, que lá  
estava garantido. Que não ia  
mentir a um ceguinho por nada  
deste mundo. E tem mais: me  
disse... (*Olha ao redor e apura o  
ouvido.*) Disse que o Coronel vai  
mandar um "camarada" armado  
aqui na delegacia...

**MANUEL:** Zé Boa Morte!

**CEGO:** Tal e qual!

**MANUEL:** Então era isso, a história da  
cadeira de ver cabra!

**CEGO:** Pois é!

**DELEGADO:** Zé Boa Morte aqui? Pra  
quê?

**CEGO:** Pra levar a cabra!

**CHICO:** Não pode ser. O Coronel não  
ia levar essa história tão a peito  
por causa de uma cabra. Zé Boa  
Morte não é de brincado!

**CEGO:** Pois olhe, o Coronel está mesmo  
levando a peito. Dona Leontina  
diz que nunca viu homem tão

mal humorado. Diz que parece que jantou cascavel!

**DELEGADO:** Zé Boa Morte... E ele pensa que a gente tem medo?

**CEGO:** Isso eu não sei, doutor. Mas o Coronel deve pensar. Pra ele só tem um homem valente neste mundo: ele mesmo.

**MANUEL:** Pois vá pensando.

**CHICO:** E nós, que vamos "se", armando!

**DELEGADO:** Peguem armas aí. *(Pega um revólver na gaveta, põe um fusil a mão.)* Vamos ver quem pode mais.

**CEGO:** E eu, doutor?

**DELEGADO:** Você fica na torcida, Cego. A não ser que prefira ir-se embora. Dona Leontina lhe deu ajuda?

**CEGO:** Deu sim senhor, entre tudo o que consegui, já tenho cinco contos e trezentos!

**DELEGADO:** Isso não é nada.

**CEGO:** Pra mim é. Com isso, posso voltar a Pouso Alegre e fazer alguma coisa. Lá tudo é mais fácil. Era só ter uma idéia boa; a gente começa ganhando pouquinho, depois vai aumentando...

**DELEGADO:** Você não quer ir já, com seus cinco contos? Pode ser que saía barulho por aqui...

**CEGO:** Ir já? Não senhor, doutor. Entrei nessa encrenca, agora vou até o fim. Se o senhor precisar dos meus cinco contos, pra alguma coisa... Quem sabe pode ajudar...

**DELEGADO:** Obrigado, Cego. Você é bom sujeito, e foi de muito auxílio. Mas não precisamos de dinheiro, agora.

**CHICO:** Precisamos é de sorte!

**DELEGADO:** Manuel, a cabra está segura?

**MANUEL:** Vou ver, doutor.

*(Saí.)*

**DELEGADO** *(olhando as armas):* Isso dá tiro, Chico?

**CHICO:** Em gato dá, doutor.

**DELEGADO:** Que gato é esse, Chico?

**CHICO:** É que tem uns gatos que costumam vir fazer barulho aqui, doutor, miau, miau. A gente dá tiro neles, e eles, miau, miau, fogem. Pra dar tiros em gatos, elas estão funcionando.

**DELEGADO:** Nunca vi uma terra como esta! Você já viu, Cego?

**CEGO:** Nunca vi, não senhor.

**CHICO:** Também, pudera! É cego!

**MANUEL** *(que voltou):* Na hora da briga é melhor você se esconder, Cego.

**CEGO** *(ofendido):* Ora essa, por quê?

**MANUEL:** A gente vai ter muito que se preocupar, pra ainda ter de lhe defender.

**CEGO:** Ninguém precisa me defender! Eu sou cego, mas ainda sou homem!

**DELEGADO:** Que é isso?

**CEGO:** É o seu praça que está ofendendo a gente, doutor!

**DELEGADO:** Não ligue, Cego.

**CEGO:** Se estou incomodando, vou-me embora! Eu sei quando sou demais!

**DELEGADO:** Manuel, pede desculpas pro Cego.

**MANUEL:** Ora essa...

**DELEGADO:** Pede já!

**MANUEL:** Desculpe, Cego.

**CHICO:** Desculpe ele, Cego. A gente não teve intenção.

**CEGO:** Não tem nada...

**CHICO:** A gente está nervoso...

**DELEGADO** *(aparentando calma):* É isso... Se vocês fizessem alguma

coisa, como eu... *(Afunda-se no problema.)* "Árvore frondosa do Sul" – Aqui tem "um"... Mais duas letras... Bu! "Umbu"! Pronto, mais uma resolvida!

*(Nervosíssimo, tenta escrever não consegue.)* Diabo, o lápis quebrou a ponta.

**CHICO:** Não quebrou não, doutor, é que o senhor está escrevendo com o lápis ao contrário...

**DELEGADO:** Como?

**CHICO:** De cabeça pra baixo e ponta pra cima...

**DELEGADO:** Ora, seu Chico, tenha respeito! Está me chamando de burro? *(Vira o lápis depressa.)* Imagine só, eu, ora essa... Pronto, está aqui!

**MANUEL** *(cutucando Chico, de troça):* A gente está nervoso...

*(No decorrer das próximas falas vê-se o Coronel e Zé Boa Morte, reunidos à E.: explicando suas intenções por mímica, o Coronel mostra que pretende escalar a delegacia. Dá instruções a Zé Boa Morte, para que entre pela frente e arme uma confusão, para cobrir a sua entrada. Os gestos são bem eloqüentes.)*

**ZÉ BOA MORTE** *(baixo):* Quando for para armar o rolo, o senhor assobia?

**CORONEL:** Assobio!

*(O Coronel se encaminha, pé ante pé, para a delegacia. Ao mesmo tempo, sem se verem, Deolino e Filinto entram em cena, com o mesmo intuito. Vêm todos para roubar a cabra, com cordas, armas etc. Cada um tentará a escalada por caminho diverso. Só se verão quando estiverem dentro da cela. A cena deve ser simultânea, de maneira a que todos alcancem o seu*

*objetivo ao mesmo tempo. Também, às escuras, com exceção de interior da delegacia, que está iluminada. Fora, Zé Boa Morte aguarda a sua vez de entrar em cena.)*

**CEGO** *(pegando o violão como se fosse canhoto):* Melhor cantar uma musiquinha... "A moda da cabra rica..."

**DELEGADO:** Não, chega de cabra!

**CEGO:** Também parece que nem a música não quer sair hoje!

**CHICO:** Você é canhoto, Cego?

**CEGO:** Eu não, tirante os olhos, sou igual a todo mundo.

**CHICO:** Então, desvire o violão!

**CEGO** *(desapontado):* É mesmo... *(Recomeça a tocar, baixinho.)*

**MANUEL:** Não é que a gente tenha medo de um capanga vagabundo, mas é que se esse desgraçado tinha que vir, que viesse logo!

**CHICO:** É falta de consideração, fazer a gente esperar desse jeito!

**CEGO:** "A moda da cabra..." *(Se arrepende e bate na boca, olhando o Delegado de lado.)*

**DELEGADO:** Cante, cante. Cante, a gente não escapa dessa cabra mesmo...

**CEGO:** "A moda da cabra rica tem ouriço e carrapicho, tem cadeira de ver cabra tem também jogo de bicho. A moda da cabra..."

*(Interrompe.)* Que é isso?

**DELEGADO:** Que foi?

**CEGO:** Acho que ouvi um barulho.

**DELEGADO:** Onde?

**CEGO:** Isto é que não sei.

**DELEGADO:** Chico, dê uma espiada.

**CHICO:** Eu?

**DELEGADO:** É, homem! Dê uma

espiada!

**CHICO** (*espiando de má-vontade, sem sair da porta*): É gozado! Devia mandar espiar quem ouviu!  
(*Pausa.*) Não tem nada, doutor!

**DELEGADO**: Bom. Cante mais, Cego.

**CEGO**: Acho melhor não, doutor. Senão, não se escuta nada.

**MANUEL**: Chiu...

**CHICO**: Que é?

**MANUEL**: Agora eu também ouvi!

**DELEGADO**: De onde vem?

**MANUEL**: Acho que é de lá!

(*Aponta para o alto, na direção de um dos invasores.*)

**CEGO**: Acho que vem mas é de lá.  
(*Aponta para o alto, na direção de outro invasor.*)

**DELEGADO**: Só falta alguém dizer que vem de lá.

(*Aponta o terceiro.*)

**CHICO**: Não é pra lhe aborrecer, doutor, mas acho que ouvi um barulho que vinha de lá mesmo!

**DELEGADO**: Ora bolas! Vocês estão morrendo de medo! Vou eu mesmo sair e espiar.

(*Na hora que se encaminha para a porta, chega Zé Boa Morte, com cara de mau.*)

**DELEGADO**: Quem vem lá?

**ZÉ BOA MORTE**: Gente de bem.

**DELEGADO**: Não me venha com mentira logo de cara!

**ZÉ BOA MORTE**: Estou aqui para conversar, doutor. Não vim arrumar briga!

**DELEGADO**: Pessoal, este aqui é seu Zé Boa Morte, que veio aqui conversar e não quer arrumar briga!

(*Chico e Manuel fingem ter um ataque de riso conjunto, pra gozar Zé Boa Morte, mas param, ante o olhar*

*furioso deste.*)

**CEGO**: Por que é que seu Zé tem esse nome?

**CHICO**: É uma homenagem aos falecidos amigos dele.

**CEGO**: Muito delicado.

**ZÉ BOA MORTE**: Quem é esse aí?

**CHICO**: É cego.

**ZÉ BOA MORTE**: E o senhor quer ficar mudo também?

**DELEGADO**: Chega de conversar. Vamos ao assunto.

**ZÉ BOA MORTE**: Como o senhor deve desconfiar, doutor, estou aqui por causa de uma cabra, que é do Coronel Terso, meu patrão. É a cabra que comeu o dinheiro, e também a que fala, a que vai ter cabrito e a do grupo do jogo de bicho.

**CHICO**: Só aí já tem quatro cabras. Nós não temos rebanho de cabras, não.

**ZÉ BOA MORTE**: Doutor, eu estou sendo gozado!

**DELEGADO**: Não merecia outra coisa. Quem disse que essa cabra é do Coronel?

**ZÉ BOA MORTE**: Eu pensei que já estava resolvido.

**DELEGADO**: Pois não está não.

**ZÉ BOA MORTE** (*tentando ver o estado da escalada, constata que está atrasada*): Se o senhor quiser, eu posso explicar outra vez.

**DELEGADO**: Não tem mais explicação, pra que isso, agora?

**ZÉ BOA MORTE**: O senhor é quem sabe. Eu vim buscar a cabra.

(*Entorta o pescoço pra tentar ver pela porta.*)

**CHICO**: O que é que o senhor tem, dor de pescoço?

**ZÉ BOA MORTE**: Nada, não. O senhor

assobiou, doutor?  
**DELEGADO:** Eu, não! Que confusão é essa?  
**ZÉ BOA MORTE:** Impressão minha. *(Vai até a porta, se coça, falto de imaginação.)*  
**DELEGADO:** Se está com pulga, saía da delegacia, homem.  
**ZÉ BOA MORTE:** Vim pela picada, doutor, raspei na erva.  
**MANUEL:** Doutor, essa história está mal contada!  
**ZÉ BOA MORTE** *(começando a ficar nervoso com a demora):* Como é, doutor, vamos resolver isso?  
**DELEGADO:** Sua história não está me cheirando bem, já lhe disse!  
**ZÉ BOA MORTE:** O doutor não vai querer me ofender sem mais nem menos!  
**DELEGADO:** Ninguém está ofendendo, não provoque!  
**ZÉ BOA MORTE:** Não quero ser o primeiro a atirar!  
**DELEGADO:** Quem falou em atirar?  
**ZÉ BOA MORTE:** E esse desgraçado que não assobia!  
**DELEGADO:** Com quem o senhor está falando?  
**CHICO:** Cuidado, doutor, aí tem traição!  
**DELEGADO** *(puxando o revólver):* Pois vamos ver quem pode mais!  
**ZÉ BOA MORTE** *(idem):* Eu riço sou o primeiro, doutor!  
*(Ouve-se assobio do Coronel. Zé Boa Morte dá um passo atrás, empunha firme o revólver, faz o sinal de cruz e encena a confusão.)*  
**ZÉ BOA MORTE:** Deus é testemunha! *(Grita.)* Ai, aí, aí, Minha Nossa Senhora!  
**DELEGADO:** Que é isso, homem?  
**ZÉ BOA MORTE:** Acuda, minha, mãe

estou morto! *(Caí no chão, segurando a barriga rolando, com grande escândalo e lamentação.)* Ai, aí, aí, meu Deus, meu último dia!!  
**DELEGADO:** Mas ninguém atirou!  
**CHICO:** Só se ele morreu de medo!  
**ZÉ BOA MORTE:** Morto à traição! Minha mãezinha, adeus!  
*(Arrisca um olho, pra ver se o Coronel está adiantando, e continua.)*  
**MANUEL:** Cuidado, doutor, que isso é Frugue!  
**DELEGADO:** Se for, agora eu atiro de verdade!  
*(Ouve-se barulho dentro da cela.)*  
**CHICO:** Cuidado com as falsidades, doutor! Ouvi barulho lá dentro!  
*(O barulho dentro aumenta progressivamente, enquanto as lamentações de Zé Boa Morte crescem.)*  
**MANUEL:** Ouvi barulho também, doutor!  
**ZÉ BOA MORTE** *(para os gritos para escutar, depois continua):* Ai, aí, aí, aí, aí, aí!  
*(De repente, ouve-se o barulho maior, trambolhão. Os três assaltantes caíram dentro da cela, juntos. Vozes, de dentro.)*  
**FILINTO:** Você também, ladrão?  
**DEOLINO:** Você também, safado?  
**FILINTO:** E quem é esse outro?  
**DEOLINO:** Pega ele!  
**FILINTO:** Pego logo é você, sem-vergonha!  
**DELEGADO:** É na cela de dentro. Corre, Manuel!  
**MANUEL** *(entrando):* É pra já, doutor!  
**ZÉ BOA MORTE** *(levantando-se, bonzinho, e limpando a roupa):* Pera aí, que já vou, Coronel!  
**DELEGADO** *(calmo):* Quem der um

passo, eu queimo. Vai lá, Chico.

**ZÉ BOA MORTE** (*na mira do fusil*): Não faço isso, doutor.

**CHICO**: Não vou deixar o senhor sozinho!

**MANUEL** (*dentro*): Seus vagabundos! Deixem o bicho em paz!

**DEOLINO**: Quem está aí? Diabo de escuridão!

**DELEGADO**: Vai lá Chico, que eu agüento.

**MANUEL** (*fora*): Safados! Se rendam, senão atiro!

**CORONEL**: Tiro por tiro, também posso dar! Avança Zé!

**ZÉ BOA MORTE**: Já vou lá, Coronel! (*Durante estas falas, o Cego pegou um fusil sem ser visto.*)

**DELEGADO**: Você não se mexe, homem!

**ZÉ BOA MORTE**: Pois então, seu Coronel vai dar tiro já dentro! Atire, Coronel!

**DELEGADO**: Coronel, o senhor é responsável!

**CORONEL** (*dentro*): Doutor, entregue a sua arma, senão eu faço uma desgraça aqui dentro!

**DELEGADO** (*titubeia e depois entrega o revólver*): Está aqui.

**ZÉ BOA MORTE**: Você também, mocoongo.

**CHICO**: Toma, capanga.

**ZÉ BOA MORTE**: Está tudo desarmado?

**DELEGADO** e **CHICO**: Está!

**CEGO**: Então se escondam todos, que lá vai fogo!

(*Começa a atirar a esmo. Todos se escondem, Zé, Delegado e Chico. Cego esgota uma arma e pega outra. A cena é de pânico. Quando cessa o fogo na frente, há uma pausa. Depois, ouve-se, bem destacado, um tiro dentro da cela. Pausa. Emergem os três*

*assaltantes, na mira de Manuel. Tudo volta ao normal.*)

**DELEGADO**: Que foi?

**MANUEL**: Mataram a cabra.

**DELEGADO**: A cabra?

**CEGO**: Mataram o bichinho?

**MANUEL**: É, esses sem-vergonha!

**DELEGADO** (*frio*): Quem foi que fez isso? (*Alto.*) Quem foi que fez isso? (*Pausa, zun, zun. Ninguém responde.*) Estou perguntando quem foi...

**DEOLINO**: Eu não fui, doutor.

**CORONEL**: Nem eu! Pode olhar meu revólver! Está cheio!

**MANUEL**: Agora não foi ninguém. Mas o bicho está lá morto!

**CEGO** (*grave*): Quem foi que fez essa barbaridade?

**CHICO**: Uma cabra prenha!

**FILINTO**: Eu não fui.

**DEOLINO**: Não sou homem de assassinar bicho, doutor. Se tiver de matar, mato gente, e no tapa. Não animal.

**DELEGADO**: Barbaridade! Os animais são vocês!

**CEGO**: Estão contentes, agora? Conseguiram resolver o assunto?

**DEOLINO**: Por mim, ninguém precisava ter feito essa maldade. Mais do que eu, ninguém gostava do bichinho. Bem dizer, criei ela...

**FILINTO**: Eu tinha desistido logo, se soubesse. Afinal 5 contos...

**DELEGADO**: Pois é, 5 contos. Agora o bicho está morto. Ficaram contentes?

**ZÉ BOA MORTE**: Não se aborreça com a gente, doutor. Eu estava aqui de bem mandado. A ordem era fazer confusão, eu fiz. Não dei nenhum tiro, só levei. Esse cego maluco quase me mata!

**DELEGADO:** Vá-se embora! Sorte que eu não lhe tome a arma!

**ZÉ BOA MORTE:** O senhor, Coronel, fica?

**CORONEL:** Vou também, aproveito... Vou contar a história a Leontina. Até qualquer dia, doutor. Apareça lá na fazenda!

**DELEGADO** *(com desdém):* Vá esperando, Coronel...

**DEOLINO:** Também vou indo. Tenho de contar o caso à Romilda. Virgem, como ela vai ficar aborrecida! Seu Filinto, quero que o senhor saiba...

**FILINTO:** Eu também quero...

**DEOLINO:** Nunca quis o seu mal...

**FILINTO:** Nem eu o seu... Me desculpe qualquer ofensa...

**DEOLINO:** Aquela da banda foi forte...

**FILINTO:** Me desculpe...

**DEOLINO** *(estendendo-lhe a mão):* Preciso morrer o pobre bicho, pra gente se acertar de vez...

**FILINTO** *(apertando a mão):* Pois é...

**DEOLINO:** Doutor, desculpe o trabalho que a gente lhe deu!

**DELEGADO:** Vá-se embora!

**DEOLINO** *(humilde):* Sim senhor. *(Saí.)*

**FILINTO:** Também vou indo, doutor.

**DELEGADO:** Suma daqui!

**FILINTO:** Sim senhor. Até logo, Manuel.

**MANUEL:** Até logo, caluniador.

**FILINTO:** Até logo, Chico.

**CHICO:** Não falo com matador de cabra.

**FILINTO:** Não fui eu.

**CHICO:** Então, quem foi?

**FILINTO:** Sei lá, estava no escuro, alguém atirou... Até, Cego. Até, pra todos...

**CEGO:** Barbaridade...

**MANUEL:** O senhor quer ver o bicho, doutor?

**DELEGADO:** Agora não tenho coragem... Vamos esperar que amanheça... *(Senta-se à mesa, desanimado.)*

**CEGO** *(depois de uma longa pausa):* Que coisa besta... Parece que se acabou tudo...

**CHICO:** Agora aqueles trastes ficaram todos de bem. Pra isso precisavam matar uma criação de Deus?

**DELEGADO** *(resolvendo palavras cruzadas, num esforço para se esquecer):* Canoa de índio, três letras...

**CEGO** *(maquinalmente e triste):* Ubá...

**DELEGADO:** Ubá. Obrigado, Cego.

**CEGO:** ...Tem de que.

**MANUEL** *(misterioso):* Acho que vou um pouquinho lá dentro. *(Ninguém presta atenção e ele sai.)*

**CHICO:** Que é que você vai fazer agora, Cego?

**CEGO:** Voltar pra Pouso Alegre

**CHICO:** Fazer o quê?

**CEGO:** Pedir de novo e tocar violão. Vou contar a todo mundo a história do crime da cabra...

**CHICO:** Crime foi o que fizeram com ela...

**CEGO:** Isso também vai entrar na história...

**DELEGADO** *(decifrando):* Mamífero ruminante...

**CHICO:** Ainda está nisso, doutor?

**DELEGADO:** O resto já está pronto.

**CEGO:** Quantas letras?

**DELEGADO:** Cinco.

**CEGO:** Então, desculpe, doutor, mas é cabra...

**DELEGADO** *(chocado):* Cabra?

**CEGO:** É, sim senhor. Mamífero ruminante, cinco letras...

**CHICO:** Então, ela... *(Aponta para dentro.)* Era ruminante?

**CEGO:** Era.

**CHICO:** Que é ruminante?

**DELEGADO:** É um bicho que come duas vezes a mesma comida.

**CHICO:** Ela fazia isso?

**DELEGADO:** Fazia.

**CHICO:** Todos os bichos fazem isso?

**CEGO:** Não, é difícil...

**CHICO:** E mataram um bicho que fazia uma coisa assim difícil?

**CEGO:** Pra ver.

**DELEGADO** (*escrevendo, amargurado*): Cinco letras... Cabra. Pronto.

**CHICO:** Acabou o problema?

**DELEGADO:** Acabou.

(*Pausa.*)

**CEGO** (*a Chico*): E o resultado da loteria? Nada de telefone?

**CHICO:** Nada!

**CEGO:** E a jardineira?

**CHICO:** Está atrasada.

**CEGO:** E agora?

**DELEGADO:** Sei, lá. Dá até um nojo no fundo do estômago! Vou-me embora desta terra!

**CHICO:** Isso não, doutor!

**DELEGADO:** Vou-me embora. Isto não é terra de gente!

**CEGO:** Não abandone seus amigos, doutor!

**DELEGADO:** Terra de traição!

**CHICO:** Pense com mais calma, doutor!

**DELEGADO:** Já pensei. Manuel, ô Manuel.

**MANUEL** (*de dentro*): Já vou, doutor!

**DELEGADO:** Venha logo, preciso de você! (*Aos outros.*) Mando comprar passagem, arrumo minhas coisas e vou-me embora! Depois providencio o resto, mas aqui não fico mais! Terra de desalmados, Manuel!

**MANUEL:** Estou indo, doutor!

(*Aparece no fundo, enquanto Chico e*

*o Delegado estão de costas para ele. De frente está só o Cego, que não o vê. Traz a cabra no colo, com grande pompa, festiva.*)

**DELEGADO** (*sem se virar*): Manuel, você vai me comprar uma passagem para a cidade, já, no primeiro trem!

**MANUEL** (*maroto*): O senhor nem se vira mais pra falar comigo, doutor?

**DELEGADO** (*chateado*): Ora, Manuel, deixe de... (*Espantado.*) A cabra!!

**CHICO** e o **CEGO:** A cabra! A cabra?!

**MANUEL** (*vitorioso*): A cabra!

**TODOS:** Mas como? Como pode ser? A cabra, viva! Ela não tinha morrido? Quem morreu?

(*As perguntas e exclamações se cruzam.*)

**DELEGADO** (*chegando-se e palpando*): A cabra!

**MANUEL:** Viva e sã!

**CHICO:** É a mesma cabra?

**MANUEL:** Como não havia de ser? É a cabra falante! Fui eu que salvei ela!

**CHICO:** Como foi, Manuel?

**MANUEL:** Mudei ela pra privada de fora, antes do assalto, e botei um rolo de estopa na cela. No escuro enganava direitinho. Parecia bicho enrolado, dormindo. Lã fora não estava bem acomodada, pobrezinha, mas estava segura. Tão pacientzinha... Não falou nada, nada.

**DELEGADO:** Quer dizer que o tiro...

**MANUEL:** Fui eu que dei tiro pro alto, doutor!

**DELEGADO** (*terno*): A cabrinha...

**CHICO:** O que é que o Cego disse que ela é doutor?

**DELEGADO:** Ruminante...

**CHICO:** Bonito nome.  
**DELEGADO:** Não é o nome dela, Chico!  
**CHICO:** Mas pode ficar sendo!  
**MANUEL:** Quero ver vocês dizerem que eu não sou um sujeito vivo!  
**DELEGADO:** Muito vivo, Manuel! Muito vivíssimo! *(Agrada a cabeça da cabra.)* Pobrezinha... Quantas emoções...  
**MANUEL:** É... Ela deve estar cansada.  
**DELEGADO:** Pois é. *(Todos se lembram ao mesmo tempo do problema.)* E agora?  
**CHICO:** Pois é, e agora?  
**DELEGADO:** Onde a gente põe ela?  
**CHICO:** É. Porque ela morreu...  
**MANUEL:** Não morreu não, tai vivinha!  
**DELEGADO:** Oficialmente morreu, Manuel. Se ressuscitar, começam as brigas outra vez.  
**CEGO:** E o povo que ficou amigo, fica inimigo de novo!  
**MANUEL:** Será possível?  
**DELEGADO:** É certo.  
**CHICO:** É, preciso pensar...  
**MANUEL:** Vamos ver...  
*(Todos se aprofundam em pensamentos. De repente, mais ou menos ao mesmo tempo, todos olham para o Cego, que não os pode acompanhar. Depois, olham entre si, e assentem com a cabeça. Chico aponta para o Cego, sem palavras. O Delegado faz que sim, e manda Manuel falar. Manuel, sempre por gestos, recusa. Depois aponta o próprio Delegado. Este, afinal, se conforma, e avança para falar.)*  
**DELEGADO:** Cego..  
**CEGO:** Diga, doutor.  
**DELEGADO:** Nós gostamos muito de você.  
**CEGO:** Sim senhor.  
**DELEGADO:** Nós achamos que você é

um bom homem, honesto e necessitado.

**CEGO:** Obrigado, doutor. Necessitado sou mesmo.  
**DELEGADO:** Depois você queria mesmo voltar pra Pouso Alegre não queria?  
**CEGO:** Queria e quero, doutor.  
**DELEGADO:** Então, nós damos a cabra pra você, que necessita dela pra viver e vai cuidar dela até a morte!  
**CEGO** *(levantando-se, tonto):* Pra mim?  
**DELEGADO:** É! E você volta pra sua cidade. Não é que a gente queira lhe ver longe!  
**CEGO:** Não estou pensando nisso, doutor! É que é muito pra mim! Uma cabra tão querida, tão disputada!  
**DELEGADO:** Bobagem! Quem brigou não precisava dela! E se você aceita, nós ficamos contentes!  
**CHICO:** É, sim!  
**MANUEL:** E aposto que ela também fica!  
**DELEGADO:** Você leva ela pra Pouso Alegre e quando o cabritinho nascer, você pode vender leite na rua. Depois vai aumentando a criação, vai aumentando... Você pode viver disso!  
**CEGO:** O senhor acha... Que eu devo, doutor?  
**DELEGADO:** Por que não? *(Entrega-lhe a corda, simbolicamente.)* Tome, Cego. Transfiro a você a propriedade da Cabra Ruminante. Chico! Bata um papel aí, dizendo que eu faço a doação da Cabra Ruminante ao Cego número tal e tal, assim, assim, de Pouso Alegre. Mato dois coelhos de um tapa: dou uma lição no Coronel e outra naquele

Delegado Veloso! Vai ver o que é cidade generosa!

*(Chico senta-se à máquina e bate o documento.)*

**CEGO:** Ruminante!

**MANUEL:** E falante!

**DELEGADO** *(assinando o papel):* Está aqui. Assinem vocês dois como testemunha. *(Os dois assinam. Depois, o Delegado faz a entrega solene.)* Ao Cego mais vidente desta terra, e das vizinhas, e ao melhor decifrador de palavras cruzadas do mundo!

**CEGO:** Obrigado, doutor! Obrigado Chico. Obrigado Manuel!

**MANUEL:** Tem de quê! E vá andando, direto pra casa!

**CHICO** *(apavorado):* Doutor, doutor!

**DELEGADO:** Que foi?

**CHICO:** Os dois de novo! Seu Deolino e Seu Filinto vêm aí, correndo. Esconde o Cego!

**MANUEL:** O Cego não, esconde a cabra!

**CEGO:** Me esconde, doutor, me esconde!

*(Vem aumentando o barulho de fora. De repente, Deolino e Filinto, correndo a berros.)*

**DEOLINO e FILINTO:** O Delegado, o Delegado!

**DELEGADO:** Pessoal, vamos fazer um cordão! Cerca, cerca!

*(Manuel e Chico dão-se as mãos, e cercam a passagem, enquanto o Cego procura fugir o mais depressa possível.)*

**MANUEL:** Foge, Cego!

**CHICO:** Não esquece "ela"!

**CEGO:** Me enrosquei na corda!

**DELEGADO:** O Cego é o mais pobre!

**MANUEL:** Ninguém mexa na cabra!

**DEOLINO:** Socorro, doutor!

*(Quer passar, mas o cordão o impede.)*

**FILINTO:** O "causo" aqui não é mais de cabra, doutor! É com o Coronel!

**MANUEL:** Foge, Cego, que o Coronel vem aí!!!

*(Ouvem-se, ao longe, os gritos do Coronel, perseguido pelo povo do mercado. Entram todos, finalmente, em cena, todos os vizinhos, Comadre Maria, quem tomou parte nas cenas precedentes, com a única exceção de Romilda. O Coronel vem fugindo e o povo o persegue, berrando reivindicações.)*

**CORONEL:** Socorro, doutor, querem me matar! Socorro!

**CHICO:** Credo, doutor! É o povo do mercado!

**MANUEL:** Olha lá Comadre Maria!

**COMADRE MARIA** *(gritando):* Lhe ensino a inventar modas de bode e me estragar o negócio das cadeiras!

**ZÉ BOA MORTE:** Lhe ensino a me empregar como matador e me pagar com angu de cachorro!

**1º VIZINHO:** Explorador!

**2º VIZINHO:** Ladrão!

**CORONEL:** Socorro, doutor!

**DELEGADO** *(para os praças, mais Deolino e Filinto):* Querem ajudar aqui no cordão?

**DEOLINO** *(ajudando):* Não sei não, o senhor quis namorar minha mulher, Coronel!

**CORONEL** *(passando para o lado de cá do cordão, e procurando auxílio):* Peça perdão!

**DEOLINO:** Perdão não resolve!

**FILINTO:** O senhor queria a cabra, Coronel!

**CORONEL:** Não quero mais cabra, nem morta!

**DELEGADO:** Firme o Cordão? Vamos

resolver tudo, Coronel!  
*(O Delegado sobe num caixote no fundo de cena e fica servindo de apregoador.)*  
**DELEGADO:** Quer ficar livre, Coronel?  
**CORONEL:** Quero! Prenda essa gente toda!  
**DELEGADO:** Aqui não tem prisão, Coronel! O senhor me humilhou!  
**CORONEL:** Peço desculpas!  
**DELEGADO:** Só desculpas, Coronel?! Afrouxa, pessoal!  
*(A cada ordem semelhante, o cordão fará menção de se desfazer.)*  
**CORONEL:** Mando um leitão no Natal!  
**DELEGADO:** E um garrote para ajudar na festa da cidade?  
**CORONEL:** Um garrote é muito!  
**DELEGADO:** É muito, Coronel? Afrouxa pessoal!  
**CORONEL:** Não, mando o garrote!  
**COMADRE MARIA:** O senhor estragou meu negócio de ver cabra!  
**MANUEL:** E o meu de ouvir cabra falar!  
**CORONEL:** Dou indenização!  
**DELEGADO:** Quanto?  
**CORONEL:** Dou dinheiro!  
**DELEGADO:** Uma casinha pra Comadre Maria montar uma venda!  
**TODOS:** Muito bem!  
**CORONEL:** Não dou!  
**DELEGADO:** Não dá? Afrouxa, pessoal! Avança, turma!  
**CORONEL:** Socorro, dou a casinha!  
**DEOLINO:** O senhor zombou de mim!  
**CORONEL:** Peço perdão!  
**DEOLINO:** Quero o bode viúvo da cabra!  
**CORONEL:** Dou o bode!  
**FILINTO:** E eu, Coronel?  
**CORONEL:** Dou um cabrito!  
**MANUEL:** E eu, Coronel?  
**CORONEL:** Dou outro!  
**CHICO:** E pra mim, nada?

**CORONEL:** Dou um leitão!  
**DELEGADO:** E pro resto do povo? Perdoa as dívidas do armazém da fazenda?  
**CORONEL:** Isso não!  
**DELEGADO:** Afrouxa pessoal!  
**CORONEL:** Perdão, demônio!  
**DELEGADO:** E paga cerveja pra todo mundo, esta noite!  
**CORONEL:** Está pagado! Socorro!  
**TODOS:** Viva!!!  
**CORONEL** (*esperançoso*): Está bem agora?  
**CHICO** (*olhando para fora*): Bem? Agora é que vem o pior!  
**COMADRE MARIA:** Dona Leontina de cinturão!  
**TODOS:** Salve-se quem puder!  
**D. LEONTINA** (*fora*): Hoje eu te pego, sem-vergonha!  
**DELEGADO:** Comunidade! É preciso saltar o Coronel!  
**CHICO:** Como, doutor?  
**DELEGADO:** Esconde ele! Todo mundo fazendo uma parede em volta do Coronel!  
**COMADRE MARIA:** Quem sabe ele ainda dá alguma coisa?  
**DELEGADO:** O saque é terminantemente proibido!  
*(Forma-se uma parede circular, dentro do qual está metido o Coronel, morto de medo.)*  
**D. LEONTINA** (*entrando*): Cadê esse safado, desencaminhador de mulher casada?  
**DELEGADO:** Não está aqui não, dona Leontina...  
**D. LEONTINA:** Cadê esse sem-vergonha?  
**CHICO:** Não vimos não, Dona Leontina...  
**D. LEONTINA:** Hoje eu pego esse bandido!  
*(De repente, da outra ponta surge*

*Romilda, portadora de novidade grossa.)*

**ROMILDA:** Pessoal! Chegou o resultado da loteria. Deu a cabra!!!!

*(Todos dão um grito de alegria e abandonam imediatamente a posição, exibindo pedacinhos de papel, listas e bilhetes de loteria. A cidade inteira ganhou na cabra. Sozinho e abandonado o Coronel está*

*apenas de ceroulas, ligas e camiseta. O saque, apesar de proibido, foi realizado. O Coronel olha com ar de comiseração para a mulher.)*

**CORONEL:** Leontina, me tiraram até a camisa...

**D. LEONTINA:** Pois eu vou te tirar agora é o couro, desgraçado!!!

*(Saem os dois, ele na frente, ela atrás brandindo o cinturão.)*

*A peça "O Crime da Cabra" foi estreada em dezembro de 1965, no Teatro Bela Vista, em São Paulo, pela "Companhia Nydia Licia", com direção de Carlos Murtinho, cenários e figurinos de Odilon Nogueira e a seguinte distribuição:*

*Comadre Maria - Ivone Hoffmann*

*Vendedor de Sorvete - Benê Silva*

*Zé Boa Morte - Clet Militello*

*Dona Leontina - Linda Fernandes*

*Cego - Rui Nogueira*

*Manuel - Eloy de Araújo*

*Deolino - Líbero Miguel*

*Filinto - Gibe*

*Delegado - Serafim Gonzalez*

*Chico - Decio Tangará*

*Cobrador - Cyro Magalhães*

*Romilda - Thilde Franceschi*

*Vizinho - Georges Ohnet*

*Coronel Terso - Alceu Nunes*

**FIM**

# A RECEITA

Jorge Andrade

## PERSONAGENS

---

**Jovina**

**Chico** – marido de Jovina

**Devair** – filho de Jovina

**Carlinda** – filha de Jovina

**Iranides** – filho de Jovina

**Jupira** – filha de Jovina

**Doutor Marcelo** – um médico

**Colonos**

**Colonas carregadas de filhos**

*(Cenário: cama e poucos elementos de uma casa de pau-a-pique. Para ambientar a cena – e só para isso –, devem ser projetados sobre o chão do palco e sobre os atores slides de pessoas pobres e em filas; de postos de saúde, de expressões de pessoas doentes; de mãos estendidas de crianças magras em diversas atitudes; de fachadas de universidades; de salas de aulas bem equipadas e laboratórios anti-sépticos; de estudantes de medicina, sadios e alegres, em seus uniformes. Nenhum dos slides deve ser projetado em telas ou em paredes brancas. As formas estranhas, criadas pela projeção de slides sobrepostos, devem dar a impressão de ambiente gangrenado. Ao se abrir o pano, Marcelo, sentado, escreve a receita sobre sua perna. De vez em quando, relanceia os olhos à sua volta, observando os colonos. Marcelo é bastante jovem, risonho e saudável. Seu sorriso vai morrendo, pouco a pouco, até que seu rosto pareça mais envelhecido. Devair, imóvel, solta gemidos abafados pela colcha. Carlinda, sentada ao pé da cama, olha fixamente para o rosto coberto de Devair; disfarçadamente, levanta a colcha e olha o pé do irmão. Mais distante, tentando esconder-se, Jupira está sentada em um canto. É ainda muito jovem, mas já bastante estragada; a tentativa de disfarçar sua condição de prostituta foi inútil. Sua presença é tentação para os colonos. Chico, sentado de cabeça baixa, olhos fixamente para o chão. Sentimos, em sua posição, uma vergonha imensa que ele tenta esconder. Furtivamente, observa a filha Jupira. Embora não definida, paira no ar a possibilidade de uma ligação de dependência entre os dois. Jovina, como as outras mulheres, tem os seios muito caídos e é seca de corpo. A velhice prematura, os cabelos muito caídos no rosto, a pele encardida e escalavrada, não conseguem esconder o ter sido moça e bonita. Ela tenta ver o que Marcelo escreve, embalando o filho; sua preocupação pelo tamanho da receita é visível. Iranides, à porta, observa curioso. Percebem-se outras pessoas atrás dele. Todos estão de olhos fixos em*

*Marcelo.)*

**JOVINA:** Tudo isso, doutor? O senhor não pára mais de rabiscar!

**MARCELO:** São remédios necessários *(Escrevendo.)* Além dos remédios, seu filho necessita de alimentos ricos em soja.

**JOVINA:** Soja?

**MARCELO:** É. Isto que parece feijão. Não conhece?

**JOVINA:** Conheço, doutor. Mas tem gosto de “Maria Fedida”. Nem porco come!

**MARCELO:** É ótimo alimento.

**JOVINA:** Mas que tem a soja com o pé do meu filho?

**MARCELO:** Ele precisa ficar forte para... *(Hesita.)* Para se recuperar mais depressa.

**JOVINA:** Nós não tem soja, doutor.

**MARCELO:** Seu filho tem necessidade de boa alimentação. É por isso que a receita é grande. Os remédios substituem os alimentos indispensáveis. *(Subitamente.)* Há algum rio aqui perto?

**IRANIDES:** Tem um ribeirão numa caminhada regular.

**MARCELO:** Não é rico em peixes?

**IRANIDES:** Sábado, a gente costuma encontrar alguma miudeza.

**MARCELO:** O que é isso?

**IRANIDES:** Traíra, lambari, cascudo. Das veis dá pra encher uma forquilha. Conforme a lua, aparece papa-terra.

**JOVINA:** Acha que seu irmão vai comer peixe com gosto de barro? Vê o que fala, infeliz!

**MARCELO:** É só tirar o fio que a papa-terra tem no lombo. É dele que vem o gosto do barro.

**JOVINA** *(descrente):* Sei não, doutor.

**MARCELO:** E ovos de galinha?

**JOVINA** *(em guarda):* Que que tem?

**MARCELO:** A senhora tem?

**JOVINA** *(preocupada):* A gente cata por aí. Por quê?

**MARCELO:** Devair precisa comer ovos todos os dias.

**JOVINA:** Todos os dias?

**MARCELO:** Todos os dias. Dê a ele, de manhã, ovos frescos. Se possível, com manteiga.

**JOVINA:** Acontece, doutor, que justo agora eu butei as galinha pra chocar. A gente carece de ter frango. É o que garante as despezinha.

**CHICO:** Eu bem falei pra você, Jovina.

**JOVINA** *(agressiva):* Você queria era comer os ovos. Não carecia pagar a carrocinha do Salim?

**MARCELO:** Carrocinha?

**JOVINA:** O Salim passa vendendo coisa de precisão. A gente troca carretel de linha, botão, pano... Essas coisa.

**CHICO:** Tinta de cara também.

**JOVINA** *(instintivamente, leva a mão ao rosto):* Também. E daí?

**IRANIDES:** A galinha do pescoço pelado tá botando lá no pé da figueira, mãe.

**JOVINA** *(olha furiosa para Iranides):* Se é de precisão...

**MARCELO** *(ainda sem compreender a aparente avareza de Jovina):* Claro que precisa. Se não tem alimentos ricos em proteínas, preciso receitar remédios que possam substituí-los.

**JOVINA:** Que é isso, doutor?

**MARCELO:** As proteínas formam a massa muscular.

*(Jovina parece ainda não entender.)*

**MARCELO:** São elas que nos dão os músculos.

**JOVINA:** Ora, doutor! Devair tem músculo pra todo lado. Machado é que faz músculo. Não conheço caboclo mais sarado que meu filho. Verdade! Ninguém pode com ele num eito. Mais resistente que aroeira. Não existe mulher casada ou moderninha que não anda com os olhos derretidos em cima dele. Não tem uma que ele não deita no chão.

**MARCELO** (*foge ao assunto*): O problema é que... Pode sobreviver uma gangrena. (*De repente.*) Por que não procuram o Posto de Saúde?

**JOVINA:** A gente procurou, mas aquilo parece formigueiro. Mandam o infeliz pra todo lado... E a gente não entende das coisas.

**MARCELO:** Com este medicamento teremos tempo para esperar.

**JOVINA:** Esperar o quê, doutor?

**MARCELO** (*disfarça*): Que ele... Fique mais forte.

**JOVINA:** É se começa a subir pela perna? No começo era só o dedo. Agora é o pé inteiro! Devair precisa de andá muito pra trabalhar.

**IRANIDES:** É só não trabalhar mãe.

**JOVINA:** Cala a boca, filho duma puta.

**MARCELO** (*contrafeito*): Não é seu filho?

**JOVINA:** É. (*Natural.*) Não tinha mostrado ele, doutor?

**MARCELO:** Tinha sim. (*Passa a mão pela cabeça como se não soubesse o que fazer.*) Devair não poderá mesmo trabalhar.... Por uns tempos.

**JOVINA:** Não fosse aquele estrepe lazarento!

**MARCELO** (*observando uma colona*

*que embala uma criança de colo*): Vocês não deviam trabalhar descalços.

**JOVINA:** Ora, doutor. Nosso pé é mais grosso que couro de anta. Não é isso não. A disgraceira entra é pra toda parte.

**MARCELO:** Sei... Devair não podia ter voltado ao trabalho. Foi por isso que piorou.

**JOVINA:** Se não voltasse, como é que ia ser, doutor? Meu marido é esse emplastro que o senhor tá vendo. (*Grita.*) Levanta a cabeça, macutena! Ouve pelo menos, o que o doutor tá falando. Tá vendo? Não tem ânimo nem pra levantar a cabeça. Também... Esse lesma não sai da porta da venda. (*Fremete.*) É aquela vaca que mora lá. Mulher sem dente e de boca pintada. Abrindo as perna pro marido vender mais! Fala se não é verdade!

**MARCELO:** Essas coisas não me interessam. Vocês moram na fazenda e não tomam leite, não fazem queijo, não comem pão... Não sabem fazer nada!

**JOVINA:** A gente mora é nesta casa, doutor. A única vaca leiteira que meus filho teve, fui eu. E eu não tive nenhuma. Pão, a gente come o que o diabo amassa com o rabo. (*Olha Chico, retesando-se.*) Queijo é comida de rato, na prateleira daquela venda. Ainda se o Chico pudesse cumprir os trato. Trabalhar no lugar do Devair. Andar légua pra ver jogo de bola, ele anda. Andar pelas estrada, trocando perna feito cavalo, também anda. Viver

caído em trilho com a cara em bosta de vaca, também sabe. *(Olhando fixamente para Chico.)* Quando não tá enleado naquelas perna de mulher de porta de rua, sou eu, doutor. Sou eu que tenho que fazer. Eu e o meu filho Devair. Quando é que a gente ia pensar que o demo tinha entrado, com aquele estrepe no pé do meu filho? E a gente precisa trabalhar, com estrepe ou sem estrepe.

**MARCELO** *(já desnortado)*: Vocês não têm outros filhos?

**JOVINA**: Um bando. É outra coisa que ele sabe fazer: encher minha barriga, mas só de filho. Tive onze e cada um nasceu numa fazenda. A gente vive de déu em déu. Perdi dois que era uma lindeza! Ficaram cagando água pura... Até virar uns gravetinho de tão magros.

**CHICO**: Foi você quem deu remédio demais pra eles.

**JOVINA**: Dei o que o homem da farmácia mandou. Boquejar, você sabe, mas não presta nem pra entender das letra. Essa aí que o senhor tá vendo, é a Carlinda. Já nasceu boba. Não serve pra nada. Comer, ela sabe! E como come!! Olha só, doutor! Desde que o Devair entrou, que não tira os olhos dele. E aí vai ficar, nem uma junta de boi de carro arranca ela daí. Quando dá ataque, nem cinco homem segura ela. Aí, as força brota nos braço, nas mão, pra todo lado.

**MARCELO** *(compreende o mal de Carlinda e, condoído, aproxima-se estendendo a mão)*: Como vai?

*(Carlinda olha com carinho a mão de Marcelo e sorri.)*

**MARCELO**: Pode pegar.

*(Carlinda, ainda olhando a mão de Marcelo, sacode a cabeça negativamente. Para ela, aquelas mãos são mágicas, sagradas.)*

**MARCELO**: Ela não fala?

**JOVINA**: Como matraca, mas só com Devair. Pra ele, ela faz tudo. É capaz até de matar. *(Ameaçadora.)* Responde pro doutor! Não ouviu? Além de boba, ficou surda?

**MARCELO** *(corta o movimento de Jovina)*: Deixe-a em paz! Não deve tratá-la assim!

**JOVINA**: Por que não?

**MARCELO**: Porque não deve.

**JOVINA**: Diz que os ataque que ela tem, é entrevero de gente do além, doutor!

**MARCELO** *(irritado)*: São convulsões provocadas por doença nervosa. Fáceis de serem controladas. *(Olha à sua volta e sente, nas expressões de mentes obliteradas, que foi inútil a explicação. Desvia a atenção de Carlinda.)* E seus outros filhos?

**JOVINA**: Aquela lá... *(Aponta Jupira, que se esconde.)* Bom! Aquela virou mulher bonita. Um dia, essa infeliz perfumou a ponta das orelha, ganhou a estrada e foi ver o administrador. Quando a lua nasceu, já era madame.

**JUPIRA** *(humilhada)*: Mãe...

**JOVINA**: E não é o que você é? Puta do Bico de Pavão. Ainda se ajudasse.

**JUPIRA**: Quero ajudar. Vim aqui pra isso.

**JOVINA** *(fingindo)*: Não quero dinheiro excomungado por Deus.

**JUPIRA:** Carece pagar esse mundo de remédio, mãe.

**JOVINA:** Já disse que dinheiro de bordel não entra na minha casa.

**JUPIRA:** Devair está muito doente, mãe. Deixa eu ajudar. Esses remédio custa muito caro.

**JOVINA** (*já convencida, mas fingindo diante das colonas*): Enfia o seu dinheiro!

**JUPIRA:** Serviu pro doutor! Por que não serve pra senhora?

**MARCELO** (*Contraí-se, revelando um grande mal-estar.*)

**JOVINA:** Aquele é o Iranide. Falta o Delci. (*Olha à sua volta.*) Onde será que anda esse excomungado? Com certeza, roubando manga no pomar da fazenda. (*Sorri maliciosamente.*) Lá tem demais. Idade pra trabalhar já tem: passou dos onze. Vontade também tem. Mas o que impede não sei, doutor. Sabe correr atrás de bola. Isso, sabe! O resto é miudeza! Como esse... (*Pára subitamente.*) Chupa o leite, não precisa morder. Se não sai é por que não tem mais. Se deixar, ele mastiga meus peito.

**MARCELO** (*olha Jovina, já contagiado por sua miséria*): Gostaria de ajudar. Se pudessem ter alguns alimentos, não precisariam comprar tantos remédios.

**JOVINA:** O Devair precisava era de ficar na Santa Casa, doutor. É disso que ele precisava. As água tá chegando, e com ela vem o mato.

**MARCELO:** Já expliquei que não há vagas. Obedecemos a uma lista de gravidade de casos.

**JOVINA:** O senhor mesmo disse que

meu filho tá muito doente!

**MARCELO:** Há casos mais graves na frente dele. Não posso fazer nada.

**JOVINA** (*subitamente*): Doutor! Leva meu filho agora. Não deixa ele aqui. A gente mora longe do comércio.

**JUPIRA:** Mãe! Deixa o Devair comigo. Eu moro perto da Santa Casa.

**JOVINA:** Deixar meu filho naquela boca do inferno?

**JUPIRA:** Eu queria sair desta casa, mãe!

**JOVINA:** E enquanto não saiu, minha casa virou porta de cadela viciada.

**JUPIRA:** Eu queria sair daqui de qualquer jeito!

**JOVINA:** Você queria sair e aquele pingueiro aceitou. (*Apona o marido.*) Ajudou abrir as suas pernas!...

**JUPIRA:** Você sempre teve ciúme de mim, mãe!

**JOVINA** (*controla-se, mas revela a terrível ligação*): Foi um braço que nós perdeu... Pra ir trabalhar no campo de pião mulambento.

**JUPIRA** (*agressiva*): Não vivo pior que aqui.

**JOVINA:** Ainda se fosse pra ganhar dinheiro. Puta de pião!

**DEVAIR:** Mãe! Não fala assim. A Jupira foi boa comigo. Ela pagou a Santa Casa. Eu tive que ficar na parte que paga. A outra tava cheia. Eu vou trabalhar, vou ficar bom, mãe... Antes que as águas chegue.

**JOVINA:** Claro que vai trabalhar. Era só o que faltava. Carlinda não presta nem pra lavar um pires. Seu pai só sabe agarrar na orelha da sóta... E no rabo daquela capeta! O resto só trabalha com o

mastigador!

**DEVAIR:** Não fala essas coisa, mãe!

**JOVINA** (*grita*): Falo! Falo! E vou continuar falando. Se você me faltar, como é que vai ser?

**CARLINDA** (*apavorada*): Não... Não!

**JOVINA** (*olha Carlinda*): Se Deus levasse quem devia.

**MARCELO** (*áspero*): Eu não falei em possibilidade de morte. E isso não depende de Deus.

**CARLINDA** (*sorri, aflita e ofegante, sacudindo a cabeça afirmativamente, como se quisesse confirmar o que Marcelo diz.*)

**JOVINA:** Se não é de Deus, então é de quem, doutor?

**MARCELO** (*não sabe como explicar*): Bem... É que....

**JOVINA:** Ainda se fosse doença dos peito, ou dos figo... Dava pra ajudar. Braço, perna é o que a gente precisa. É pra isso que a gente tem filho. (*Subitamente, volta-se para as colonas.*) Correu, nesta maldita colônia, de ponta a ponta, que usei Jupira pra ganhar mais terra do administrador. Ganhar mais terra pra quê? Terra pra gente não poder plantar nem um pé de limão?

**MARCELO:** Não pode plantar por quê?

**JOVINA:** Plantar pra gente não ver crescer?

**MARCELO:** Não ver crescer, por quê?

**JOVINA** (*incrédula*): O senhor parece que vive na lua, doutor! Não sabe das coisa! Porque a gente nunca vê.

**MARCELO:** Saí da faculdade há um ano. É a primeira vez que vou a uma casa como esta. Mas sempre ouvi dizer que não querem ter trabalho, por isso não plantam.

**JOVINA:** Plantar pra quê? Quando a terra tá pronta, é outro braço que semeia. Quando a flor vira fruto, é outra mão que colhe... E outra boca que come. Essa carência de tudo é uma lepra, doutor. A gente vai largando pedaço da gente por esse mundo a fora. (*Subitamente, olhando à sua volta.*) Doutor! O senhor precisava salvar meu filho. Tenho nove boca pra fazer comer.

**MARCELO** (*incomodado*): Ele vai ficar bom. Dois meses de tratamento...

**JOVINA** (*corta*): Dois mês?! Dois mês parado, doutor? O mato vai comer minha roça!

**MARCELO** (*acuado*): Já disse que vou ver o que posso fazer. Não depende de mim.

**JOVINA** (*angustizada*): Depende de quem, doutor? Fala! Quem sabe a gente pode ir pedir. Eu vou de joelho. Fala, doutor!

**MARCELO** (*anda, agitado, pela sala*): A Santa Casa está cheia. A de Ribeirão é a mesma coisa. As filas são grandes em toda parte. (*Descontrolado.*) Se dependesse de mim, não seria apenas o Devair que eu levaria...! (*Pára, subitamente, conscientizando, pela primeira vez, sua alienação.*) Parece mesmo que eu vivia em outro mundo. (*Olhando à sua volta.*) A gente aprende a ser médico, mas de algumas doenças... E não das piores. (*Consigo mesmo.*) O que se quer... É ser doutor.

(*De repente, Carlinda agarra a mão de Marcelo e fica olhando, fascinada como se nelas estivesse a única salvação.*)

**MARCELO** (*Incomodado, retira as mãos, olhando para eles, confuso.*)

**JOVINA** (*recolhendo o seio*): Chega, esfomeado! Já tá taludo, mas o desgraçado não desmama. Nisso, Deus foi bom comigo, doutor! Me deu leite bom e farto. (*Mostra o filho.*) Não está bem criado? Esse é o derradeiro... Chama Joaquim. A disgrama começa é depois que eles larga das teta.

**MARCELO** (*consigo mesmo*): Começa muito antes. (*Marcelo olha as receitas em sua mão; de repente, começa distribuindo a todos. As colonas pegam as receitas com receio.*) Podem pegar. (*Às outras.*) Não cobro nada. (*Impaciente.*) Pega!... (*Irritado, Marcelo agarra a mão de uma colona e enfia a receita. Ela fica olhando a receita como se fosse uma coisa indecifrável. Perdendo a paciência.*) Vocês também estão precisando. Todos! Será possível que não percebem o estado em que estão? (*Subitamente, faz menção de sair.*) Quem vai comigo para trazer os remédios?

**JUPIRA**: Eu.

**MARCELO**: Tenho muita amostra grátis. Posso ajudar também.

**JOVINA**: Obrigado, doutor. Deus abençoe o senhor.

**MARCELO** (*áspero*): Não me agradeça. É o que posso fazer.

**JOVINA**: O senhor é um santo.

**MARCELO** (*volta-se, retesado*): Santo? Por causa disso?

**JOVINA**: Quando que eu ia pensar que um doutor vinha na minha casa, só pra trazer meu filho! (*Assentimento cheio de admiração por parte dos colonos. Marcelo olha à sua*

*volta, parecendo envelhecido e doente. Instintivamente, olha Carlinda. Perdida em sua loucura, Carlinda sorri para as mãos de Marcelo.*

*Subitamente ela tem expressão de angústia, passando das mãos de Marcelo para o pé de Devair.*)

**JOVINA**: Que foi doutor?

**MARCELO** (*firmando-se*): Nada.

**JOVINA**: Parecia estar com doença braba.

**MARCELO** (*pausa*): Será que não estou? Estive durante seis anos numa porcaria de Faculdade e não aprendi nada. Nada! Fiquei na doença, sem procurar a causa. Não levantei os olhos de livros, não saí de salas de aulas, laboratórios, bibliotecas. Examinava corpos e não via as pessoas...!

**CARLINDA** (*Agita-se preocupada.*)

**MARCELO** (*procurando ainda se controlar*): É tudo uma merda! Já não sei mais o que pensar, nem por onde começar... (*De repente.*) Quando puder, eu opero o Devair.

**JOVINA**: Vai ter que rasgar o pé doutor?

**MARCELO**: Temos que cortar.

**JOVINA**: Cortar?

**MARCELO** (*áspero*): Isso mesmo: cortar o pé. Tirar isso fora.

**JOVINA** (*agarra-se em Marcelo*): Mas, doutor...

**MARCELO** (*tenta se desvencilhar, como se o contato de Jovina fosse repulsivo*): Me larga!...

**JOVINA** (*agarrada em Marcelo e arrastada por ele*): Espera, doutor...

**MARCELO** (*desesperado, empurra Jovina sem piedade*): Tira as mãos de mim!

**JOVINA:** Doutor! O Devair é quem ajuda...

**MARCELO** (*grita*): Não tenho nada com isso.

**JOVINA:** Tenho nove bocas pra fazer comer...

**MARCELO:** E eu, um pé que preciso cortar.

**JOVINA** (*escandalosa*): Estão querendo matar meu filho!

**MARCELO:** Há coisas que precisam ser amputadas também...

**JOVINA:** Não aleija meu filho!

**MARCELO:** ...E eu nem tinha consciência.

**JOVINA** (*tentando arranhar o rosto de Marcelo*): Maldito filho da puta! Foi pra isso que aprendeu a entender das letra?

**MARCELO** (*empurra Jovina com violência*): Não vê, sua burra, a vida que seus filhos estão levando? Como porcos... Vermes! Não percebe que está tudo gangrenando? Podre! Até eu! Ser médico pra quê? Pra quê. Tenho vontade de mandar tudo a puta que pariu também. (*Fremente.*) Condição excomungada, lazarenta. Não vê que estou com as mãos amarradas? É assim que consigo sobreviver. (*Grita.*) Não tenho outra saída. Nesse país infeliz, a miséria é uma indústria!

*(Subitamente, olha as mãos atônito, sentindo a inutilidade delas. Depois relanceia os olhos à sua volta, observando a expressão ansiosa dos colonos. Leva as mãos ao rosto, quando dá com a expressão desesperançada de Carlinda.)*

**CARLINDA** (*levanta-se, lentamente, tentando compreender, o que há de terrível no ar, não conseguindo*

*perceber*): Então... Quem? Quem?!

**JOVINA** (*pausa, ansiosa*): Responde, doutor! Fala alguma coisa! A gente sabe trabalhar na roça. Entende dos bicho daninho que pode matar as planta. Mantimento nosso só morre por falta de chuva. De trato, não! O senhor senta na mesa e come. Come o que a gente planta... E sem doença! Meu filho é o chefe da casa. Fala o que pode fazer por ele!

**MARCELO** (*angustiado*): A pior doença é outra... E pra ela... Não me ensinaram tratamento.

**JOVINA** (*hirta*): Que doença pior é essa, doutor? O senhor disse que ficou seis anos numa escola... Abrindo livro! Abriu o livro pra quê? Fala! Quem é que tá atando suas mão?

**MARCELO** (*Olha à sua volta, humilhado e não sabe responder.*)

**JOVINA** (*atônita e com compreensão apenas aflorada*): Então... A doença da gente... É que é sua roça? E por isso que nós não sai das farmácia? É assim que vocês consegue viver? Da nossa agonia?... (*Consigo mesma.*) Depois do Devair... Vai ser outro... E outro...! (*Jovina aperta o filho contra o peito, examina os colonos, passa um braço em volta de Carlinda, aconchega os filhos à sua volta, num gesto de defesa, formando uma penca de miséria. Jovina fecha os olhos e sua voz sai numa súplica desesperada.*) Nossa Senhora das mãe, do coração crivado de flexa! Faz alguma coisa! Não fica só

olhando aí de cima. Você também teve filho... Que agonizou nesse mundo...! *(Num crescendo.)* Devair vai morrer! Como os outros! Eu sei! Minha família...! *(Grita.)* Não! Isso não! Ai, meu Deus! Tenha piedade de nós! São Benedito. Valei-me! Santa Luzia! Volta seus olhos pra nós! Dolor! Corre aqui, Dolor!

**COLONOS** *(ao mesmo tempo que Jovina):* Não deixa, Jovina! Não deixa! Santa Rita! Santa mãe das mãe! São Pedro! São Paulo! Vai ficar aleijado! Santa Rita! Santa Luzia! São Gerônimo! Santa Bárbara! Chama todo mundo! Vamos rezar um terço!

*(Subitamente, não suportando a visão dos colonos indefesos, Marcelo volta-se e sai como se fugisse.)*

**JOVINA:** Doutor! Espera doutor! *(Jovina, desorientada, sai atrás de Marcelo, seguida por todos. O motor do carro é posto em funcionamento. Carlinda olha na direção da porta e se aproxima do pé de Devair, fascinada.)*

**CARLINDA** *(vai pra ele):* Deva! Deva! *(Toca no pé de Devair. E este solta um grito angustiado.)*

**DEVAIR:** Maldita boba! Sai daqui, excomungada! *(Carlinda olha à sua volta, como se procurasse alguma coisa muito importante. Depois levanta o colchão e tira uma garrafa de pinga.)*

**CARLINDA:** Deva! Quer um pouco? É do pai.

**DEVAIR:** Na garrafa mesmo. *(Carlinda levanta a cabeça de Devair deixando que ele beba bastante.)*

**DEVAIR:** Carlinda! Vê se tem outra garrafa.

**CARLINDA** *(passa a mão debaixo do colchão):* Tem duas.

**DEVAIR** *(ansioso):* Me dá mais, Carlinda.

**CARLINDA** *(vira a garrafa na boca de Devair):* Dói muito, Deva?

**DEVAIR:** Não aguento nem esse pano. Tira de cima de mim, Carlinda. Dói tanto que tenho vontade... De pegar o machado e cortar.

**CARLINDA:** Bebe que a dor passa. Mais, Deva. Bebe mais... Não quero que você sente dor. Bebe.

**DEVAIR** *(tenta se erguer e cai num gemido):* Ai! O doutor disse... Que se não cortar... Esse pretume aí sobe perna acima.

**CARLINDA** *(retesada):* Que adianta falar! Carecia é de cortar, Deva.

**DEVAIR:** Diz que não tem lugar na Santa Casa... E a gente não pode pagar.

*(Carlinda dá uma volta pela sala, meio desorientada, procurando se lembrar de alguma coisa. Olha em todas as direções, angustiada, tentando se lembrar.)*

**DEVAIR** *(já com voz pastosa):* Vou ficar... Como o Bastião Cotó... *(Ri.)* Melhor... Peço esmola!

**CARLINDA** *(sorri, lembrando-se. Corre para Devair):* Bebe! Bebe que passa tudo. *(Derrama a garrafa na boca de Devair, que já está sem defesa.)* Tudo! *(Carlinda senta-se, lentamente, e acaricia o rosto de Devair, numa mistura de loucura e sentimento maternal.)* Você trabalhou como ninguém, Deva. Suou de sol a sol. Arou, plantou, carpiu, colheu... Pra essa gente da cidade. E que foi que eles deu pra nós? Sabe? Eu ia na roça só pra ver você no eito. Ninguém varava primeiro.

Agachada debaixo da figueira,  
eu pensava: se ele não brotar  
primeiro no carreador... É porque  
Deus não tá olhando pra gente. E  
você dispontava... Com três,  
quatro, cinco braço!... Carpindo,  
enleirando, cantando, ensopado  
como se o corpo fosse mina  
d'água. Assim também era nos  
baile. Era pra isso que ia. Só pra  
ver você passar... Rodando...  
Rodando... Sem desprezo, com  
qualquer uma italiana ou escura.  
A gente não tem soberba... Deva!

*(Examina o rosto de Devair.)*

Deva! Deva!

*(Carlinda sacode Devair e constata  
que ele está dormindo. Depois toca no  
pé e Devair apenas se contrai.  
Carlinda sorri, satisfeita, e sai correndo.  
Ouvem-se, distantes, as vozes dos  
colonos em oração. Carlinda volta  
segurando um machado; ajeita o pé  
de Devair e levanta o machado com  
decisão, revelando músculos e força  
violenta em todo o corpo. Seu rosto  
contrai-se numa decisão terrível,  
enquanto as luzes se apagam.)*

**FIM**

## AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais, **livres de pagamento de direitos autorais.**

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1. 123, 8º andar - Tel. : (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

---

## CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Tel. : \_\_\_\_\_

Nome do diretor ou responsável: \_\_\_\_\_

Número de alunos ou sócios: \_\_\_\_\_

Idades: de \_\_\_\_\_ a \_\_\_\_\_ anos

Já realizou espetáculo teatral? \_\_\_\_\_

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? \_\_\_\_\_

---

Endereço: Secretaria do Estado da Cultura  
Revista Teatro da Juventude  
Rua Mauá, 51, 3º andar  
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP CEP 01028-907



**IMPrensa Oficial**  
SERVIÇO PÚBLICO DE QUALIDADE